

AS CONSTRUÇÕES DE TOPICALIZAÇÃO E DE  
DESLOCAMENTO À ESQUERDA NA FALA DE BRASILEIROS  
E PORTUGUESES

Carlos Eduardo Nunes Garcia

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro como quesito para a obtenção do Título de Mestre em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Orientadora: Mônica Tavares Orsini

Rio de Janeiro

Agosto de 2014

AS CONSTRUÇÕES DE TOPICALIZAÇÃO E DE  
DESLOCAMENTO À ESQUERDA NA FALA DE BRASILEIROS  
E PORTUGUESES

Carlos Eduardo Nunes Garcia

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro como quesito para a obtenção do Título de Mestre em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Orientadora: Mônica Tavares Orsini

Rio de Janeiro

Agosto de 2014

## CIP - Catalogação na Publicação

G216c Garcia, Carlos Eduardo Nunes  
As construções de topicalização e de deslocamento  
à esquerda na fala de brasileiros e portugueses /  
Carlos Eduardo Nunes Garcia. -- Rio de Janeiro,  
2014.  
127 f.

Orientadora: Mônica Tavares Orsini.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do  
Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de  
Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2014.

1. Construções de tópico marcado. 2. topicalização. 3.  
deslocamento à esquerda. 4. Português Brasileiro. 5.  
Português Europeu. I. Orsini, Mônica Tavares, orient.  
II. Título.

As construções de topicalização e de deslocamento à esquerda na fala de  
brasileiros e portugueses  
Carlos Eduardo Nunes Garcia  
Orientadora: Professora Doutora Mônica Tavares Orsini

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Examinada por:

---

Presidente, Professora Doutora Mônica Tavares Orsini

---

Professora Doutora Maria Eugenia Lammoglia Duarte – PPG Letras Vernáculas - UFRJ

---

Professor Doutor Sergio Leitão Vasco – Universidade Estácio de Sá

---

Professora Doutora Filomena de Oliveira Azevedo Varejão – PPG Letras Vernáculas - UFRJ, suplente

---

Professora Doutora Vera Lucia Paredes Pereira da Silva– PPG Linguística - UFRJ, suplente

Rio de Janeiro

Agosto de 2014

*Ao seu Garcia e à dona Dorinha.*

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, por tudo: por me permitir desde digitar estas duras teclas a conhecer as pessoas sem as quais este trabalho não seria.

Sempre que leio esta seção em outros trabalhos, percebo que nela há um pouco da história externa do trabalho. Dizem que o ato de um narrador é, antes de tudo, um ato de esquecimento, seja proposital ou não. Dessa forma, em segundo lugar, gostaria de agradecer àqueles de quem infelizmente não lembrarei, mas que contribuíram para esta pesquisa.

Agradeço aos meus pais, a dona Dorinha e o seu Garcia, pela educação que me deram, pelos puxões de orelha e por todo apoio que sempre me dão em momento decisivos da minha vida, incluídos os últimos meses de confecção deste trabalho. À minha irmã, Beth, por todo seu apoio.

À minha querida Tati, por todo seu amor e cumplicidade e por todas as noites que passou ao meu lado enquanto eu redigia esta dissertação. Sem você, nada disto seria possível. Muito obrigado por tudo!

A toda minha família, por suportar minha ausência nos últimos anos.

Aos meus amigos, Wanderson, Carlos e Paulo Jorge, muito obrigado pelo companheirismo nessa caminhada.

Ao Thiago R. Meyer, uma das pessoas mais espetaculares que conheci, cujo empenho em realizar os seus objetivos me dá inveja e me serve de exemplo.

Aos professores Luciana Vilhena, Monica Nobre, Leonardo Marcotulio, Violeta Virgínia, Ana Crélia e Marcia Machado, que, durante o curso de graduação, me iniciaram nos estudos sobre a língua portuguesa e seu ensino. A vocês devo uma considerável parte do que sou como professor e como iniciante pesquisador.

À professora Eliete Figueiredo, por todo apoio que sempre me deu.

À professora Maria Eugênia, por todo carinho com que me tratou nessa caminhada e pelo exemplo de pesquisadora.

Às professoras que me deram aula no curso de mestrado: Silvia Cavalcante, Eliete, Silvia Brandão, Lúcia Helena, Maria Eugênia, Marcia Machado e Silvia Vieira, por contribuírem para a minha formação.

Aos colegas da graduação e da pós: Thiago Laurentino, Carolina Lacerda, Gesieny, Robson, Ramon, Thiago Bahia, Amanda, Beatriz, Priscila, pelos momentos de aprendizado que tive com vocês.

Aos professores Sérgio Leitão Vasco e Maria Eugênia, por terem aceitado participar da banca examinadora deste trabalho. Às professoras Filomena Varejão e Vera Paredes, por terem aceitado ser membros suplentes.

À Mayara e ao Carlos, pelo auxílio na confecção do *abstract*.

Aos meus alunos, por serem meus mestres diariamente.

Aos trabalhadores do Brasil, por financiarem, desde o ensino fundamental, os meus estudos.

A Mônica, ela não é propriamente uma orientadora amiga, mas uma amiga-orientadora. Como já disse em outra ocasião, uma das dívidas que tenho com Deus é o fato de conhecê-la. Muito obrigado por tudo!

*“(...) já aprendi a contentar-me com as circunstâncias em que me encontre. Sei passar falta, e sei também ter abundância; em toda maneira e em todas as coisas estou experimentado, tanto em ter fartura, como em passar fome; tanto em ter abundância, como em padecer necessidade. Posso todas as coisas naquele que me fortalece”*



## RESUMO

GARCIA, C. E. N. *As construções de topicalização e de deslocamento à esquerda na fala de brasileiros e portugueses*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2014.

Este trabalho investiga as estratégias de topicalização e de deslocamento à esquerda na fala de brasileiros e portugueses. Topicalização e deslocamento à esquerda são estratégias de construção de tópico marcado em que o tópico – um constituinte externo, à esquerda da sentença – estabelece correferencialidade com um elemento no comentário. Na topicalização, exemplificada em (1) “[*esta história*]<sub>i</sub> você conta \_\_\_<sub>i</sub> lá dentro”, o tópico é retomado por uma categoria vazia; no deslocamento à esquerda, exemplificado em (2) “[*a moça que trabalha lá em casa*]<sub>i</sub> ela<sub>i</sub> é de Queimados, né?”, há vinculação do tópico a um pronome ou a um constituinte de igual valor. A pesquisa, fundamentada em estudos anteriores (cf. VASCO, 1999 e 2006; ORSINI & VASCO, 2007; PAULA, 2012), tem como aporte teórico a associação do modelo de estudo da mudança descrito por Weinreich, Labov e Herzog (1968) à Teoria de Princípios e Parâmetros (cf. CHOMSKY, 1981), que sustenta as hipóteses arroladas e a seleção dos grupos de fatores estruturais. Os dados foram coletados de 36 entrevistas que integram o acervo sonoro do Projeto *Concordância*, distribuídos por faixa-etária, gênero, grau de escolaridade e origem do informante. Objetiva-se, assim, (i) averiguar a frequência e o comportamento estrutural das referidas construções, numa perspectiva interlinguística e (ii) observar o grau de interferência do nível de letramento na frequência e em eventuais restrições impostas por cada sistema às construções de deslocamento à esquerda e de topicalização na gramática da fala de brasileiros e portugueses, visto que, segundo Duarte, Cyrino e Kato (2000), o PB passa por mudanças no que diz respeito à marcação dos Parâmetros do Sujeito Nulo e do Objeto Nulo, comportamento não observado na gramática da fala do PE. Estas diferenças paramétricas estão correlacionadas às ocorrências de topicalização e de deslocamento à esquerda em cada sistema. Os resultados, gerados a partir da variável grau de letramento, mostram que se, por um lado, o PB não possui restrições estruturais às ocorrências das construções estudadas, confirmando resultados de estudos anteriores sobre o tema, o PE as apresenta, uma evidência de que, no que tange à tipologia das línguas (cf. LI & THOMPSON, 1976), estes sistemas parecem se situar em pontos distintos deste *continuum*.

**Palavras chave:** Construções de tópico marcado, topicalização, deslocamento à esquerda, Português Brasileiro, Português Europeu.

## ABSTRACT

GARCIA, C. E. N. *As construções de topicalização e de deslocamento à esquerda na fala de brasileiros e portugueses*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2014.

This research investigates the strategies of topicalization and left-dislocated in the speech of Brazilian and Portuguese. Topicalization and left dislocated are construction strategies of marked topical in which topic – an external constitutional, left the sentence – referentiality sets with one element in the comment. In the topicalization - (1) “[*esta história*]<sub>i</sub> você conta \_\_\_\_<sub>i</sub> lá dentro”, the topic is taken up an empty category; the left shift - (2) “[*a moça que trabalha lá em casa*]<sub>i</sub> ela<sub>i</sub> é de Queimados, né?”, there tying the topic to a pronoun or a constituent of equal value. The research, based on previous studies (cf. VASCO, 1999 and 2006; ORSINI & VASCO, 2007; PAULA, 2012), has as the theoretical study of the association of the linguistic change described by Weinreich, Labov and Herzog (1968) model to Principles and Parameters theory (cf. CHOMSKY, 1981), which supports the hypothesis enrolled and the selection of groups of structural factors. Data were collected from 36 interviews that comprise the sound archives of the *Concordance Project*, distributed by age group, gender, education level and origin of the informant. The objective is, therefore, (i) to determine the frequency and the structural behavior of such constructions, in an interlinguistics view and (ii) degree of perspective to observe the interference level of literacy in frequency and any restrictions imposed by each system to the constructions of left- dislocated and topicalization in speech grammar of Brazilian and Portuguese, since, according to Duarte, Cyrino and Kato (2000), the PB undergoes changes with regard to the marking of the Null Subject Parameter and the Null Object Parameter, behavior not observed in the grammar of spoken EP. These parametric differences are correlated to instances of topicalization and left-dislocated in each system. The results generated from the variable degree of literacy show that, on the one hand, the PB has no structural restrictions on the occurrences of the studied constructions, confirming results of previous studies on the marked topic, but, on the other hand, the EP shows them. It is an evidence that, with respect to the typology of languages (cf. LI & THOMPSON, 1976), these systems are located in different points of these typological *continuum*.

**Keywords:** Marked topic, topicalization, left dislocated, Brazilian Portuguese, European Portuguese.

## **LISTA DE GRÁFICOS**

- 1.1 Complementaridade entre TOP OD e DE SUJ no decorrer dos quadros períodos (ORSINI, 2012: 193).
- 3.1 Distribuição das topicalizações no PB e no PE.
- 3.2 Distribuição das ocorrências de topicalização por faixa etária no PB.
- 3.3 Distribuição das ocorrências de topicalização por faixa etária no PE.
- 3.4 Distribuição geral de construções de deslocamento à esquerda no PB e no PE.
- 3.5 Distribuição das ocorrências de DE sujeito na fala dos homens por faixa etária no PB.
- 3.6 Distribuição das ocorrências de DE sujeito na fala das mulheres por faixa etária no PB.
- 3.7 Distribuição das ocorrências de DE sujeito na fala dos homens por faixa etária no PE.
- 3.8 Distribuição das ocorrências de DE sujeito na fala das mulheres por faixa etária no PE.

## **LISTA DE FIGURA**

- 2.1 Hieraquia de referencialidade proposta por Cyrino, Duarte e Kato (2000).

## LISTA DE QUADROS

- 1.1 Distribuição das CTs por período de tempo e por função sintática (DECAT, 1989).
- 1.2 Distribuição das CTs por estratégia (VASCO, 1999).
- 1.3 Referencialidade do SN tópico em construções de DE sujeito (ORSINI & PAULA, 2011: 119).
- 2.1 Distribuição das células do *corpus* Concordância para as entrevistas feitas no Rio de Janeiro.
- 2.2 Distribuição das células do *corpus* Concordância para as entrevistas feitas em Oeiras.
- 3.1 Distribuição das topicalizações por função sintática no PB.
- 3.2 Distribuição das topicalizações por função sintática no PE.
- 3.3 Natureza gramatical do tópico nas topicalizações no PB.
- 3.4 Natureza gramatical do tópico nas topicalizações no PE.
- 3.5 Configuração sintática da estrutura em que ocorre o tópico nas construções de topicalização no PB.
- 3.6 Configuração sintática da estrutura em que ocorre o tópico nas construções de topicalização no PE.
- 3.7 Referencialidade do SN tópico nas construções de topicalização no PB.
- 3.8 Referencialidade do SN tópico nas construções de topicalização no PE.
- 3.9 Presença ou ausência da preposição *versus* natureza semântica da preposição no PB.
- 3.10 Cruzamento preposição *versus* presença e ausência *versus* conteúdo semântico no PB.
- 3.11 Presença ou ausência da preposição *versus* natureza semântica da preposição no PE.
- 3.12 Cruzamento do grupo gênero e faixa etária nas topicalizações no PE [+letrado].
- 3.13 Cruzamento do grupo gênero e faixa etária nas topicalizações no PE [-letrado].
- 3.14 Distribuição das construções de deslocamento à esquerda segundo a função sintática do correferente a que o tópico está vinculado no PB.
- 3.15 Distribuição das construções de deslocamento à esquerda segundo a função sintática do correferente a que o tópico está vinculado no PE.
- 3.16 Distribuição das ocorrências de DE no PB conforme a configuração sintática, excluídos os casos de DE sujeito.
- 3.17 Distribuição das ocorrências de DE no PE conforme a configuração sintática, excluídos os casos de DE sujeito.

- 3.18 Cruzamento dos grupos natureza gramatical do tópico e natureza gramatical do correferente nos casos de DE, excluídos os casos de DE sujeito, no PB.
- 3.19 Cruzamento dos grupos natureza gramatical do tópico e natureza gramatical do correferente nos casos de DE, excluídos os casos de DE sujeito, no PE.
- 3.20 Cruzamento dos grupos *gênero* e *faixa etária* no PB nos casos de DE, excluídos os de DE sujeito.
- 3.21 Cruzamento dos grupos *gênero* e *faixa etária* no PE nos casos de DE, excluídos os de DE sujeito.
- 3.22 Referencialidade do SN tópico nos Deslocamentos à esquerda de sujeito no PB.
- 3.23 Configuração sintática DE sujeito – PB.
- 3.24 Constituição interna do SN tópico nos deslocamentos à esquerda de sujeito no PB.
- 3.25 Material interveniente entre tópico e correferente nos casos de DE sujeito no PB.
- 3.26 Cruzamento dos grupos natureza do tópico e natureza do correferente nos casos de DE sujeito no PB – [-letrados].
- 3.27 Cruzamento dos grupos natureza do tópico e natureza do correferente nos casos de DE sujeito no PB – [+letrados].

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CLUL	Centro Linguístico da Universidade de Lisboa
CN	Complemento Nominal
CT	Construção de tópico
DE	Deslocamento à esquerda
Demons.	Demonstrativo
DID	Diálogo entre informante e documentador
NURC	Projeto da Norma Urbana Linguística Culta
OBL	Oblíquo
OCO	Ocorrência
OD	Objeto Direto
OI	Objeto indireto
PB	Português Brasileiro
PE	Português Europeu
PEUL	Programa de Estudos sobre o Uso da Língua
PON	Parâmetro do Objeto Nulo
PRED	Predicado
Pron.	Pronome
PSN	Parâmetro do Sujeito Nulo
Sem.	Semântico
SN	Sintagma Nominal
SP	Sintagma Preposicionado
SUJ	Sujeito
SVO	Sujeito, verbo e objeto
TOP	Topicalização
TOP SUJ	Topicalização de sujeito
Tsuj	Tópico-sujeito
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
WLH	Weinreich, Labov e Herzog.

## SUMÁRIO

Introdução .....	17
1. Pontos de partida.....	20
1.1 O conceito de tópico marcado.....	20
1.2 As construções de tópico no PB e no PE.....	21
1.2.1 As construções de tópico marcado no PB.....	21
1.2.2 As construções de tópico marcado no PE.....	23
1.3 As construções de tópico na tradição gramatical.....	27
1.4 Os estudos sobre tópico marcado no PB e no PE.....	28
2. Pressupostos teóricos e metodológicos.....	48
2.1 Fundamentação teórica.....	48
2.1.1 O modelo de estudo da Mudança.....	48
2.1.2 Teoria de Princípios e Parâmetros.....	51
2.1.2.1 Mudanças paramétricas em curso.....	52
2.3 Tipologia das línguas, segundo Li e Thompson (1976).....	57
2.4 Refinando objetivos e hipóteses.....	59



2.5 Procedimentos metodológicos.....	60
2.5.1 A amostra.....	61
2.6 Grupos de fatores .....	63
2.6.1 Fatores linguísticos.....	63
2.6.2 Fatores sociais.....	73
3. Resultados .....	75
3.1 As topicalizações.....	75
3.2 Deslocamentos à esquerda.....	96
4. Considerações finais.....	121
5.Referências bibliográficas .....	123

## Introdução

No presente trabalho, investigamos, na modalidade oral, o comportamento das construções de topicalização e de deslocamento à esquerda no Português Brasileiro (PB) e no Português Europeu (PE). Essas estruturas, denominadas construções de tópico marcado por Mateus *et alii* (2003), apresentam, na periferia esquerda da sentença, um termo sobre o qual se faz uma proposição por meio de um comentário. Nas construções de deslocamento à esquerda, exemplificada em (1), o tópico é retomado na sentença-comentário por meio de um pronome ou outro elemento de igual valor. Na topicalização, por sua vez, o tópico vincula-se a uma categoria vazia, como se verifica em (2).

(1) [*A minha irmã*]<sub>i</sub>; ela<sub>i</sub> é formada em terapia ocupacional. (PB-A-3-M) <sup>1</sup>

(2) [*Tudo isso*]<sub>i</sub>; o exército ensinava \_\_\_\_<sub>i</sub> (PB-C-3-H)

Em (1), o tópico *a minha irmã* é retomado pelo pronome nominativo “ela” no interior do comentário. Nesse caso, ocorre um deslocamento à esquerda de sujeito, pois o correferente do elemento deslocado à esquerda ocupa a posição de sujeito da sentença. Já em (2), o tópico *tudo isso* ocuparia a posição de complemento do verbo *ensinar*, a qual se encontra vazia, constituindo-se, assim, uma topicalização de objeto direto.

Diversos autores têm estudado as construções de tópico marcado no PB. Pontes (1987) foi a pioneira no estudo dessas construções. A autora, tendo em vista a tipologia proposta por Li e Thompson (1976), classificou o PB como uma língua de tópico e de sujeito, pois apresenta, além das estruturas de sujeito-predicado, construções que se assemelham às construções próprias de línguas de tópico, as de tópico-comentário.

Orsini e Vasco (2007) analisam, de forma sistemática, as diferentes estratégias de construções de tópico nas falas culta e popular e confirmam os resultados de Pontes (*op. cit.*), mostrando que o PB possui características que o aproximam das línguas orientadas para o discurso, diferentemente do PE, que, segundo gramáticas descritivas, apresenta restrições estruturais às ocorrências de construção de tópico marcado, configurando-se, portanto, como uma língua de proeminência de sujeito (cf. MATEUS *et alii*, *op. cit.*; RAPOSO *et alii*, 2013).

Nesta perspectiva, o presente trabalho objetiva incrementar as discussões a respeito das construções de tópico marcado no PB e no PE, analisando as construções de topicalização e de

---

<sup>1</sup> Todos os dados da amostra, utilizados como exemplo, são identificados da seguinte forma: Língua\_I (PB ou PE), faixa-etária (A, B ou C), nível de escolaridade (1, 2 ou 3) e gênero (H ou M).

deslocamento à esquerda num *corpus* recente de língua oral, constituído por entrevistas feitas com falantes brasileiros e portugueses entre os anos de 2007 e 2010. Estas distribuem-se por faixa-etária, gênero e grau de escolaridade. Para o desenvolvimento deste estudo, foram associados os pressupostos da Teoria de Estudo da Mudança, proposta por Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]), e os da Teoria de Princípios e Parâmetros, de Chomsky (1981).

Segundo a Teoria de Estudo da Mudança, todo sistema linguístico é heterogeneamente ordenado, havendo fenômenos linguísticos variáveis que podem desencadear uma mudança, ao longo do tempo. Esta é condicionada por fatores linguísticos e sociais. Das diversas questões propostas por WLH (*ibidem.*), duas em especial interessam a este estudo: a questão das restrições e a do encaixamento. As diferenças de frequência das construções de topicalização e de deslocamento à esquerda, no PE e no PB, devem-se às restrições que atuam no primeiro e que parecem não atuar no segundo, em virtude desse fenômeno sintático estar encaixado num conjunto de mudanças em curso no PB e inexistentes no PE.

A descrição das características estruturais das construções de tópico, assim como a de qualquer fenômeno linguístico, necessita de uma teoria gramatical que sustente a análise desenvolvida, permitindo ao pesquisador fazer generalizações acerca da gramática de uma língua. Por isso, é necessária a associação da Teoria de Princípios e Parâmetros ao estudo da mudança. Para essa teoria, as línguas naturais possuem Princípios, que são universais, e Parâmetros, que são variáveis e que servem para diferenciar línguas.

Assim, se por um lado, o PB passou por mudanças paramétricas que convergiram para a constituição de uma nova norma linguística, que mescla aspectos conservadores do século XIX e aspectos inovadores decorrentes das mudanças já mencionadas (cf. ORSINI, 2012), o PE, por outro, parece não tê-las sofrido, acentuando as diferenças entre eles que, inclusive, são interpretados como Línguas-I distintas (cf. GALVES, 1998).

No primeiro capítulo desta dissertação, além da apresentação do conceito de tópico marcado, descrevemos as diferentes estratégias de construção de tópico marcado para o PB e para o PE; em seguida, o assunto é brevemente abordado segundo a descrição tradicional e as não tradicionais; por fim, resenhamos os resultados dos principais estudos empíricos sobre o tema.

Os pressupostos teóricos e metodológicos que norteiam este estudo se encontram no segundo capítulo, no qual também são encontrados os objetivos específicos e as hipóteses, a descrição detalhada da amostra utilizada e dos grupos de fatores selecionados.

No terceiro capítulo, apresentamos os resultados da análise dos dados encontrados. A partir desses resultados, no quarto e último capítulo, tecemos as considerações finais.

## 1. Pontos de partida

### 1.1 O conceito de tópico marcado

Berlink, Duarte e Oliveira afirmam que o PB “*apresenta dois tipos de relação predicativa*” (2009:152): as construções de sujeito-predicado e as construções de tópico-comentário. O primeiro tipo de relação predicativa está exemplificado em (1), e o segundo, em (2).

(1) A Nanci é muito legal.

(2) [A Nanci]<sub>i</sub>... ela<sub>i</sub> é muito legal. (PB-A-1-H)

A predicação ilustrada em (1), cuja classificação segue os estudos sobre a língua desde Aristóteles (cf. KATO e MIOTO, 2009), se caracteriza pelo fato de haver um predador a partir do qual são inseridos os elementos de determinada sentença. Em (2), por sua vez, há, na periferia esquerda da sentença, um sintagma, *A Nanci*, sobre o qual se faz um comentário, *ela é muito legal*. A classificação para o segundo tipo de predicação surgiu com o advento da linguística moderna.

De um modo geral, o termo “tópico” remete a um quadro de referência para o que se postulará no discurso (cf. CASTILHO, 2012, entre outros). Nesse sentido, tanto a frase (1) quanto a frase (2) possuem um tópico, *A Nanci*. No entanto, na primeira, o tópico discursivo coincide com o termo que ocupa a posição de sujeito, sendo, pois, um tópico não marcado sintaticamente; já nas construções de tópico marcado, como (2), o sintagma que preenche a posição de sujeito não é o tópico discursivo, que, por sua vez, ocupa uma posição específica, externa à sentença. O tópico marcado é, pois, o termo, externo à sentença, sobre o qual se faz uma declaração através de uma sentença comentário.

O fato de, muitas vezes, o termo que é tópico discursivo de uma sentença ocupar a posição de sujeito, constituindo uma construção de tópico não marcado, leva as gramáticas tradicionais a conceituar sujeito como “*o ser sobre o qual se faz uma declaração*” (CUNHA & CINTRA, 2008:136), como se, em todos os casos, o tópico ocupasse a posição de sujeito. Perini (2007) critica essa definição, mostrando, a partir do conjunto de frases em (3), que ela não conceitua satisfatoriamente a categoria sintática em questão.

(3) a) Carlinhos corre como um louco. (PERINI, *op. cit.*)

b) Carlinhos machucou Camilo. (*ibidem*)

c) Esse bolo eu não vou comer. (PERINI, *op. cit.*)

d) Em Belo Horizonte chove um bocado. (*ibidem*)

Assim, o conceito tradicional de sujeito garante a sua identificação em (a), uma vez que, nesse exemplo, o sintagma, *Carlinhos*, funciona, do ponto de vista gramatical, como sujeito e, do ponto de vista discursivo, como tópico. Já em (b), pode se dizer que existe uma declaração tanto sobre *Carlinhos* quanto sobre *Camilo*; em (c), o ser sobre o qual se faz uma declaração é *Esse bolo*, que é o tópico, e não o pronome pessoal *eu*, sujeito da frase; em (d), um tipo de oração tradicionalmente classificado como sem sujeito, qualquer falante do português poderia indicar que nela se faz uma declaração a respeito de *Belo Horizonte*.

## 1.2 As construções de tópico marcado no PB e no PE

As estratégias e a frequência das construções de tópico marcado no PB e no PE são distintas, havendo, porém, algumas semelhanças. Em função disto, optamos por descrevê-las separadamente.

### 1.2.1 As construções de tópico marcado no PB

No Brasil, o trabalho precursor de Pontes (1987) e, mais recentemente, o de Berlinck, Duarte e Oliveira (*op. cit.*) identificam as seguintes estratégias de construção de tópico marcado: anacoluto ou tópico pendente, deslocamento à esquerda, topicalização e tópico-sujeito.

a) *Anacoluto ou tópico pendente*

Nas construções de tópico pendente, o tópico não possui conectividade sintática com qualquer posição interna ao comentário. A única relação existente é semântica, como se observa no exemplo (4).

(4) [*Drama*] já basta a vida. (LEITE *et alii*, 1996: 321)

Em (4), o tópico *Drama* não tem nenhuma conectividade sintática com a sentença comentário, ou seja, não existe qualquer relação argumental entre o verbo da oração e o tópico, havendo apenas um quadro de referência semântica dentro do qual a predicação se insere.

b) *Deslocamento à esquerda*

No deslocamento à esquerda, exemplificado em (5), o tópico é retomado no interior do comentário por um pronome ou outro constituinte equivalente. Nessa construção, apesar de seu nome sugerir, não há movimento de constituinte, visto que existe um elemento lexicalmente exposto no comentário que com o tópico estabelece correferência.

(5) [*A moça que trabalha lá em casa*]<sub>i</sub> ela<sub>i</sub> é de Queimados. (PB-A-3-M)

O tópico *a moça que trabalha lá em casa* possui como correferente o pronome nominativo *ela*, que ocupa a posição de sujeito da sentença comentário.

c) *Topicalização*

A topicalização caracteriza-se pelo fato de o tópico estar vinculado a uma categoria vazia no interior da sentença, a qual permite a interpretação de que o elemento topicalizado se origina de movimento sintático, conforme se observa em (6).

(6) [*O Bruno*]<sub>i</sub> eu conheci \_\_\_\_<sub>i</sub> através do Paulo. (PE-B-2-H)

O tópico *O Bruno* vincula-se à categoria vazia na posição de objeto direto da frase (6). O tópico é, portanto, um argumento necessário para saturar a predicação da sentença.

d) *Tópico-sujeito*<sup>2</sup>

Nas construções de tópico-sujeito, termo cunhado por Pontes (*op. cit.*), reúnem-se diferentes estruturas em que o tópico ocupa a posição à esquerda de um verbo que não projeta argumento externo, como se observa em verbos meteorológicos (exemplo 7) e de alçamento (exemplo 8).

(7) [*Essas florestas*] chovem muito. (PB – redação de vestibular)

(8) Puro, integral, vitaminado, [*você*]<sub>i</sub> parece que \_\_\_\_<sub>i</sub> está fazendo anúncio de leite em pó. (ORSINI, 2012)

Em (7), o sintagma *essas florestas* e o verbo entram em relação de concordância, evidência de que o tópico ocupa a posição sintática de sujeito. Em (8), o sujeito da oração subordinada –

---

<sup>2</sup> Essas construções não são, de fato, estruturas de tópico marcado, já que o tópico se confunde com o sujeito.

*você* - é alçado para a posição à esquerda do *parecer*, mantendo-se, porém, a flexão do verbo da oração subordinada. Esta construção é derivada de outra: “Parece que você está fazendo anúncio de leite em pó”. Estas construções, embora ainda pouco frequentes, refletem a tendência de o PB evitar uma posição de sujeito expletivo vazia (cf. capítulo 2).

### 1.2.2 As construções de tópico marcado no PE

Duas gramáticas destacam-se na descrição das construções de tópico marcado licenciadas pelo PE: Brito, Duarte e Matos (2003) e Raposo *et alii* (2013). Tomando como ponto de partida o trabalho mais recente, que faz, por sua vez, referência ao anterior, identificamos no PE três estratégias de construção de tópico marcado, que apresentam subclassificações: tópico não retomado por uma expressão interna ao comentário, tópico retomado no comentário e tópico correspondente a um constituinte interno ao comentário, sem retomada lexical.

#### *a) Tópico não retomado por uma expressão interna ao comentário*

Este tipo de estrutura, denominada por Brito, Duarte e Matos (*ibidem.*) de tópico pendente, caracteriza-se (i) por exibir um grau mínimo de sintatização, (ii) por obedecer somente à Condição de Relevância, a qual exige que o comentário seja relevante sobre o tópico, (iii) por funcionar, no plano textual, como forma de introdução de um tópico de transição e (iv) pela possibilidade de o tópico poder ser um SN ou ser regido por preposição ou locução preposicional.

#### (9) “[*sobremesas*], como vê, temos laranjas” (RAPOSO *et alii, ibidem*)

Como se verifica no exemplo (9), o tópico *sobremesas*, que é um SN, não possui conectividade sintática com nenhum elemento interno ao comentário, exibindo, pois, um grau mínimo de sintatização. Há apenas uma relação de hiperonímia com o constituinte *laranjas*, o que assegura a relevância entre o tópico e o comentário.

#### *b) Tópico retomado no comentário*

Há no PE duas construções deste tipo.



### b1) *Deslocamento à Esquerda de Tópico Pendente*

Neste caso, o tópico é retomado por um epíteto (exemplo 10) ou um pronome (pessoal ou demonstrativo) – exemplo 11, havendo entre os termos conformidade de traços gramaticais de pessoa, gênero e número, sem, porém, conformidade de caso.

(10) [*O João*]<sub>i</sub>, não sei quem possa simpatizar com esse anormal<sub>i</sub>. (Raposo *et alii*, *op. cit.*: 410)

(11) [*O João*]<sub>i</sub>, não sei quem possa simpatizar com ele<sub>i</sub>. (*ibidem*: 411)

Deslocamentos à esquerda de tópico pendente não são sensíveis a ilhas sintáticas<sup>3</sup>, sendo gramaticais construções como (12), em que o correferente se encontra no interior de uma oração relativa. Outra característica dessas estruturas é sua limitação a contextos de frases-raiz, não ocorrendo, dessa maneira, em orações subordinadas.

(12) [**O João**]<sub>i</sub>, conheço a pessoa que *lhe*<sub>i</sub> ofereceu um livro nos anos. (*ibidem*: 414)

Cabe ressaltar que, em (12), apesar de o correferente ser um clítico, o tópico é um SN, não havendo, portanto, identidade de caso, o que evidencia o baixo grau de sintatização entre tópico e correferente.

Raposo *et alii* afirmam que, na língua oral espontânea, é frequente o tópico ser retomado por uma expressão idêntica, comentário que legitima dados encontrados em nosso *corpus*, como em (13).

(13) [*inglês*]<sub>i</sub> falo *inglês*<sub>i</sub> (PE-B-3-M)

### b2) *Deslocamento à Esquerda Clítica*

Nessa construção, ilustrada em (14), o tópico vincula-se obrigatoriamente a um pronome clítico no comentário, com o qual mantém conformidade referencial, categorial, casual e temática, tendo, por isso, um elevado grau de sintatização. O tópico *os gerentes*, em (14), exhibe conformidade referencial, categorial, casual e temática com o constituinte interno ao comentário *os*.

---

<sup>3</sup> O termo Ilha está sendo empregado neste trabalho como sendo uma barreira sintática que inviabiliza o movimento de constituintes. São ilhas fortes as orações relativas, as adverbiais e as completivas de sujeito.

(14) “... [os gerentes]<sub>i</sub>, trata-os<sub>i</sub> como se fossem míseros contínuos” (RAPOSO *et alii*, *op. cit.*: 412)

Como já discutimos no item (b1), não basta que o correferente seja um clítico para que se classifique uma construção como de deslocamento à esquerda clítica; tem de haver identidade categorial entre tópico e correferente. Dessa forma, (15) é um exemplo de deslocação à esquerda de tópico pendente, já que o tópico é um SN e não um SP, mas, em (16), há uma ocorrência de deslocamento à esquerda clítica.

(15) [O João]<sub>i</sub>, a Maria ofereceu-lhe<sub>i</sub> um livro no dia dos anos (*ibidem*: 413)

(16) Disseram-me que [ao João]<sub>i</sub>, não lhe<sub>i</sub> pagaram o ordenado este mês. (MATEUS *et alii*, *op. cit.*: 495)

A Deslocação à Esquerda Clítica é sensível a ilhas, conforme se observa na agramaticalidade de (17), e é iterativa, ou seja, pode haver mais de um tópico por oração, como demonstra o exemplo (18).

(17) \*[Ao João]<sub>i</sub>, não encontro artigos [que lhe<sub>i</sub> possam ser úteis]. (*ibidem*)

(18) [À Maria]<sub>i</sub>, [essa história]<sub>j</sub>, ainda ninguém lha<sub>ij</sub> contou. (*ibidem*)

c) Tópico correspondente a um constituinte interno ao comentário, sem retomada lexical.

#### *c1) Topicalização*

Nessa construção, há um elevado grau de sintatização, uma vez que o tópico respeita integralmente as propriedades de subcategorização e de seleção do predicador verbal. O exemplo (19) ilustra esta estratégia, já que o tópico *Piscina* está vinculado à categoria vazia no interior da sentença.

(19) [Piscina]<sub>i</sub>, não sabia que tinha \_\_\_\_<sub>i</sub>. (RAPOSO *et alii*, *op. cit.*:417)

Em relação à possibilidade de ocorrência em ilhas, a topicalização se comporta de forma semelhante às construções de deslocamento à esquerda clítico, sendo agramatical uma construção como (20), em que a categoria vazia se encontra no interior de uma oração subordinada adverbial temporal.

(20) \**[Nesse político]<sub>i</sub>*, os meus amigos ficam doentes quando as pessoas não votam \_\_\_<sub>i</sub>  
(RAPOSO *et alii*, *op. cit.*:417)

*c2) Topicalização Não Canônica<sup>4</sup>*

Nesse tipo de topicalização, exemplificada em (21), embora se verifique a conectividade referencial e temática entre o tópico e a categoria vazia, não há entre eles conectividade categorial e casual, decorrente da supressão da preposição *de* no tópico.

(21) *[Essa cerveja]<sub>i</sub>* eu não gosto \_\_\_\_<sub>i</sub> (MATEUS *et alii*, *op. cit.*:501)

Esse tipo de topicalização tende a ocorrer em contexto de frase-raiz e está restrito aos casos em que a preposição ausente possui menos conteúdo semântico, como demonstra a agramaticalidade de (22):

(22) \* *[O João]<sub>i</sub>* conversei \_\_\_<sub>i</sub> na festa (*ibidem*)

Para Raposo *et alii* (*op. cit.*), o fato de uma preposição possuir mais ou menos conteúdo semântico se deve a sua relação com o verbo. Por exemplo, é variável a relação da preposição *de*, que pode ser suprimida em frases como (21), mas não em frases como (23), em que a preposição exprime a origem do movimento expresso pelo verbo *vir*. Dessa forma, em (21) a referida preposição possui menos conteúdo semântico, enquanto em (23) possui mais conteúdo semântico, o que é evidenciado pela agramaticalidade atribuída a essa frase pelos autores.

(23) \* *[Paris]<sub>i</sub>* só vim \_\_\_<sub>i</sub> ontem (*ibidem*:422)

Conforme veremos mais adiante, estudos sobre as construções de tópico marcado no PB mostram que as restrições presentes no PE não são encontradas naquele sistema, corroborando a hipótese de que PB e PE se comportam de maneira distinta.

Embora existam diversas estratégias de construção de tópico, concentramos este estudo na análise das construções de topicalização e de deslocamento à esquerda, conforme expusemos na introdução deste trabalho.

---

<sup>4</sup> Em Brito, Duarte e Matos, recebe o nome de *Topicalização Selvagem*.

### 1.3 As construções de tópico marcado na tradição gramatical

Além da confusão que a descrição tradicional estabelece entre os conceitos de sujeito e tópico, discutida em 1.1, as gramáticas analisadas tratam as construções de tópico marcado como marginais na língua, inserindo-as no rol das figuras de linguagem. Cunha e Cintra (*op. cit.*), Bechara (2009) e Rocha Lima (1972) classificam, por exemplo, construções de deslocamento à esquerda ora como objeto pleonástico ora como anacoluto. Abaixo, seguem algumas construções arroladas por Cunha e Cintra.

(24) **Palavras** cria-**as** o tempo e o tempo as mata. (CUNHA & CINTRA, *op. cit.*: 157, grifo dos autores)

(25) **A mim** ensinou-**me** tudo (*ibidem*: 159)

(26) **Um**as carabinas **que guardava atrás do guarda-roupa**, a gente brincava **com elas**, de tão imprestáveis. (*ibidem*: 644)

Segundo Cunha e Cintra (*ibidem.*), (24) é um caso de objeto direto pleonástico, (25), objeto indireto pleonástico e (26), anacoluto. Para eles, as construções (24) e (25) são utilizadas quando se quer realçar o complemento verbal; (26) é um anacoluto, uma vez que o SN inicial não está conectado com a oração principal, não havendo conectividade sintática entre SN e oração.

Rocha Lima (*ibidem*), por sua vez, ao se referir à figura de linguagem anacoluto, diz que essa estrutura é um desvio do padrão sintático por razões psicológicas de quem a produz. Nesse sentido, o autor afirma que

Consiste essa figura [anacoluto] numa desconexão sintática, resultante do desvio do plano de construção de frase. Iniciada com determinada estrutura, ela se interrompe de súbito e envereda por outro rumo. (...) Quase sempre, o que determina o anacoluto é a colocação, no rosto do período, do elemento de maior relevo psicológico. Nele se concentra por tal forma o nosso interesse, que não prestamos atenção à regularidade sintática e o deixamos a valer por si, sem ligação com os demais membros da frase (*op. cit.*:454)

Nessa passagem, percebe-se que o autor mistura argumentos de ordem sintática e pragmática. Contudo, quando cita o fato de determinado elemento de maior relevo ser colocado no início do período, parece deixar subjacente a noção de tópico marcado. A frase (27) é utilizada por ele como um exemplo de anacoluto.

(27) E o desgraçado, tremiam-lhe as pernas e sufocava-o a tosse. (*ibidem*: 454)

Bechara (2009) afirma que a ordem direta é a mais usual no PB. O gramático utiliza o termo topicalização, de forma genérica, para remeter-se a uma forma de identificação do complemento direto, como ilustrado em (28).

(28) *O lobo*, o caçador o viu. (ROCHA LIMA, *op.cit.*: 417)

Segundo a terminologia adotada neste trabalho, o exemplo (28) é um caso de DE, já que o tópico *O lobo* é retomado no interior do comentário pelo clítico *o*.

Assim, observamos que as gramáticas normativas não abordam o fenômeno das construções de tópico à luz de teorias linguísticas modernas, sendo essas construções tratadas ora como figuras de linguagem, ora como constituintes pleonásticos.

#### 1.4 Os estudos sobre tópico marcado no PB e no PE

Inúmeros trabalhos, de cunho sincrônico e diacrônico, fundamentados em diferentes teorias gramaticais e com metodologias variadas, foram desenvolvidos nas últimas décadas sobre as construções de tópico marcado no PB e, ainda que de forma menos expressiva, no PE. Nesta seção, resenhamos aqueles cujos resultados contribuíram para o presente estudo, tanto no que se refere à fundamentação teórico-metodológica, quanto no que diz respeito à análise dos dados.

Pontes (*op. cit.*) foi pioneira no estudo das construções de tópico no PB. Nesse trabalho, a autora analisou, de forma intuitiva, dados da fala culta de Belo Horizonte e de alguns textos escritos. Sua investigação contribuiu para a identificação e descrição das quatro estratégias de construção de tópico existentes no PB (cf. seção 1.2.1). Nesta perspectiva, sua pesquisa inova na medida em que, com base na tipologia das línguas de Li e Thompson (1976), caracteriza o PB como uma língua mista, isto é, uma língua de proeminência de tópico e de sujeito, afastando-se da percepção tradicional de ser o português brasileiro uma língua de proeminência de sujeito.

Para confirmar seu postulado, a linguista refere-se às construções de duplo sujeito, caracterizadas por Li e Thompson como prototípicas das línguas de tópico, em que há, conforme o exemplo (29), um tópico (*Aquelas árvores*), cuja função é estabelecer um quadro de referência para o que se enunciará a seguir (*os troncos são grandes*), externo à sentença, que, segundo a autora, está completa.

(29) Aquelas árvores os troncos são grandes. (PONTES, *op. cit.*:13)

Segundo Pontes, esse exemplo assemelha-se a diversas construções encontradas na linguagem coloquial, como (30).

(30) O Mardônio pifou o freio de mão do carro. (*ibidem*)

Nesse exemplo, o tópico *O Mardônio* anuncia o assunto sobre qual se comentará, tendo como paráfrase o seguinte enunciado: *acerca do Mardônio eu desejo declarar que pifou o freio de mão do carro dele*. Note-se que, tanto em (29) quanto em (30), poderia se dizer que os tópicos estão vinculados sintaticamente a nomes na sentença (*troncos* e *carro*, respectivamente), mas esse vínculo é fraco, uma vez que a preposição não está presente em nenhum dos casos. Segundo a autora, o fato de a preposição não ser obrigatória em português nos casos acima aproxima essa língua de línguas como o chinês, classificada como uma língua de tópico.

Decat (1989) analisa, numa perspectiva diacrônica, as construções de tópico em correspondências e diários dos séculos XVIII, XIX e XX. Nesse estudo, a autora adota os pressupostos da Teoria da Mudança associando-os aos da Teoria Gerativa, a fim de verificar se a existência dessas construções seria reflexo de uma mudança no sistema pronominal.

A autora não encontrou nenhum caso de tópico-sujeito. Os casos de topicalização e de deslocamento à esquerda foram agrupados e totalizaram 99 ocorrências, distribuídas por período de tempo e por função sintática do correferente, conforme se verifica no quadro 1.1. Os exemplos (31) e (32) ilustram casos de retomada por sujeito e por complemento, respectivamente.

Período de tempo	Sujeito	Complemento	Total
1ª metade século XVIII	1 (16,7%)	5 (83,3%)	6 (100%)
2ª metade século XVIII	15 (33,3%)	30 (66,6%)	45 (100%)
1ª metade século XIX	8 (38%)	13 (62%)	21 (100%)
2ª metade Século XIX	3 (15%)	17 (85%)	20 (100%)
1ª metade século XX	1 (14,3%)	6 (85,7%)	7 (100%)

Quadro 1.1: Distribuição das CTs por período de tempo e por função sintática. (DECAT, *ibidem*)

(31) [*Os mares da Bahia*] parece que \_\_\_i foram escolhidos para o teatro das novas proezas (DECAT, *op. cit.*: 118)

(32) [*As fortalezas todas*] achei \_\_\_i muito bem reedificadas (*ibidem*: 125)

Segundo a linguista, o fenômeno das construções de tópico não está isolado no sistema, uma vez que o aumento da frequência de uso dessas construções estaria relacionado ao desaparecimento dos clíticos no PB e à alteração da posição do sujeito nesse sistema. No que diz respeito ao desaparecimento dos clíticos, a autora verificou que, até o período III (1º metade do século XIX), o percentual de ocorrência de construções com correferentes clíticos ultrapassava os 50% (60%, 66,6% e 53,8%, respectivamente); já a partir da 2º metade do século XIX (período IV), houve uma queda no índice de ocorrência de clíticos correferentes, o que reflete a tendência de o PB suprimi-los ou substituí-los por pronomes tônicos, conforme veremos no capítulo 2 deste trabalho.

Para a autora, “à medida que se foi processando o desaparecimento da morfologia de caso e a supressão dos clíticos, a ordem no sistema foi-se tornando mais rígida, chegando ao ponto de ser, ela própria, um marcador de função sintática” (*ibidem*: 127). Dessa forma, diacronicamente, as construções de tópico, juntamente com a perda dos clíticos, contribuíram para a fixação da ordem no sistema.

Retomando a questão dos correferentes, a autora compara seus resultados com o estudo de Pontes, que além das construções de topicalização e de deslocamento à esquerda, encontrou construções de anacoluto e de tópico-sujeito. Segundo Decat, no PB contemporâneo, a retomada já reflete a mudança ocorrida no sistema, uma vez que, quando o correferente é expresso lexicalmente, ele é preferencialmente um pronome tônico ou uma expressão anafórica.

Já em relação ao fato de não ter encontrado nenhum caso de tópico-sujeito em seu *corpus*, a autora afirma que essas estruturas somente apareceram no PB atual por conta da mudança na morfologia verbal que não tinha se implementado à época em que as cartas e diários do *corpus* analisado foram produzidos.

Assim, Decat mostra que a alteração da morfologia verbal acarretou dois tipos de mudança no PB:

- a) A inserção do pronome lexical sujeito, para possibilitar a interpretação do traço de pessoa que se perdeu com o enfraquecimento da flexão, o que é mais bem detalhado no estudo de Cyrino, Duarte e Kato (2000);
- b) A interpretação do tópico como sujeito, com a ativação, inclusive da concordância verbal. Essa interpretação acontece, segundo a autora, devido ao Princípio de Transparência, segundo o qual à determinada estrutura opaca deve ser atribuída alguma interpretação.

Callou *et alii* (1993) estudam os aspectos sintáticos e prosódicos das construções de topicalização e de deslocamento à esquerda no PB, com dados de fala culta, coletados do acervo sonoro do projeto NURC (Projeto *Norma Urbana Culta*), a fim de diferenciar as construções de tópico-comentário das construções de sujeito-predicado. Após a análise quantitativa, dois fatores sintáticos foram selecionados como relevantes para a caracterização e a frequência das estratégias em estudo: a posição sintática do elemento coindexado e a natureza do tópico *versus* a natureza do correferente.

Em relação à posição sintática do correferente, pode se observar, nos resultados obtidos pelos autores para as construções de topicalização, que, nas orações absolutas, a função sintática preferencial a que se refere o tópico é a de objeto direto, exemplificada em (33), enquanto nos deslocamentos à esquerda, a posição preferencial é a de sujeito, ilustrada em (34).

(33) [*A passagem*]<sub>i</sub> eu compro \_\_\_<sub>i</sub> a prazo. (CALLOU *et alii*, *ibidem.*: 232)

(34) [*Eles*]<sub>i</sub> também *eles*<sub>i</sub> comem muitas coisas (*ibidem*)

No que tange ao resultado do cruzamento dos grupos natureza do tópico e natureza do correferente, os percentuais encontrados foram os seguintes: 46% das construções apresentam a estrutura *SN tópico – SN correferente* (exemplo 35); 34%, *SN tópico – correferente pronome* (exemplo 36) e 20%, *tópico pronome – correferente pronome* (exemplo 37). Não houve nenhum caso de pronome retomado por SN.

(35) [*O café*]<sub>i</sub>... em casa o *café*<sub>i</sub> é muito demorado (*ibidem*: 322)

(36) Então [*a minha de onze anos*]<sub>i</sub>... *ela*<sub>i</sub> supervisiona o trabalho dos cinco (*ibidem*: 320)

(37) [*Eles*]<sub>i</sub> também *eles*<sub>i</sub> comem muitas coisas (*ibidem*: 232)



Os fatores prosódicos analisados pelos autores foram (i) o padrão entonacional (ii) a pausa e (iii) o número de sílabas da construção ‘pós-tópica’. Os resultados revelam que não há, do ponto de vista prosódico, uma distinção nítida, embora, para as topicalizações, o padrão prosódico mais frequente seja o ascendente enquanto, para os deslocamentos à esquerda, seja o descendente. Os autores concluem que a estrutura sintática determina os padrões entonacionais. Para eles, a marca prosódica distingue construções de tópico das construções SVO, mas não diferencia topicalização de deslocamento à esquerda.

Esse resultado é, porém, contestado por Orsini (2003) que, ao fazer uma análise prosódica do sintagma-tópico de construções de topicalização e de deslocamento à esquerda, verifica que

- a) O padrão ascendente, sem pausa, é recorrente entre as construções de SUJ/PRED e de topicalização, evidenciando que o sistema não parece diferenciar, por meio da curva entonacional, essas construções.
- b) O padrão descendente, com pausa, é próprio das construções de deslocamento à esquerda.

Esse resultado reforça a tese de que o PB possui dois módulos independentes – um sintático e outro prosódico – que interagem.

Retomando o trabalho de Callou *et alii* (*op. cit.*), outra conclusão a que chegam é a de que existe uma complementaridade entre as construções de topicalização, que tendem a ser de complemento, e de deslocamento à esquerda, em que o tópico costuma ser retomado por elementos que ocupam a posição de sujeito. Esse resultado já é reflexo da mudança na marcação dos Parâmetros do Sujeito Nulo e do Objeto Nulo, conforme se discutirá no capítulo 2.

Na esteira do trabalho de Callou *et alii*, está o estudo de Leite *et alii* (*op. cit.*), que, a partir do mesmo *corpus*, analisam outros grupos de fatores prosódicos e sintáticos, como, por exemplo, a presença ou ausência de preposição no tópico nas construções de topicalização de oblíquo nuclear e de topicalização de oblíquo não nuclear, além de levarem em conta aspectos sociais e compararam as construções de tópico às construções com movimento de adjunto.

No que se refere à presença ou ausência de preposição, Leite *et alii* relatam que a sua presença ou ausência está diretamente relacionada ao conteúdo semântico do constituinte inicial. Os únicos adjuntos acéfalos veiculam a noção de tempo, enquanto os tópicos sem preposição tendem a ser os que abarcam a noção de lugar, como (38), e os que significam o

tema do nome, ou seja, o seu complemento (não argumental, na descrição de Mira Mateus *et alii*, 2003), como (39). Os fatores sociais não foram relevantes nessa análise.

(38) *Parisi*<sub>i</sub>, eu não pago hotel \_\_<sub>i</sub>. (LEITE *et alii*, *op. cit.*: 334)

(39) *O comércio brasileiro*<sub>i</sub> eu não chego a ter ideia \_\_<sub>i</sub>. (*ibidem*)

Vasco (1999), em estudo inédito, empreende uma análise comparativa das falas do PB e do PE no que diz respeito às estratégias de construção de tópico marcado, descritas nas seções 1.2.1 e 1.2.2 deste capítulo. Para sua análise, o autor utilizou dados de doze entrevistas do projeto NURC para o PB e 18 entrevistas do *corpus* Português Fundamental<sup>5</sup>, sendo ambas as amostras de fala culta. A distribuição das construções de tópico por sistema encontra-se quadro 1.2.

Estratégia de CT	PB		PE	
	OCO	%	OCO	%
Anacoluto	50	12	11	12
DE	116	28	19	21
TOP	211	51	62	67
Tsuj	38	9	-	-
Total	415	100	92	100

Quadro 1.2: Distribuição das CTs por estratégia (VASCO, *op. cit.*).

O quadro 1.2 mostra que a estratégia tópico-sujeito foi encontrada somente no PB (9%), e que os anacolutos têm uma frequência idêntica nos dois *corpora* (12%). No PB, a estratégia de topicalização foi a mais recorrente, com 51% dos casos; já a estratégia de deslocamento à esquerda alcançou o índice de 28% do total das ocorrências de construção de tópico. No PE, as topicalizações somaram 67% do total de construções encontradas nesse sistema, ao passo que as construções de deslocamento à esquerda reúnem 21% dos dados.

<sup>5</sup> Segundo o autor, a diferença na quantidade de entrevistas deve-se ao fato de as entrevistas do PE serem mais curtas que as do PB.

Segundo o autor, todas as ocorrências de anacoluto encontradas no PB são semelhantes aos exemplos de duplo-sujeitos arrolados por Li e Thompson (*op. cit.*), conforme se observa em (40).

(40) *Corrida de cavalo* eu nunca fui ao Jockey Clube. (VASCO, *op. cit.*: 74, grifo do autor)

Em relação às construções de DE analisadas pelo autor, do total de ocorrências no PB, 82% (95 casos) têm como correferente um elemento que ocupa a posição de sujeito, enquanto as retomadas lexicais na função de objeto direto somam 9,5% (11 casos), seguidas pelos casos em que a correferência se dá com um oblíquo (7,5%). No PE, por sua vez, a maior parte das retomadas (52,5% - 10 casos) acontece por meio de um elemento que ocupa a posição de objeto direto, seguido pela estrutura de deslocamento à esquerda de sujeito (37% - 7 casos). Contudo, é fundamental assinalar que, neste tipo de construção, a forma de retomada é diversa, se comparamos PB e PE. O linguista verificou que no PB, em 79% das ocorrências (75 dados), houve uma retomada pronominal, exemplificada em (41); já no PE, apenas 29% das retomadas (2 dados) se deram por um pronome que, nesse caso, sempre era idêntico ao pronome que estava na posição de tópico, como em (42).

(41) [A escola técnica]<sub>i</sub> ela<sub>i</sub> dava uma formação técnica muito boa. (*ibidem*: 79)

(42) [ele]<sub>i</sub>, fisicamente coitado, ele<sub>i</sub> bem diz que tem uma boa perna. (*ibidem*: 80)

No PE, conforme indicam os resultados do autor, não houve casos de SN tópico retomado por pronome nominativo, o que diferencia esse sistema do PB, em que esse tipo de construção, ilustrado em (41), tem se mostrado recorrente.

Na análise da estratégia de deslocamento à esquerda de sujeito, Vasco considerou os seguintes fatores sintático-discursivos: (i) adjacência *versus* não adjacência, (ii) contextos iniciais *versus* contextos subordinados, (iii) classe do elemento deslocado, (iv) área esquerda, (v) *status* informacional do tópico, (vi) peso silábico do SN tópico, (viii) interposição de elementos e (ix) pausa.

O grupo adjacência *versus* não adjacência diz respeito ao fato de o tópico e o seu correferente estarem ou não dentro de uma mesma oração. Segundo Brito, Duarte e Matos (*op. cit.*), construções de deslocamento à esquerda sem adjacência sintática estão restritas a contextos em que o tópico possui valor de foco, ou seja, tem um valor enfático. Porém, no PB,

apesar do reduzido número de dados - apenas 2 em 75, o tópico sem adjacência não é foco discursivo (exemplo 43).

(43) e [*o comércio*]<sub>i</sub>, acho que *ele*<sub>i</sub> é sábio né. (VASCO, *op. cit.*: 81)

O grupo de fator área esquerda diz respeito à definitude do SN tópico. Nesse caso, do total de ocorrências no PB, 87,5% dos SNs são definidos, como em (44), e 12,5%, indefinidos, como em (45), o que aponta para a interpretação de que no PB não há restrições quanto ao traço semântico do SN tópico.

(44) [*Essa minha empregada antiga*]<sub>i</sub> *ela*<sub>i</sub> morreu. (*ibidem*: 84)

(45) [*Um apartamento com um banheiro só*]<sub>i</sub> *ele*<sub>i</sub> já vale menos (*ibidem*)

Em relação ao status informacional do SN no PB, Vasco observou que, nos casos de DE sujeito, tópico com o referente dado ou inferível é mais recorrente, embora tenham sido encontrados 9,5% de ocorrências de tópico com o *status* de novo.

Os dois casos de DE sujeito encontrados pelo autor no PE apresentam material interveniente entre tópico e comentário, conforme exemplo (46). No PB, porém, existe uma incidência maior de construções sem material interveniente (56%), como em (47).

(46) [*eu*]<sub>i</sub> portanto *eu*<sub>i</sub> dizia. (*ibidem*: 80)

(47) Então [*os filhos*]<sub>i</sub> *eles*<sub>i</sub> vivem nessa circunstância. (*ibidem*: 82)

Analisando as ocorrências de deslocamento à esquerda de objeto direto e de objeto indireto, o autor não detectou nenhum caso de deslocamento à esquerda com retomada clítica no PB, o que confirma o fato de esses elementos não serem mais produtivos no sistema, sendo substituídos por um SN idêntico (exemplo 48), em 55% dos casos, por um SN anafórico (exemplo 49), em 27%, ou ainda por um pronome pessoal tônico (exemplo 50), que foi detectado em duas sentenças (18%). No PE, as retomadas ou se davam por um clítico (exemplo 51) ou, por um SN anafórico.

(48) [*Austrália*]<sub>i</sub> uma vez me definiram *Austrália*<sub>i</sub> (*ibidem*: 82)

(49) [*Qualquer gesto de agradecimento que vocês, você faça*]<sub>i</sub>, eles recebem *isso*<sub>i</sub>. (*ibidem*)

(50) [*A avenida das Américas*]<sub>i</sub>, eles tão recapeando *ela*<sub>i</sub> toda né. (*ibidem*)

(51) [*Os móveis que, que comprei*]<sub>i</sub>, agora acho-os<sub>i</sub> horrorosos. (VASCO, *op. cit.*)

Em relação às topicalizações, Vasco encontrou tópicos associados às funções de sujeito, objeto direto e oblíquo. No que se refere à constituição interna do SN tópico nas topicalizações de OD, o autor verificou que, tanto em PB quanto em PE, predominam SNs sem a margem esquerda preenchida (53% e 57%, respectivamente). SNs indefinidos, ou seja, nomes nus, só foram detectados no PB (10%). Os exemplos (52), (53) e (54) ilustram essas possibilidades de constituição do SN tópico nas topicalizações de objeto direto.

(52) [*Iago*]<sub>i</sub>, também acho \_\_\_<sub>i</sub> muito bonito. (*ibidem*: 109)

(53) [*O fundamental*]<sub>i</sub> eu tinha \_\_\_<sub>i</sub> pra passar (*ibidem*: 107)

(54) [*Um peru feito por ela*]<sub>i</sub>, você precisava ver \_\_\_<sub>i</sub> (*ibidem*: 109)

Nas topicalizações de oblíquo, o autor encontrou o índice de 76% (25 casos) de supressão de preposição do tópico no PB, como em (55), enquanto no PE esse índice é de 50% (3 casos), como em (56).

(55) Eu nunca tinha entrado num chinês, [*o japonês*]<sub>i</sub> já tinha entrado \_\_\_<sub>i</sub>. (*ibidem*: 111)

(56) E [*esse dinheiro*]<sub>i</sub> no fim eles compram bezerros ou queijos \_\_\_<sub>i</sub>. (*ibidem*: 111)

Vasco, tendo em vista os resultados obtidos, afirma que, embora seja possível a supressão de preposição em PE, nesse sistema há uma maior rigidez. No PB, por sua vez, existe uma maior frequência e variedade de preposições suprimidas.

No que tange à questão da supressão de preposição em construções de tópico marcado, o trabalho de Vasco (*ibidem*), por ser o primeiro, ainda não aprofunda suficientemente o problema. Trabalhos posteriores, que serão ainda discutidos, refinam a análise deste fator, uma vez que ele é fundamental para a descrição do PB e do PE em relação ao *continuum* tipológico das línguas.

As construções de tópico-sujeito foram encontradas apenas no PB pelo linguista. Esse tipo de estrutura está ilustrado em (57), em que o tópico *as casas antigas* ocupa a posição de sujeito, fato comprovado pela concordância com o verbo *ser*, mesmo sendo uma informação de natureza locativa.

(57) Você vê, **as casas antigas** eram famílias grandes né (*ibidem*:112, grifos do autor)

Tendo em vista os resultados alcançados, Vasco, ainda que reconheça que as construções do tipo SVO sejam mais frequentes do que as de tópico-comentário no PB, afirma que a ausência de restrições no PB associada a outras características morfosintáticas próprias das línguas de tópico, enumeradas a seguir, indicam que o PB está mais próximo das línguas de tópico que o PE.

São características das línguas de tópico presentes no PB (VASCO, 1999):

- a) Codificação superficial do tópico em início de sentença;
- b) Marginalização de construções passivas;
- c) Presença de construções de duplo-sujeito (denominadas também anacolutos);
- d) Tópico governando a correferência;
- e) Ausência de restrições quanto ao elemento que ocupa a posição de tópico;
- f) Construções de tópico como sentenças básicas.

Orsini (2003) analisa as propriedades sintáticas e prosódicas das quatro estratégias de construção de tópico na fala culta do PB, fundamentando sua investigação na associação dos pressupostos metodológicos da Teoria da Variação (LABOV, 1972, 1994) à teoria gramatical de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981). Também sob a mesma perspectiva está o trabalho de Vasco (2006), que estuda as construções de tópico marcado na fala popular do PB. Desta forma, em Orsini e Vasco (2007), encontramos um estudo cujos resultados obtidos pelos autores são confrontados.

Nesse trabalho, os autores mostram que as construções de anacoluto são mais frequentes na fala popular do que na fala culta (21% e 11% do total de CTs, respectivamente). A estratégia de deslocamento à esquerda alcança o índice de 41% do total de construções na fala culta e 34% na popular. A topicalização tem o percentual de 42% na fala culta e 38% na popular. Já as construções de tópico-sujeito ocorrem com menos frequência nas variedades analisadas (6% e 7%, respectivamente).

Os autores afirmam que qualquer elemento, independentemente de sua categoria sintagmática, pode ocupar a posição de tópico e que o mesmo tende a ser constituído por referentes [+ definidos], como (60) e (61). Postulam ainda, assim como Callou *et alii* (*op. cit.*), que as estratégias de topicalização e de deslocamento à esquerda estão em distribuição complementar, uma vez que, em geral, os elementos topicalizados ocupam a posição de objeto, como (58) e (59), e os elementos deslocados têm como correferente termos que ocupam a

posição de sujeito, conforme (60) e (61), seja na fala culta, seja na fala popular. Essa complementaridade é decorrente das mudanças em curso no PB, relativas aos Parâmetros do Sujeito Nulo e do Objeto Nulo, que serão discutidas no capítulo 2.

(58) [*cigarro*]<sub>i</sub> ela não suporta \_\_<sub>i</sub> (ORSINI & VASCO, *op. cit.*: 90)

(59) [*uniforme*]<sub>i</sub> você troca \_\_<sub>i</sub> (*ibidem*)

(60) [*O assaltante*]<sub>i</sub> ele<sub>i</sub> tem que pegar e correr. (*ibidem*)

(61) [*O Nelson da Capitinga*]<sub>i</sub> ele<sub>i</sub> interpretava vários personagens. (*ibidem*)

No que diz respeito à topicalização de oblíquos<sup>6</sup>, Orsini e Vasco mostram que, no PB, existe a possibilidade de a preposição ser suprimida, independentemente de ela conter maior ou menor conteúdo semântico, comportamento que diferenciaria PB de PE, já que neste somente as preposições com menos conteúdo semântico podem ser apagadas, conforme se observou na descrição da tipologia das CTs para o PE (cf. seção 1.2.2 deste capítulo), restrição que não se verifica no PB.

Considerando que, em línguas de proeminência de tópico, as construções de tópicocomentário são básicas (cf. LI & THOMPSON, *op. cit.*), os autores reúnem aquelas que não são derivadas de movimento - anacolutos, tópicos-sujeito e topicalizações de oblíquo sem preposição, redistribuindo os dados da seguinte maneira: construções de língua de tópico, que totalizam 35% de ocorrências na fala culta e 39%, na fala popular; deslocamento à esquerda, com 40% e 34%, respectivamente, e topicalização, com 25% e 27%. Se juntarmos as primeiras as de deslocamento à esquerda, que também são básicas, o PB alcança o percentual de 75%, na fala culta, e 73%, na fala popular, levando os autores a caracterizarem o sistema como uma língua de proeminência de tópico e de sujeito, classificação também proposta por Pontes (*op. cit.*).

Adotando como modelo teórico os pressupostos funcionalistas e seguindo os passos de uma análise sociolinguística, Belford (2006) estuda os fatores que condicionam, por um lado, a estratégia de topicalização de objeto direto e, por outro, a de deslocamento à esquerda de sujeito, interpretando essas estratégias como variantes das construções SVO. O *corpus*

---

<sup>6</sup> Neste estudo, as construções de topicalização de oblíquo nuclear e não nuclear não foram analisadas separadamente, procedimento metodológico adotado em análises posteriores.

analisado por ela é a amostra 00 (anos 2000) de fala popular do *Projeto de Estudos de Usos da Língua* (PEUL).

O trabalho revelou que, na maior parte dos casos de topicalização, o tópico é evocado, ou seja, o tópico já foi citado anteriormente no discurso, conforme demonstra (62). Outro fator analisado foi a contrastividade, cuja presença favorece a ocorrência de topicalização, como ilustrado em (63). Os fatores sociais (gênero, idade e escolaridade) não se mostraram relevantes em sua análise.

(62) Cara, é o que eu falo, entendeu? Pintô uma oportunidade, cara pra **certas pessoas**, hoje, você tem que agarrá, maluco, ganhá um dinheiro, senão você, (...), entendeu? É por isso que eu não condeno... [*certas pessoas*]<sub>i</sub>; eu não condeno \_\_<sub>i</sub>, entendeu?" (BELFORD, *op. cit.*: 64)

(63) O cur... o curso de costura, eu fiz. [*O crochê*]<sub>i</sub>, eu aprendi \_\_<sub>i</sub> assim com colegas (*ibidem*: 68)

Nas construções de deslocamento à esquerda de sujeito (15% do total dos dados analisados), há um elemento interveniente entre o tópico e o correferente em 57% das ocorrências e, em 75% dos dados, o verbo presente no comentário tem caráter nocional, conforme se observa em (64).

(64) [*minha sobrinha*]<sub>i</sub> às vezes *ela*<sub>i</sub> é quietinha (*ibidem*: 73)

O grupo dimensão do SN tópico, que diz respeito à quantidade de sílabas do tópico, não foi selecionado na análise da autora, mas a maioria dos dados contava com um tópico com mais de sete sílabas. 80% dos casos de DE sujeito têm como SN tópico um referente [+humano] (exemplo 64) e 20%, [-humano] (exemplo 65), o que mostra que, embora esse grupo não tenha sido selecionado, não existem restrições quanto à animacidade do SN tópico. O fator social *gênero* foi selecionado na análise, uma vez que houve uma maior frequência das construções de DE sujeito entre as mulheres.

(65) Olha, eu acho que [*a violência*]<sub>i</sub>, *ela*<sub>i</sub> nasce com cada um. (*ibidem*: 76)

Os resultados gerais desse trabalho indicam, segundo a autora, que as construções de topicalização de objeto e de DE sujeito, as mais frequentes estratégias presentes no PB, ainda não têm uma frequência global significativa quando comparadas às construções SVO.



Duarte e Kato (2008), dentro da perspectiva gerativa, afirmam que o PB é uma língua de sujeito e de tópico, conforme a tipologia proposta por Li e Thompson (*op. cit.*), já que apresenta:

a) Ocorrências irrestritas de deslocamento à esquerda, as quais se diferenciam das do francês, pois, como mostrou Barnes (1986 *apud* KATO & DUARTE, *op. cit.*), neste sistema, a maior parte dos deslocamentos tem como tópico e correferente um pronome e não pode haver tópicos com elementos quantificadores, ao passo que no PB, conforme afirmam as autoras, não há restrições estruturais, como mostra o exemplo (66);

(66) [*Toda criança*]<sub>i</sub> ela<sub>i</sub> aprende rápido a gostar de coca-cola. (KATO & DUARTE, *op. cit.*)

b) Construções com verbos *quasi*-argumentais com sujeitos lexicais locativos ou dêiticos (exemplos 67 e 68)

(67) *Essas florestas chovem muito. (ibidem)*

(68) *Aqui tá quente. (ibidem)*

c) Construções existenciais com pronomes nominativos na função de sujeito, ilustrada em (69);

(69) *Cê tem prédios lindos em Londres. (ibidem)*

d) Hiperálçamento com o verbo “parecer”, conforme exemplo (70);

(70) *Tem ocasiões que eu nem pareço que sou brasileiro. (ibidem)*

e) Alçamento de genitivo com verbos inacusativos, como (71);

(71) *meu carro furou o pneu. (ibidem)*

f) Ergativização de verbos transitivos, exemplificada em (72);

(72) *A revista tá xerocando.* (KATO & DUARTE, *op. cit.*)

Para as linguistas, enquanto, em línguas de sujeito, ou se alça um argumento para a posição de sujeito ou se insere um expletivo (lexical ou nulo), em línguas de tópico, por sua vez, constituintes referenciais, como complementos de nome e de preposição, podem ser alçados à posição de sujeito, uma vez que estas não possuem expletivos. O PB, por ser uma língua mista, comporta-se variavelmente no que diz respeito ao elemento que ocupa a posição de sujeito.

A partir do trabalho de Duarte e Kato (*ibidem*), Costa (2010), um dos poucos trabalhos comparativos entre PB e PE, também sob o enfoque gerativista, contesta a postura dessas autoras, indicando que as diferenças entre os dois sistemas não chegam a ser tipológicas, mas sim microparamétricas. Para reforçar a sua hipótese, o linguista apresenta diversas frases do PE que se assemelhariam às apresentadas por Duarte e Kato (*ibidem*).

Costa afirma que as únicas construções que diferenciariam PB de PE seriam aquelas em que há a concordância entre verbo e um sujeito locativo no plural (exemplo 73), sendo, pois, a flexão o lugar da variação entre os dois sistemas, o que se configuraria como uma diferença microparamétrica e não tipológica, como postulam Duarte e Kato (*op. cit.*). O linguista afirma ainda que topicalizações não canônicas são possíveis em PE, conforme ilustrado em (74), sem, porém, discutir a natureza semântica das preposições que podem ser suprimidas.

(73) \*Essas casas batem sol (COSTA, *op. cit.*: 13)

(74) Essas casas, bate imenso sol (*ibidem*: 12)

Cabe ressaltar que Costa desconsiderou em sua análise as construções de deslocamento à esquerda, entendendo que essas estratégias, no PB, não seriam estratégias de construção de tópico, mas um tipo de estratégia de soletração do traço de pessoa, já que não há identidade total de caso entre o tópico e o correferente. Esse argumento não nos parece ser suficiente, pois, conforme se verificou em 1.2, mesmo em trabalhos sobre o PE, estratégias de deslocamento à esquerda em que não há um grau máximo de sintatização são inseridas no rol das construções de tópico marcado.

Neste trabalho, não compartilhamos da posição de Costa, já que, ao contrário dele, defendemos que PE e PB são línguas tipologicamente distintas.

Paula (2012), adotando os mesmos pressupostos teórico-metodológicos de Orsini (2003) e Vasco (2006), realizou uma pesquisa em tempo real de curta duração sobre as construções de deslocamento à esquerda de sujeito na fala popular carioca, buscando refinar as descrições anteriores. Seus dados foram coletados do acervo do PEUL (*Projeto de Estudos de Usos da Língua*), que reúne entrevistas realizadas nas décadas de 1980 e 2000. A autora fez estudos de tendência e de painel e verificou que as construções se apresentam estáveis nos dois períodos observados.

Segundo os resultados obtidos por ela, constituintes de categorias sintagmáticas distintas podem ocupar a posição de tópico, sendo os pronomes pessoais (75) e os SNs (76) os mais recorrentes. Entre os pronomes, embora a preferência recaia sobre os de primeira pessoa nas duas sincronias, são encontrados também pronomes de terceira pessoa (77) e de referência arbitrária, como *você* e *a gente*, como em (78) e (79).

(75) [Eu]<sub>i</sub>, eu<sub>i</sub>, com ela, sou totalmente aberta. (PAULA, *op. cit.*: 59)

(76) [O paulista]<sub>i</sub> ele<sub>i</sub> fala um pouquinho com a voz meio fanhosa (*ibidem*: 63)

(77) [Eles]<sub>i</sub> eles<sub>i</sub> não tem na verdade nada a acrescentá entendeu? (*ibidem*: 61)

(78) Um dia de semana [*a gente*]<sub>i</sub>, quando a gente<sub>i</sub> quer trabalhar, a gente<sub>i</sub> acorda cedo (*ibidem*: 60)

(79) [Você]<sub>i</sub>, a partir dos vinte e nove anos, você<sub>i</sub> é considerada velha (*ibidem*: 60)

O tópico SN é o mais frequente na segunda sincronia, diferentemente da primeira, em que o tópico pronome é mais utilizado. O SN pode ter a margem esquerda preenchida (80) ou ainda ser nu, ou seja, não ter nenhuma margem preenchida, conforme se observa em (81).

(80) [A jaguatirica adulta]<sub>i</sub> ela<sub>i</sub> é pequena (*ibidem*: 63)

(81) [Natália]<sub>i</sub> ela<sub>i</sub> é minha amiga (*ibidem*: 64)

No que diz respeito ao cruzamento da natureza do tópico e a natureza do seu correferente, não existe nenhuma restrição, segundo Paula. Independentemente da natureza do tópico, a autora observou que o correferente é majoritariamente preenchido por pronome, embora haja também o preenchimento por SN, o que é favorecido por um SN na posição de tópico.

A autora detectou que não existem restrições no PB quanto à referencialidade do SN tópico, associando os resultados obtidos nesse grupo à hierarquia de referencialidade apresentada por Cyrino, Duarte e Kato (*op. cit.*). Assim, ela confirma sua hipótese de que, no PB, a ausência de contextos que impeçam o preenchimento do sujeito permite que, nas construções de deslocamento à esquerda de sujeito, qualquer SN possa ser retomado por um pronome nominativo.

A análise dos demais grupos confirmou que, no PB, em decorrência da mudança em curso relativa ao Parâmetro do Sujeito Nulo (cf. capítulo 2), não existem restrições sintático-semânticas para a ocorrência de DE sujeito. Essa estratégia de construção de tópico já estava implementada no sistema na década de 1980. O estudo da autora corroborou os resultados de diversos estudos sobre o tema, evidenciando que, conforme a tipologia de Li & Thompson, o PB, por possuir algumas das características de uma língua de tópico, se trata de uma língua mista.

Orsini e Paula (2011) comparam os sujeitos deslocados à esquerda nas falas culta e popular do Rio de Janeiro, tendo em vista o fato de esta estrutura ser um efeito colateral da preferência da gramática da fala do PB por preencher o sujeito referencial. Trata-se de um estudo de tendência, que teve como *corpora* dados dos Projetos NURC (*Norma Urbana Culta*) e PEUL (*Projeto de Estudos de Usos da Língua*), colhidos de entrevistas das décadas de 1970 e 1990, para a fala culta, e das décadas de 1980 e 2000 para a popular.

Os resultados, como os de trabalhos anteriores, apontam que o PB, nas falas culta e popular, não tem restrições quanto à natureza gramatical do tópico, visto que qualquer elemento pode ocupar a posição de tópico, um SN, pronome nominativo, pronome nominativo de valor arbitrário<sup>7</sup>, pronome demonstrativo ou proposição, como os exemplos apresentados pelas autoras mostram.

(82) [*O Brasil*]<sub>i</sub> para exportar, ele<sub>i</sub> tem que comprar. (ORSINI & PAULA 2011: 114)

(83) [*Eu*]<sub>i</sub>, logicamente isso eu<sub>i</sub> não posso dizer pra você. (*ibidem*)

(84) [*Ele*]<sub>i</sub> suponhamos que ele<sub>i</sub> tenha 10 milhões já guardados pelo Fundo de Garantia. (*ibidem*)

(85) [*Você*]<sub>i</sub> a partir de vinte nove anos, você<sub>i</sub> é considerada velha. (*ibidem*)

---

<sup>7</sup> Estruturas com pronomes de valor arbitrário na posição de sujeito decorrem da mudança do paradigma pronominal do PB que permitiu a inserção no sistema de formas pronominais como uma estratégia legítima de indeterminação do sujeito.

(86) [esse]<sub>i</sub> ele<sub>i</sub> tem quatorze anos. (*ibidem*)

(87) [essa fome de comprar artigos estrangeiros]<sub>i</sub> isso<sub>i</sub> é natural. (*ibidem*)

No que se refere à constituição interna do SN tópico, as autoras observaram que o SN tem preferencialmente a margem esquerda preenchida, como em (93), em ambas as variedades sociais, ainda que todas as outras possibilidades de preenchimento sejam detectadas.

(88) [Meu avô]<sub>i</sub> ele<sub>i</sub> foi destacado pro Sul. (ORSINI & PAULA, *op. cit.*: 118)

O quadro 1.3, retirado do trabalho de Orsini e Paula, apresenta a distribuição percentual dos traços semânticos do SN tópico nas duas amostras, nos dois períodos, já que este fator é bastante importante para um dos objetivos deste trabalho, o de diferenciar PB de PE.

FALA CULTA					FALA POPULAR				
Traços do SN	Década de 1970		Década de 1990		Traços do SN	Década de 1980		Década de 2000	
	Nº oco	%	Nº oco	%		Nº oco	%	Nº oco	%
[+ humano + específico]	30	39%	17	43%	[+ humano + específico]	46	54%	48	56%
[+ humano - específico]	19	25%	5	14%	[+ humano - específico]	16	19%	15	18%
[- humano + específico]	-		-		[- humano + específico]	4	5%	-	
[- humano - específico]	-		-		[- humano - específico]	3	3%	-	
[- animado + específico]	20	26%	13	33%	[- animado + específico]	13	15%	18	21%
[- animado - específico]	8	10%	4	10%	[- animado - específico]	2	2%	4	5%
Total	77	100%	39	100%	Total	84	100%	84	100%

Quadro 1.3: Referencialidade do SN tópico em construções de DE sujeito (ORSINI & PAULA, *ibidem*: 119).

Embora o SN [+ humano, + específico] seja o mais recorrente em ambas as amostras e em ambos os períodos, a ausência de restrições revelada pela tabela acima, podendo o SN tópico apresentar traços semânticos diversos, é reflexo do fato de todos os contextos de resistência ao preenchimento do sujeito já terem sido, em algum grau, vencidos, sendo o PB oral uma língua que preenche, de forma significativa, sujeitos referenciais e permite, ainda que com baixa frequência, o preenchimento de sujeitos não referenciais. Esse resultado vai ao encontro dos obtidos por Paula (*op. cit.*).

Quanto ao grupo configuração sintática da estrutura em que ocorrem tópico e correferente, Orsini e Paula verificam que no PB são encontrados dados de DE com e sem adjacência sintática, exemplificados respectivamente em (89) e (90), e que, quando há adjacência, esta pode ocorrer tanto em contexto raiz quanto em contexto encaixado.

(89) [*O Brasil*]<sub>i</sub> veja bem, ele<sub>i</sub> começou a ser migrado por baixo. (ORSINI & PAULA, *op. cit.*:123)

(90) [*Os gaúchos*]<sub>i</sub>, por exemplo, eu tenho impressão de que eles<sub>i</sub> têm, assim, uma certa semelhança com o castelhano (*ibidem*)

Para as autoras, as falas culta e popular apresentam semelhanças no que se refere às construções de DE suj. A ausência de restrições para essa estratégia tanto em relação à estrutura do tópico quanto em relação ao tipo de oração em que ocorrem, associadas a outras características do PB contemporâneo, enriquecem a interpretação desse sistema como uma língua que segue em direção às línguas de proeminência de tópico.

Orsini (2012), com vistas à investigação das etapas da implementação das referidas construções no sistema, visto que estas se encontram encaixadas num conjunto de mudanças sintáticas por que passa o PB (cf. WLH, *op. cit.*), analisa o percurso das quatro estratégias de construção de tópico marcado, a partir de dados coletados de peças teatrais escritas no decorrer dos séculos XIX e XX. O gênero peça teatral revela-se bastante apropriado para esse estudo, uma vez que, tendo-se percebido que as construções de tópico marcado são próprias da gramática da fala do PB, sua inserção na escrita se dará primeiramente em gêneros híbridos, que reúnem características das gramáticas da fala e da escrita. Assim, a peça de teatro, ao tentar reproduzir a fala dos personagens, permite a inserção das estruturas que estão sendo estudadas.

A estratégia mais recorrente na amostra foi a de topicalização, com um total de 197 dados. O elemento topicalizado pode estar vinculado a diversas posições no interior da sentença, mas as mais recorrentes foram a de objeto direto (91) e de oblíquo nuclear (92).

(91) E [*o meu melão*]<sub>i</sub> você trouxe \_\_\_<sub>i</sub>? (ORSINI, 2012: 190)

(92) [*Teatro*]<sub>i</sub> vamos \_\_\_<sub>i</sub> de vez em quando. (*ibidem*)

No que tange às topicalizações de oblíquo nuclear, de forma semelhante aos resultados obtidos por Orsini e Vasco (*op. cit.*), foram encontrados casos em que há a supressão de preposição com mais conteúdo semântico, conforme se verifica em (93), embora ocorram em

menor frequência do que as topicalizações de oblíquos com preposição presente, o que, para Orsini, indica que o contexto de língua escrita é mais resistente à supressão de preposição.

(93) [*O que você me deu a mais*], amorzinho, eu comprei mais manteiga \_\_i. (ORSINI, 2012: 198)

A autora, em conformidade com os resultados obtidos por Decat (*op. cit.*), detectou casos de deslocamento à esquerda clítico apenas no século XIX, período em que os clíticos de terceira pessoa ainda estavam presentes no sistema. Em relação às ocorrências de DE sujeito, Orsini afirma que “*aumentam significativamente na segunda metade do século XX (85%), um reflexo da mudança na marcação do parâmetro do sujeito nulo, já que na segunda metade do século XX, a preferência por sujeitos preenchidos no PB é uma realidade empiricamente comprovada*”.

Em consonância com os resultados de diversos estudos (cf. Callou *et alii*; Orsini e Vasco, entre outros), Orsini também encontrou complementaridade entre topicalização de objeto direto e deslocamento à esquerda de sujeito, conforme o gráfico 1.1 mostra.

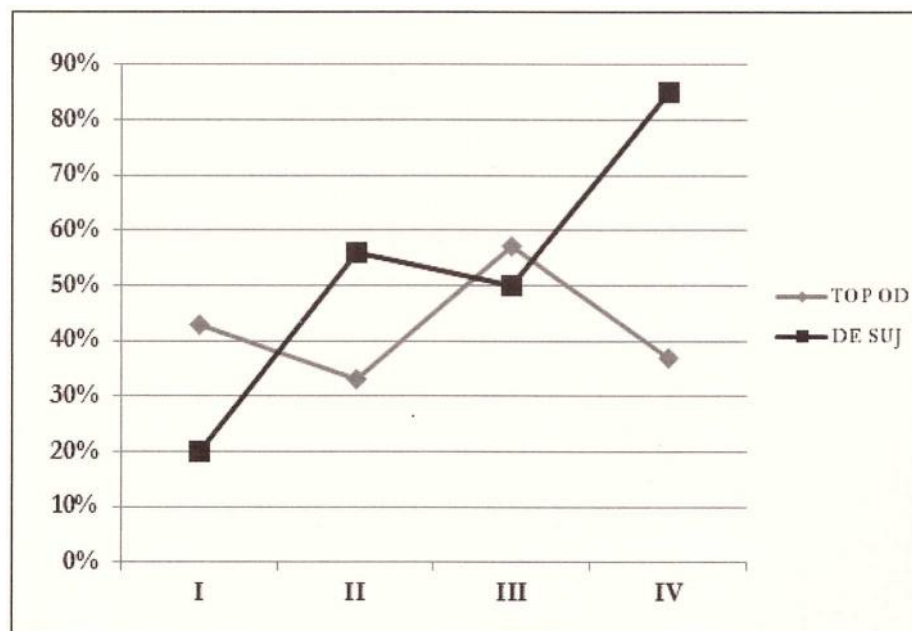


Gráfico 1.1. Complementaridade entre TOP OD e DE SUJ no decorrer dos quadros períodos (ORSINI, 2012: 193).

Percebe-se, a partir da análise do gráfico, que no último período de tempo (2ª metade do século XX) há um aumento significativo da frequência de construções de DE sujeito, chegando a 85% do total de ocorrências de topicalização no último período, reflexo da preferência do PB por preencher sujeitos referenciais. Este resultado vai ao encontro do obtido

por Paula (*op. cit.*), já que, para esta autora, a ausência de restrições para as construções de DE sujeito na fala popular do PB decorre do fato de o preenchimento do sujeito já permear, com maior ou menor frequência, todos os contextos linguísticos, no percurso da mudança na marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo.

No que se refere ao grupo referencialidade do SN tópico, a autora conclui que as construções de topicalização e de deslocamento à esquerda não se manifestam da mesma maneira nos períodos analisados. Já no período 1 são encontrados dados de topicalização em que o SN tópico é [-específico], como em (94), ao passo que tópicos com SN [-específico] em construções de DE, como em (95), se concentram na segunda metade do século XX.

(94) [*Energia*]<sub>i</sub> tenho eu \_\_\_<sub>i</sub> (ORSINI, 2012:194)

(95) mas [*os pascácios da classe média*]<sub>i</sub> todos<sub>i</sub> botando dinheiro na minha bilheteria e eu protestando. (*ibidem*:195)

Foram encontradas poucas estruturas de tópico pendente e de tópico-sujeito. A sua ocorrência, no entanto, revela que elas, embora apareçam com mais frequência na fala, estão permeando a modalidade escrita da língua a partir de gêneros textuais com menor grau de formalidade.

Com esses resultados, o trabalho de Orsini traz mais evidências de que o PB caminha em direção às línguas de tópico, afastando-se progressivamente do PE, língua de proeminência de sujeito.

Neste capítulo, discutimos o conceito de tópico e descrevemos as estratégias de construção de tópico marcado no português do Brasil (PB) e no português europeu (PE). Apresentamos a descrição tradicional no que concerne a tais construções e reunimos resultados de diversos estudos linguísticos sobre essa estrutura sintática. Todo esse material serviu de fundamentação para que pudéssemos elaborar os objetivos específicos e as hipóteses deste trabalho. Estes, por sua vez, serão sistematizados, no capítulo 2, tendo em vista os pressupostos teórico-metodológicos que norteiam esta análise.



## 2. Pressupostos teórico-metodológicos

### 2.1 Fundamentação teórica

Este trabalho utiliza o quadro teórico do estudo da mudança descrito por Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]) e a Teoria de Princípios e Parâmetros proposta por Chomsky (1981), desenvolvendo-se em conformidade com os procedimentos metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV 1972, 1994). Esta associação tem se revelado bastante frutífera já que, por meio da sistematicidade quantitativamente demonstrada de um fenômeno variável, é possível detectar propriedades da gramática de uma língua. (cf. TARALLO & KATO, 2007[1989]; DUARTE, 1999; RAMOS, 1999)

#### 2.1.1 O modelo de estudo da mudança (Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]))

A língua é um sistema que se caracteriza por apresentar uma heterogeneidade ordenada. Desta forma, a variação, inerente a qualquer sistema linguístico, é condicionada por fatores de ordem social (externos) e estrutural (internos). Nessa perspectiva, a heterogeneidade não significa desordem, uma vez que os fenômenos variáveis podem ser delimitados e estudados cientificamente. Retomamos, aqui, conceitos indispensáveis ao estudo de natureza sociolinguística, como (i) fenômeno linguístico variável ou variável dependente, (ii) variante linguística e (iii) grupo de fator ou variável independente.

Um *fenômeno linguístico variável* (FLV) é aquele que pode se concretizar por meio de duas ou mais *variantes* que, *a priori*, se equivalem na língua. Considera-se, também, o FLV uma variável dependente, porque a escolha por parte do falante de uma das variantes é condicionada, ou seja, depende de ação de um conjunto de fatores, que podem ser de ordem estrutural ou social, como faixa etária, gênero, grau de escolaridade e origem do falante.

WLH postulam um modelo de estudo da mudança linguística em que cinco problemas devem ser levados em conta: (i) a restrição, (ii) a transição, (iii) o encaixamento, (iv) a avaliação e (v) a implementação.

##### *a) A restrição*

A questão da restrição está relacionada aos fatores condicionantes de determinada mudança linguística. Nesse sentido, os autores propõem que um dos objetivos do estudo da mudança linguística deve ser o de indicar quais mudanças são possíveis e quais são os

condicionamentos/restrições que atuam para isso. Esse problema interessa ao presente estudo porque um dos seus objetivos é verificar quais restrições atuam sobre as construções de topicalização e de deslocamento à esquerda no PB e no PE.

### *b) A transição*

Para WLH, a mudança linguística passa por três etapas: (i) o momento em que os falantes aprendem uma forma linguística alternativa, (ii) o período em que a forma inovadora e a antiga coexistem e, (iii) por fim, o momento em que uma das formas se torna obsoleta. Para eles, o estágio (ii), que é o estágio intermediário, interessa aos linguistas à medida que nele podem ser observadas características da mudança linguística que *estão simplesmente perdidas nos monumentos do passado* (p. 122). Nesse aspecto, esta pesquisa, embora se caracterize por ser um estudo em tempo aparente, pretende trazer novas generalizações empíricas para o fenômeno em foco, possibilitando evidenciar comportamentos linguísticos distintos entre os falantes mais jovens e os mais velhos.

### *c) O encaixamento*

A mudança linguística não ocorre isolada no sistema, mas sim encaixada num conjunto de outras mudanças. Dessa forma, quando uma mudança é implementada, ela deixa vestígios em outras áreas do sistema, o que pode ser ilustrado no PB por meio do processo de simplificação do paradigma pronominal, que ativou diversas outras mudanças na língua (DUARTE, 1993). Os estudos sobre as construções de tópico marcado no PB focalizam a questão do encaixamento, já que a forma como essas construções se comportam está intimamente ligada às mudanças no paradigma pronominal e, conseqüentemente, flexional que ocorreram na passagem do século XIX para o século XX (cf. KATO *et alii*, 2006). Estas, por sua vez, desencadearam uma mudança em relação à marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo, passando o PB de uma língua de sujeito nulo para uma língua híbrida, que preenche sujeitos referenciais e deixa nulo sujeitos não referenciais (cf. BERLINK, DUARTE & OLIVEIRA 2009). Por outro lado, o PE não revela indícios significativos desta mudança, caracterizando-se como uma língua de sujeito nulo, o que interfere no comportamento das construções de tópico marcado neste sistema.

Outra mudança em curso no PB, que não se processou no PE, diz respeito à marcação do Parâmetro do Objeto Nulo. Assim, se, por um lado, o PB passou de língua [- objeto nulo] para [+ objeto nulo], o PE mantém-se uma língua [- objeto nulo], possuindo um sistema de clíticos bastante produtivo. (cf. FREIRE, 2000 e 2005).

Diante de tais diferenças, espera-se encontrar comportamentos distintos no que tange às construções de topicalização e de deslocamento à esquerda nos sistemas em confronto.

#### *d) A avaliação*

Uma variável dependente está sujeita a uma avaliação (positiva ou negativa) por parte dos falantes. Essa questão é de extrema importância no curso da mudança linguística, uma vez que uma determinada forma somente se insere no sistema se o seu uso, em algum momento, for avaliado positivamente pelos falantes. Ainda que no presente estudo não sejam feitos testes de avaliação subjetiva, acredita-se que o uso das construções de tópico marcado na modalidade oral do PB não é avaliado negativamente, uma vez que a ocorrência dessas estruturas é recorrente tanto na fala culta quanto na popular. (cf. ORSINI & VASCO, 2007)

#### *e) A implementação*

Essa questão diz respeito ao fato de como uma mudança se implementa na língua, tendo em vista que a inserção de uma nova forma linguística está associada a uma mudança no comportamento social. Sendo assim, para os autores, o estudo da mudança linguística é um estudo do comportamento social.

Embora todos os problemas propostos por WLH estejam intimamente relacionados, este trabalho dá ênfase às questões do encaixamento e das restrições, tendo em vista a mudança no paradigma flexional como gatilho para diversas mudanças morfossintáticas que ocorreram no PB, incluindo a ausência de restrições estruturais às ocorrências de construções de topicalização e de deslocamento à esquerda, diferenciando-o do PE. Nesse sentido, as mudanças paramétricas que serão descritas na próxima seção, estão correlacionadas aos casos de DE e de TOP (cf. CALLOU *et alii*, 1993; ORSINI & VASCO, *op. cit.*, entre outros), visto que o processo de mudança paramétrica explica a complementaridade entre essas estratégias: os elementos topicalizados geralmente são os que ocupam a posição de objeto; já os elementos deslocados à

esquerda, na maioria das vezes, estabelecem correferencialidade com o constituinte que está na posição de sujeito. No PE, por sua vez, há maior incidência de deslocamento à esquerda de complemento (objeto direto e objeto indireto) em função de haver um sistema produtivo de clíticos, e de topicalização de sujeito.

### 2.1.2 Teoria de Princípios e Parâmetros

Segundo a Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981), as línguas naturais possuem princípios, que são universais e invioláveis, e parâmetros, os quais são variáveis e que servem para diferenciar as línguas naturais (MIOTO *et alii*, 2007). Dentre os princípios que as línguas têm, está o de em todas elas haver um sujeito gramatical nas sentenças, denominado de *Princípio de Projeção Estendida* (cf. MIOTO *et alii*, *op. cit.*). As línguas podem se diferenciar, porém, na forma como o sujeito é realizado, o que se configura como o Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN). Quando uma língua é [+ sujeito nulo], existe a possibilidade de ocorrerem sentenças sem sujeito gramatical expresso lexicalmente, como mostra o exemplo do Português, retirado de Miotto *et alii* (*op. cit.*:p. 24).

(1) a) O Paulo<sub>i</sub> disse que ele<sub>i</sub> vai viajar.

b) O Paulo disse que \_\_\_<sub>i</sub> vai viajar.

Segundo os autores, ambas as sentenças são gramaticais em português, pois os falantes dessa língua produzem e reconhecem as duas estruturas, ou seja, as duas estão no inventário de possibilidades da língua. No inglês, por outro lado, língua marcada negativamente para o Parâmetro do Sujeito Nulo, sentenças como (2b), cujo sujeito não é expresso, não são produzidas nem reconhecidas, ao passo que (2a) é gramatical.

(2) a) Paul<sub>i</sub> has said that he<sub>i</sub> will travel. (MIOTO *et alii*, *op. cit.*: 25)

b) \* Paul<sub>i</sub> has said that \_\_\_<sub>i</sub> will travel (*ibidem*).

Essa perspectiva teórica insere-se na corrente linguística gerativista, cujo objeto de estudo é a língua compreendida como uma entidade mental, um saber linguístico que o falante possui e que lhe permite produzir e reconhecer sentenças. O gerativismo parte do pressuposto de que o componente da linguagem nos seres humanos é inato, ou seja, todo homem já nasce com a Faculdade da Linguagem, também conhecida como Gramática Universal, que

corresponde ao estágio inicial composto de princípios e de parâmetros, ainda não marcados. Dessa forma, a partir dos dados da língua-E a que a criança é exposta (*input*), os parâmetros são marcados, positiva ou negativamente, dependendo do ambiente em que ela esteja (cf. CHOMSKY, *op. cit.*).

### 2.1.2.1 Mudanças paramétricas em curso no PB

Tarallo (1983 *apud* DUARTE, 2012) indica que existe no PB uma assimetria entre sujeitos expressos e objetos nulos. A partir desse trabalho, diversos estudos acerca do preenchimento do sujeito e do apagamento de objeto foram realizados.

Duarte (1993) mostrou que, por conta da mudança no sistema pronominal e da consequente redução do paradigma flexional, o PB, a partir da terceira década do século XX, passa a preencher com mais frequência a posição de sujeito pronominal. Dessa forma, o sistema deixa de ser marcado negativamente em relação ao Parâmetro do Sujeito Nulo e passa a ter a marcação positiva. Inversamente, Cyrino (1993 *apud* DUARTE, 2012) observou que o objeto nulo estava se implementando no PB.

A partir desses resultados, Cyrino, Duarte e Kato (2000) postulam que o PB, em decorrência do desaparecimento do clítico acusativo de terceira pessoa e da simplificação do paradigma flexional dos verbos, tende a esvaziar a posição do objeto e a preencher a posição de sujeito referencial, segundo uma escala de referencialidade: os elementos mais referenciais seriam os primeiros a serem preenchidos e os últimos a serem apagados, enquanto os elementos menos referenciais os primeiros a serem apagados e os últimos a serem preenchidos. A escala proposta pelas autoras está reproduzida a seguir.

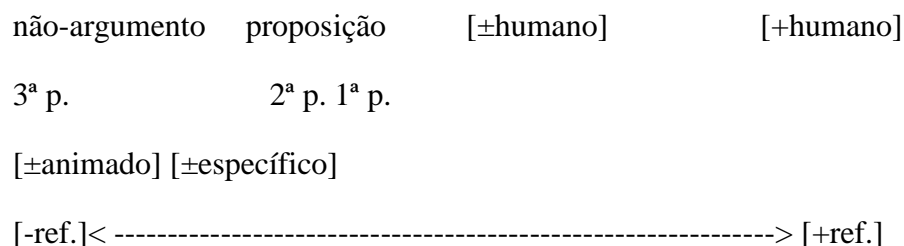


Figura 2.1. Hieraquia de referencialidade proposta por Cyrino, Duarte e Kato (2000).

Segundo as autoras, os fenômenos de preenchimento de sujeito e de apagamento de objeto estão relacionados a essa hierarquia, uma vez que os estudos têm comprovado que os sujeitos pronominais com o traço [+ref.] são preferencialmente preenchidos e os com o traço [-ref.] ainda tendem a ser vazios. No que se refere ao apagamento do objeto, os objetos anafóricos cujo antecedente é [-ref.] são os que tendem a ser apagados e os com o traço [+ref.] resistem ao apagamento.

Estudos mais recentes acerca dos fenômenos morfossintáticos do PB reconsideram a sua classificação como língua [- sujeito nulo]. Estes preferem tratar o PB como uma língua parcialmente *pro-drop*, isto é, uma língua híbrida que preenche sujeitos referenciais e deixa nulo sujeitos não referenciais (cf. BERLINCK, DUARTE & OLIVEIRA, *op. cit.*). Esta perspectiva fundamenta-se nos preceitos minimalistas da Teoria Gerativa, que permitem posicionar as línguas ao longo de um *continuum*, de acordo com o grau de preenchimento do sujeito (cf. SOARES DA SILVA, 2011).

Kato e Duarte (2014), assumindo a posição de que o PB é uma língua de sujeito nulo parcial, propõem que a variação entre sujeitos nulos e expressos nesse sistema se deve ao fato de os pronomes fracos sujeitos terem natureza clítica. As autoras mostram que a morfologia rica de uma língua não motiva o apagamento do sujeito, uma vez que línguas como o chinês e o japonês, sem morfologia de concordância, também apresentam a possibilidade de o sujeito não ser expresso lexicalmente. Para solucionar essa questão, elas adotam a interpretação de Huang (1984 *apud* KATO & DUARTE, *ibidem*), segundo a qual, em línguas como o italiano e o Português Europeu, o identificador do sujeito nulo é a concordância, ao passo que, em línguas como o chinês e o japonês, o controlador do sujeito nulo está além da sentença, ocorrendo a identificação por meio da correferência.

Em sua análise, as linguistas observam sentenças em que o sujeito expletivo nulo encontra-se em variação com sentenças em que o sujeito está expresso, estabelecendo, inclusive, uma relação de concordância com o verbo, como ilustram os exemplos (3) e (4).

(3) \_\_\_ está entrando água por essas janelas. (KATO & DUARTE, *ibidem*)

(4) Essas janelas<sub>i</sub> estão entrando água \_\_<sub>i</sub>. (*ibidem*)

Segundo as autoras, a ocorrência de estruturas como (4) corrobora a análise de Pontes (1987), a qual postula ser o PB uma língua de sujeito e de tópico, aproximando-se de línguas como o japonês e o chinês.

Desta forma, no que tange aos Parâmetros do Sujeito Nulo (PSN) e do Objeto Nulo (PON), PB e PE diferenciam-se. Nessa perspectiva, Galves (1998) afirma que o PB e o PE possuem gramáticas diferentes, ou seja, a autora sustenta a tese de que essas variedades do português são, na verdade, Línguas-I<sup>8</sup> distintas. Nessa concepção, o saber linguístico dos falantes brasileiros não é o mesmo do saber de falantes portugueses. Para evidenciar seu postulado, a autora apresenta três argumentos: (i) a produção de enunciados diferentes pelos falantes de PB e PE, (ii) a desigualdade na frequência de uso de determinadas estruturas e (iii) a diferença da extensão de restrições estruturais em cada sistema.

A **produção de enunciados diferentes** diz respeito ao fato de haver estruturas que ocorrem no PB e que não são encontradas no PE e vice-versa. Embora esse aspecto se refira à Língua-E, pode se afirmar que o desempenho dos falantes reflete a sua competência. A autora ilustra esse fato com exemplos da sintaxe pronominal e da projeção de constituintes na sentença.

No PE, assim como em outras línguas românicas, segundo Galves, não existe a possibilidade de os pronomes tônicos *você* e *ele* não preposicionados ocuparem a posição de objeto sem que ocorra a reduplicação clítica, diferentemente do que acontece no PB, em que essas estruturas sem reduplicação são encontradas. Seguem as frases utilizadas pela autora para fundamentar sua argumentação:

(5) a) Vi ele ontem na rua. [PB] (GALVES, 1998: 81)

b) Vi-o a ele ontem na rua. [PE] (*ibidem*: 82)

Segundo a autora, além de serem enunciados superficialmente distintos, essas estruturas têm interpretação diferente em cada sistema. No PE, o pronome tônico funciona como foco contrastivo, conforme se observa em (3c), e não pode se referir a um ser inanimado, caracterizando-se, dessa forma, como um pronome forte (STARK, 1994 *apud* GALVES, *ibidem*).

(6) Vi-o a ele ontem na rua. (e não a ela) (*ibidem*)

Por outro lado, no PB, o pronome tônico pode funcionar como pronome fraco, uma vez que funciona como tópico discursivo e pode ter como correferente um ser inanimado. Nesse sentido, no PB o pronome tônico pode funcionar da mesma forma que um clítico. Esse fato

---

<sup>8</sup> Podemos definir Língua-I como o saber que as pessoas têm de uma língua, que lhes permite não só falar e entender essa língua, mas também atribuir um estatuto a cada evento comunicativo.

afasta o PB das demais línguas românicas e o aproxima de línguas que não têm sistema de clíticos nem morfologia de caso.

Ainda em relação aos clíticos, outro tipo de enunciado que é produzido no PB e não no PE, de acordo com Galves, é aquele em que o clítico ocupa a primeira posição absoluta de uma frase, como em (7). Além disso, quando ocorre a próclise no interior do enunciado, esta não se dá em relação ao mesmo elemento na frase no PB e no PE, conforme se verifica em (8) e em (9): no primeiro caso, o clítico está ligado à forma “lembrado”, enquanto no segundo, ao verbo “tinha”.

(7) Me chocou tremendamente. [PB] (GALVES, *op. cit.*: 82).

(8) Agora não tinha me lembrado. [PB] (*ibidem*: 83)

(9) Agora não me tinha lembrado. [PE] (*ibidem*)

Em relação à projeção dos constituintes, Galves afirma que o PB apresenta dois tipos de construção inexistentes no PE. A primeira delas diz respeito à estratégia de relativização copiadora (exemplo 10), uma vez que, após o pronome relativo *que*, é inserido um pronome lembrete cujo referente é o mesmo do relativo.

Varejão (2006) encontrou casos de relativas copadoras na fala popular do PE, o que evidencia que esse tipo de construção é licenciado nesse sistema. Contudo, em seus dados, o pronome lembrete não ocorre na posição de sujeito, mas sim na de complemento, sendo um clítico, como se verifica em (11).

(10) Você acredita que um dia teve uma mulher *que ela* queria que a gente entrevistasse ela por telefone? [PB] (GALVES, *ibidem*: 84)

(11) Há cardumes de tainhas, há cardumes de robalos – aqui mesmo na costinha – *que* uma pessoa vê-os. (VAREJÃO, *ibidem*: 132)

A segunda construção mencionada por Galves é a com verbo inacusativo. Tais estruturas são denominadas por Pontes (*op. cit.*) construções de tópico-sujeito. Em (12), o verbo inacusativo *quebrar* projeta o argumento interno *o ponteiro do relógio*. Porém, nesta sentença, parte deste sintagma encontra-se à esquerda do verbo. Num primeiro momento, há uma ambiguidade em relação à posição ocupada pelo SN *o relógio*. Ele pode estar tanto na posição



de tópico, quanto na posição de sujeito. Contudo, a ocorrência de construções em que há concordância entre o SN e o verbo permite a interpretação de que este SN está na posição sintática de sujeito. Construções como (12) são inaceitáveis, no PE, do ponto de vista pragmático.

(12) O relógio quebrou o ponteiro. [PB] (GALVES, *op. cit.*: 84)

As construções de tópico-sujeito precisam ser mais bem investigadas já que elas não parecem ser fruto de movimento de constituinte, aproximando o PB das línguas orientadas para o discurso, conforme tipologia de Li e Thompson (1976).

O segundo argumento utilizado por Galves para diferenciar PB de PE diz respeito ao fato de haver **diferença de frequência** em estruturas compartilhadas por esses sistemas. Um dos exemplos apresentado pela autora é o da possibilidade de ocorrência de sujeito nulo, admitida tanto por PB quanto por PE. Contudo, *os estudos variacionistas mostram que o PB tem uma forte tendência em usar o pronome lexical quando o PE usa sujeito nulo* (p. 86). Outro exemplo é o objeto nulo que acontece com mais frequência no PB. O uso dos clíticos de 3ª pessoa também se configura como um exemplo de estrutura que é mais frequente em uma língua do que em outra: em PE o seu uso é muito mais abundante que em PB.

Segundo Galves, a interpretação das diferenças quantitativas dos fenômenos mencionados leva a duas conclusões. No que se refere aos clíticos, a sua baixa produtividade em PB é um indício de que esses elementos tendem a desaparecer do sistema. O sujeito nulo, por sua vez, é licenciado nos dois sistemas, diferenciando-se uma língua da outra quanto à interpretação que se atribui a esse elemento, como se pode observar em (13). Esta sentença pode ter uma interpretação genérica apenas no PB; no PE, para haver essa interpretação seria necessária a inserção do clítico *se*.

(13) Não usa mais freio (*ibidem*: 87)

A baixa produtividade do sujeito nulo em PB, para a autora, pode *ser atribuída a uma definição mais restritiva dos contextos estruturais em que sua interpretação referencial específica é possível* (p. 87), o que indica a mudança na marcação do parâmetro já atestada pelos trabalhos de Duarte.

A partir das considerações sobre as diferenças de frequência de estruturas no PB e no PE, Galves afirma que essas estão diretamente relacionadas ao terceiro argumento apresentado

por ela em favor da hipótese de que PB e PE são Línguas-I distintas: **a extensão das restrições**. Segundo a autora, por exemplo, o PE sofre restrições ao uso do objeto nulo e das construções de tópico, que não se verificam em PB.

Para a linguista, frases como (14) não são possíveis em PE por conta do fato de nesse sistema o objeto nulo não possuir um caráter pronominal, semelhante a um vestígio, o que impede a sua interpretação no interior de uma relativa. No PB, essa estrutura é gramatical, tendo em vista a natureza pronominal do objeto nulo.

- (14) \*O rapaz [que trouxe \_\_\_<sub>i</sub> da pastelaria] era teu afilhado. (falando dos pastéis)  
(GALVES, *op. cit.*: 88)

No PE, as construções de tópico que possuem um correferente expresso lexicalmente no comentário, segundo Galves, têm restrições que não se aplicam ao PB. O exemplo (15) ilustra esse fato.

- (15) \*Imagina que [*o João*]<sub>i</sub> o amigo dividiu com ele<sub>i</sub> os direitos de autor. (*ibidem*: 89)

Nessa estrutura, tanto o tópico *O João* quanto o comentário *o amigo dividiu com ele os direitos de autor* estão no interior de uma oração subordinada, o que não é, segundo a autora, permitido no PE, em que essa estrutura é agramatical, diferentemente do PB em que esse tipo de construção é possível.

Tendo em vista esses argumentos, Galves postula que PB e PE são Línguas\_I distintas, ou seja, portugueses e brasileiros não possuem o mesmo saber linguístico. Esse postulado é assumido no presente trabalho.

### 2.3 Tipologia das línguas (Li e Thompson 1976)

Li e Thompson (*op. cit.*) propõem uma tipologia para as línguas baseada na organização sintática das sentenças: SUJEITO-PREDICADO / TÓPICO-COMENTÁRIO. Dessa maneira, as línguas seriam agrupadas em quatro tipos básicos. Porém, essa classificação ocorre em um *continuum* tipológico, já que nem todas as línguas se comportam de forma prototípica.

a) Línguas com proeminência de sujeito, que são aquelas em que as sentenças se baseiam na relação sujeito-predicado. Exemplo: o inglês;

b) Línguas com proeminência de tópico, as quais se baseiam na relação tópico-comentário.  
Exemplo: o chinês;

c) Línguas com proeminência de sujeito e de tópico, que possuem ambos os tipos de estrutura.  
Exemplo: o japonês;

d) Línguas sem proeminência de sujeito e de tópico, em que as duas categorias, sujeito e tópico, se fundem e não ocorre diferenciação entre as mesmas. Exemplo: Tagalog.

As línguas de tópico, segundo os autores, reúnem as seguintes características:

- I) Codificam o tópico através de uma posição na sentença ou de um marcador morfológico;
- II) Consideram marginais as construções passivas;
- III) Licenciam sujeitos nulos em contextos em que estes não carregam papel semântico, ou seja, preferem manter a posição de sujeito vazia a preenchê-la com um expletivo;
- IV) Apresentam construções prototípicas de tópico-comentário;
- V) Apresentam correferencialidade entre tópico e comentário;
- VI) O verbo ocupa preferencialmente a posição final;
- VII) Qualquer elemento pode ser topicalizado;
- VIII) A construção de tópico é uma sentença básica, ou seja, não derivada de processos sintáticos.

Considerando o comportamento morfossintático sincrônico do PB, Pontes (*op. cit.*) e Orsini e Vasco (*op. cit.*) afirmam ser este uma língua de tópico e de sujeito. Seguem as características que o aproximam das línguas orientadas para o discurso, diferentemente do PE, que se revela como uma língua de sujeito:

- I) Codificação do tópico através de uma posição na sentença ou de um marcador morfológico: o tópico sempre ocupa a posição à esquerda da sentença;
- II) Marginalidade das construções passivas: observa-se no PB a baixa frequência de construções desse tipo se comparadas às construções ativas. Para Cavalcante (2011 *apud* CAVALCANTE & MARCOTULIO, 2012), as construções com *se* indefinido no PB não podem ser analisadas como passivas, uma vez que seu comportamento é diferente das passivas analíticas. Essa reanálise de Cavalcante reduz ainda mais a frequência de passivas no PB;
- III) Apresenta construções prototípicas de tópico-comentário: as estruturas de tópico pendente (cf. seção 1.2 do capítulo 1), recorrentes nas línguas de tópico, ocorrem no PB.

IV) Existência de correferencialidade entre o tópico e o comentário: há essa correferência nas construções de topicalização e de deslocamento à esquerda;

VI) Qualquer elemento pode ser topicalizado: comportamento atestado por vários estudos (cf. ORSINI & PAULA, 2011);

VII) A construção de tópico é uma sentença básica, ou seja, não derivada de processos sintáticos: as construções de tópico pendente, de deslocamento à esquerda e as de topicalização de oblíquo com supressão de preposição são evidências a favor da tese de que o tópico se origina na posição em que se realiza (cf. ORSINI & VASCO, *op. cit.*).

Embora as construções do tipo SVO ainda sejam majoritárias no sistema, é possível afirmar que o PB se localiza, num *continuum* tipológico cujas extremidades são preenchidas por línguas prototípicas de sujeito e línguas prototípicas de tópico, numa posição intermediária, mais próxima das línguas de tópico, comportamento que está relacionado às mudanças paramétricas pelas quais passa.

O PE, por outro lado, reúne poucos estudos acerca do fenômeno em foco (cf. MATEUS *et alii*, 2003; RAPOSO *et alii*, 2013), o que leva à necessidade de novas pesquisas, com *corpora* tanto de fala quanto de escrita, tarefa que se pretende aqui desenvolver, a fim de contribuir para o incremento das discussões acerca da sua classificação como língua de proeminência de sujeito.

## 2.4 Refinando objetivos e hipóteses

Tendo em vista o exposto no capítulo 1, bem como os pressupostos teóricos apresentados neste capítulo, o presente estudo tem como objetivo geral refinar a análise das construções de tópico marcado, particularmente as de topicalização e de deslocamento à esquerda, na modalidade oral, confrontando PB e PE, com base numa *corpus* recente, o acervo sonoro do *Projeto Concordância*, coordenado pelas professoras Silvia Rodrigues Vieira e Silvia Brandão e vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ, área de concentração Língua Portuguesa.

São objetivos específicos desta análise:

- (i) Averiguar a frequência e o comportamento estrutural das referidas construções, numa perspectiva interlinguística, promovendo uma reconfiguração dos grupos de fatores utilizados em pesquisas anteriores.
- (ii) Observar o grau de interferência do nível de letramento na frequência e em eventuais restrições impostas por cada sistema às construções de deslocamento à esquerda e de topicalização na gramática da fala de brasileiros e portugueses, em textos orais pertencentes ao gênero entrevista.
- (iii) Averiguar o estágio da mudança em cada sistema, tendo em vista um estudo em tempo aparente.
- (iv) Propor novas reflexões acerca do *status* do PB e do PE, no que se refere à tipologia das línguas (cf. LI & THOMPSON, *op. cit.*), já que cada um dos sistemas parece situar-se num ponto distinto deste *continuum*.
- (v) Confrontar os resultados desta pesquisa com trabalhos anteriores sobre o tema.

Em relação ao PB, acreditamos que este estudo confirmará, com dados de língua oral mais recentes, os resultados de estudos anteriores sobre o comportamento das construções de topicalização e de deslocamento à esquerda. Para o PE, nossa hipótese é de que este já manifeste, ainda que com baixa frequência, na modalidade oral, construções mais inovadoras, apontando para a possibilidade de este sistema não se configurar numa língua prototípica de sujeito, como afirmam Mateus *et alii* (*op. cit.*) e Raposo *et alii* (*op. cit.*).

## 2.5 Procedimentos metodológicos

Este trabalho segue os passos da pesquisa sociolinguística: a) coleta de dados; b) definição dos grupos de fatores linguísticos e sociais que atuem na distribuição, em cada sistema, das construções de topicalização e de deslocamento à esquerda; c) codificação dos dados para análise quantitativa; d) submissão dos dados a um programa computacional de estatística; e) análise dos resultados. (cf. MOLLICA & BRAGA, 2008)

As estruturas de topicalização e de deslocamento à esquerda não são consideradas, nesta análise, variantes de um mesmo fenômeno linguístico, pois não se pode afirmar que as mesmas

se equivalem semanticamente. Entretanto, a metodologia aplicada aos estudos sociolinguísticos é utilizada como procedimento de análise para as referidas estratégias, verificando-se quais fatores favorecem seu uso. A Teoria de Princípios e Parâmetros, por sua vez, é o modelo explicativo que sustenta as hipóteses, a seleção dos grupos de fatores e a análise dos resultados, permitindo que as construções em foco sejam descritas com base nas mudanças em curso na marcação dos Parâmetros do Sujeito Nulo e do Objeto Nulo, visto que estas interferem na forma pela qual se distribuem as construções de tópico no PB e no PE.

### 2.5.1 A amostra

Os dados foram coletados de entrevistas do tipo *Diálogo entre informante e Documentador* (DID) que integram o acervo sonoro do projeto “Concordância”<sup>9</sup>, cujo objetivo é comparar os padrões de uso de fenômeno da concordância, seja ela verbal ou nominal, das variedades<sup>10</sup> do português em três continentes: África, América e Europa. Esse projeto, de âmbito internacional, desenvolvido pela Faculdade de Letras (UFRJ) e pelo Centro Linguístico da Universidade de Lisboa (CLUL), é constituído por um banco de dados de língua oral, tendo sido as entrevistas gravadas entre 2007 e 2010.

As entrevistas portuguesas foram realizadas com 18 falantes do bairro de Oeiras, localizado em Lisboa, com 18 falantes de Cacém, cidade próxima a Lisboa, e com 18 informantes da cidade de Funchal, na Ilha da Madeira. As brasileiras constituem-se de diálogos com 18 falantes da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro e com 18 informantes de Nova Iguaçu, cidade vizinha do Rio de Janeiro. A amostra da África é a que constitui o *corpus* VARPOR, disponível no site do CLUL.

O presente estudo reúne um total de trinta e seis entrevistas, confrontando os informantes da zona Sul do Rio de Janeiro aos do bairro de Oeiras, em Lisboa. A comparação entre dados colhidos nessas entrevistas justifica-se pelo fato de ambas as cidades se equivalerem em termos sociais, uma vez que tanto Oeiras quanto Rio de Janeiro são centros urbanos de grande importância em seus respectivos países. As células do acervo foram constituídas conforme faixa etária, nível de escolaridade e gênero. Os quadros 2.1 e 2.2, retirados do *site* do projeto, refletem essa distribuição.

<sup>9</sup> Disponível em <http://www.lettras.ufrj.br/concordancia>

<sup>10</sup> Utilizou-se, nesta seção, o termo “variedade” por ser o adotado pelos integrantes do projeto na sua descrição.

Rio de Janeiro	Nível 1 (Ensino Fundamental)		Nível 2 (Ensino Médio)		Nível 3 (Ensino Superior)	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
Faixa Etária A (18-35 anos)	COP-A-1-H	COP-A-1-M	COP-A-2-H	COP-A-2-M	COP-A-3-H	COP-A-3-M
Faixa Etária B (36-55 anos)	COP-B-1-H	COP-B-1-M	COP-B-2-H	COP-B-2-M	COP-B-3-H	COP-B-3-M
Faixa Etária C (mais de 55 anos)	COP-C-1-H	COP-C-1-M	COP-C-2-H	COP-C-2-M	COP-C-3-H	COP-C-3-M

Quadro 2.1. Distribuição das células do *corpus* Concordância para as entrevistas feitas no Rio de Janeiro.

Oeiras	Nível 1 (Ensino Fundamental)		Nível 2 (Ensino Médio)		Nível 3 (Ensino Superior)	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
Faixa Etária A (18-35 anos)	OEI-A-1-H	OEI-A-1-M	OEI-A-2-H	OEI-A-2-M	OEI-A-3-H	OEI-A-3-M
Faixa Etária B (36-55 anos)	OEI-B-1-H	OEI-B-1-M	OEI-B-2-H	OEI-B-2-M	OEI-B-3-H	OEI-B-3-M
Faixa Etária C (mais de 55 anos)	OEI-C-1-H	OEI-C-1-M	OEI-C-2-H	OEI-C-2-M	OEI-C-3-H	OEI-C-3-M

Quadro 2.2. Distribuição das células do *corpus* Concordância para as entrevistas feitas em Oeiras.

## 2.6 Grupos de fatores

Os grupos de fatores para a análise deste estudo foram definidos tendo em vista os objetivos apresentados na seção 2.4 deste capítulo.

### 2.6.1 Fatores linguísticos

Uma vez que não se considera topicalização e deslocamento à esquerda como variantes de um fenômeno linguístico variável, em um primeiro momento foram analisadas as topicalizações e, em outro, os deslocamentos à esquerda. Na análise das duas estratégias, os dados de PB e PE foram rodados separadamente e, em seguida, os resultados foram comparados.

A variável dependente selecionada foi o grau de escolaridade, tanto para PB quanto para PE, pois esse fator pareceu ser relevante no entendimento da forma como as construções estudadas se comportam. A divisão dos níveis de escolaridade, porém, não seguiu a dos quadros 2.1 e 2.1, em que havia uma tripartição de falantes com nível fundamental, nível médio e nível superior, já que os resultados agrupados dessa maneira não se mostraram relevantes. Assim, foram amalgamados os dados produzidos por informantes dos níveis 1 e 2 (fundamental e médio) e seu conjunto reúne os falantes [-letrados], enquanto o nível 3, indivíduos com terceiro grau completo, remete aos [+letrados].

A seguir, serão apresentados os grupos de fatores linguísticos, bem como a motivação para sua inserção nesta análise. Além disso, serão fornecidos exemplos de todos os subfatores presentes em cada grupo de natureza estrutural.

#### **Grupo 1:** *função sintática a que o tópico está vinculado no interior da sentença comentário*

Pretende-se, com a análise deste grupo, verificar o comportamento das construções de topicalização e de deslocamento à esquerda no que diz respeito à função sintática do correferente do tópico no interior da sentença, tendo em vista a complementaridade entre topicalização de objeto e deslocamento à esquerda de sujeito no PB, já atestada em diversos estudos (cf. CALLOU *et alii*, *op. cit.*; ORSINI & VASCO, *op. cit.*; ORSINI, 2012). Seguem ocorrências encontradas nesta amostra.



## a) Sujeito

(16) [A *minha irmã*]<sub>i</sub> ela<sub>i</sub> é uma mulher de igreja (PB-B-1-H)

## b) Objeto direto

(17) [*Tudo o que meus pais me ensinaram*]<sub>i</sub>... eu procuro passar \_\_\_\_<sub>i</sub> pros meus filhos. (PB-B-2-H)

## c) Objeto indireto

(18) [*Uma pessoa que não gosta muito de ler*]<sub>i</sub> ... pronto acho que... parece que... às vezes faltam-*lhe*<sub>i</sub> as palavras. (PE-A-2-M)

## d) Complemento de nome

(19) [*Essas drogas sintéticas*]<sub>i</sub> o maior público consumidor \_\_\_\_<sub>i</sub> realmente é quem tem dinheiro, realmente né? (PB-A-2-H)

## e) Oblíquo nuclear

Foram considerados casos de oblíquo nuclear aqueles em que o tópico estabeleça correferência com um termo que esteja previsto na grade argumental do verbo, como em (17), em que o advérbio *lá* preenche as propriedades argumentais do verbo *morar* (cf. MATEUS *et alii*, *op. cit.*).

(20) [A *Barra*]<sub>i</sub> eu acho interessante pra quem mora *lá*<sub>i</sub> (PB-C-3-H)

**Grupo 2:** *referencialidade do SN ou do pronome nominativo de 3ªp. anafórico na posição de tópico*

A referencialidade do SN tópico reúne dois traços semânticos que precisam ser investigados conjuntamente, a fim de que se possa estabelecer a íntima relação existente entre as construções de topicalização e de deslocamento à esquerda e a hierarquia de referencialidade proposta por Cyrino, Duarte e Kato (*op. cit.*), já comentada na seção 2.1.2.1 deste capítulo. O traço animacidade identifica referentes [+/- humanos] enquanto o traço especificidade remete ao seu caráter [+/- específico] dentro do contexto de produção. O cruzamento destes traços, proposto em trabalhos anteriores como os de Paula (2012) e Orsini (2012), permite caracterizar,

do ponto de vista semântico-discursivo, o SN que ocupa a posição de tópico. Será ainda possível detectar eventuais restrições impostas pelos sistemas aqui em confronto.

a) [+ humano, +específico]

(21) [*A faxineira daqui*]<sub>i</sub>; ela<sub>i</sub> mora na favela. (PB-B-1-H)

b) [+ humano, – específico]

Neste caso, há uma referência genérica a um grupo de pessoas, conforme se observa em (22), em que *carioca* não se refere a um ser em particular, mas a um grupo de indivíduos.

(22) [*O carioca*]<sub>i</sub>; ele<sub>i</sub> é muito receptivo. (PB-A-3-H)

c) [- animado, + específico]

(23) [*O Santo Inácio*]<sub>i</sub>; acho que \_\_\_\_<sub>i</sub> é o melhor colégio da/...daqui né? (PB-C-1-H)

d) [- animado, – específico]

(24) [*Qualquer curso que vai fazer*]<sub>i</sub>... você tem que pagar \_\_\_\_<sub>i</sub> (PB-B-2-H)

### **Grupo 3:** *presença x ausência de preposição + conteúdo semântico*

Este grupo, assim como o grupo *natureza da preposição*, restringe-se às topicalizações de oblíquo. Esta análise considera, para a descrição do grau de conteúdo semântico preposição, a relação que ela estabelece com o verbo, como é o caso, por exemplo, da preposição *de* com o verbo *vir*, pois, nesse caso, ela carrega o valor semântico de origem. Essa mesma preposição, porém, junto ao verbo *gostar*, por exemplo, é bastante esvaziada de significado, ressaltando-se o seu papel de marcador de caso do elemento que precede, sendo considerada, portanto, uma preposição com menos conteúdo semântico (cf. RAPOSO *et alii*, *op. cit.*: 422).

Em PE, como se observou em 1.2, somente é possível haver supressão de preposição com menos conteúdo semântico, ao passo que em PB essa restrição não atua. Orsini e Vasco (*op. cit.*) inserem as construções de topicalização com supressão de preposição no PB no rol daquelas que são próprias das línguas de tópico, tendo em vista a sua semelhança com as construções de duplo sujeito arroladas por Li e Thompson (*op. cit.*). A ocorrência desse tipo de

estrutura aproxima, pois, o PB das línguas de tópico. Espera-se que na presente análise os resultados confirmem a conclusão a que chegaram Vasco e Orsini (*op. cit.*)

a) Preposição presente / menos conteúdo semântico

(25) [*No Leme*]<sub>i</sub> eu moro \_\_\_\_<sub>i</sub> desde muito sabe... seis anos de idade. (PB-A-2-M)

b) Preposição presente / mais conteúdo semântico

(26) [*De Telavive*]<sub>i</sub> você vai \_\_\_\_<sub>i</sub> até no Líbano... por terra é ruim. (PB-C-3-H)

c) Preposição ausente / menos conteúdo semântico

(27) [*Determinados locais*]<sub>i</sub> você não pode entrar \_\_\_\_<sub>i</sub> como prédios né (PB-B-2-H)

d) Preposição ausente / mais conteúdo semântico

(28) [*O Rio de Janeiro*]<sub>i</sub> eu não tenho o que falar \_\_\_\_<sub>i</sub> (PB-A-1-M)<sup>11</sup>

#### **Grupo 4:** *natureza da preposição*

Este grupo será cruzado com o anterior para que possamos confirmar (ou não) a hipótese de que somente o PB permite a supressão de uma preposição com mais conteúdo semântico.

a) de

(29) [*Esses negócio (filmes de violência)*]<sub>i</sub> não gosto \_\_\_\_<sub>i</sub> (PB-C-1-H)

b) para

(30) [*O hospital*]<sub>i</sub> eu até poderia dar dez \_\_\_\_<sub>i</sub> (PB-A-2-M)

c) em

(31) [*No Lula*]<sub>i</sub> eu votaria \_\_\_\_<sub>i</sub> (PB-B-1-H)

---

<sup>11</sup> O contexto permite a seguinte interpretação: eu não tenho o que falar do (acerca, sobre) Rio de Janeiro.

d) a

(32) [*Cinema*]<sub>i</sub> aqui também é muito comum as pessoas irem \_\_\_\_<sub>i</sub> (PB-A-2-H)

e) com

(33) [*Os projetos que nêgo tava desenvolvendo*]<sub>i</sub> eu não concordava \_\_\_\_<sub>i</sub>. (PB-A-3-H)

**Grupo 5:** *configuração sintática da estrutura em que ocorre o tópico nas construções de topicalização*

Este grupo, que será levado em conta também na análise dos deslocamentos à esquerda, busca verificar se as restrições impostas pelo PE ao tipo de configuração sintática que licenciam as construções de topicalização se confirmam no *corpus* em questão (cf. MATEUS *et alii*, *op. cit.* e RAPOSO *et alii*, *op. cit.*). É importante registrar que a classificação aqui implementada para as orações subordinadas não se pauta na descrição tradicional, mas sim na proposta de Mateus *et alii* (*ibidem*).

No caso das construções de topicalização, é importante avaliar quais movimentos de constituinte são permitidos nos sistemas em confronto, já que barreiras sintáticas atuam fortemente em línguas de sujeito, impedindo a topicalização.

a) Tópico e categoria vazia em frase raiz (oração absoluta)

(34) [*Com os da parte da minha mãe*]<sub>i</sub> não convivi \_\_\_\_<sub>i</sub> (PE-C-1-M)

b) Contexto encaixado (quando tanto o tópico quanto a categoria vazia encontram-se no interior de uma oração subordinada)

(35) A minha família acho que [*com elas*]<sub>i</sub> sempre vou poder contar \_\_\_\_<sub>i</sub> (PE-B-2-H)

c) Tópico fora da subordinada e categoria vazia no interior de uma completiva de verbo

(36) [*Essas dificuldades*]<sub>i</sub> ele sempre disse que iria ter \_\_\_\_<sub>i</sub> (PE-C-2-H)

d) Tópico fora da subordinada e categoria vazia no interior de uma completiva de nome

(37) [*Várias outras coisas*]<sub>i</sub> eu tenho vontade assim de fazer \_\_\_\_<sub>i</sub> (PB-A-3-M)

e) Tópico fora da subordinada e categoria vazia no interior de uma relativa

(38) [*O sargento*]<sub>i</sub> a única arma que \_\_\_\_<sub>i</sub> tinha era submetralhadora. (PB-C-3-H)

f) Tópico fora da subordinada e categoria vazia no interior de uma completiva iniciada por “eu acho que”

Embora esta análise interprete a estrutura como uma construção que introduz uma completiva de verbo, as ocorrências foram separadas em função (a) de serem, do ponto de vista discursivo, um modalizador e (b) do alto número de dados, especialmente no PE, o que poderia comprometer a análise qualitativa dos resultados.

(39) Bom [*universidade*]<sub>i</sub> eu acho que nem tem \_\_\_\_<sub>i</sub> (PB-B-3-M)

g) Tópico fora da subordinada e categoria vazia no interior de uma subordinada adverbial<sup>12</sup>

(40) [*O que se paga agora nos infantários*]<sub>i</sub> a gente não ganha para pagar \_\_\_\_<sub>i</sub> (PE-B-1-M)

h) verbo de alçamento (*parecer* + argumento interno oracional).

(41) [*isso*]<sub>i</sub> parece que \_\_\_\_<sub>i</sub> não... dava-me um sentido ah... moral e psicológico que parece que não a: ajuda-me (PE-C-2-H)

**Grupo 6:** *configuração sintática da estrutura em que ocorre o tópico nos deslocamentos à esquerda*

Tendo em vista que as construções de deslocamento à esquerda são básicas, interessa a esta pesquisa investigar a adjacência sintática ou não do tópico e do seu correferente, já que, mais uma vez, o PE parece apresentar restrições ausentes no PB (cf. MATEUS *et alii*, *op. cit.* e RAPOSO *et alii*, *op. cit.*).

---

<sup>12</sup> São orações subordinadas adverbiais as condicionais, as causais, as finais, as concessivas e as temporais. Assim, estão excluídas desta classificação as comparativas e as conformativas.

a) Contexto raiz (oração absoluta)

(42) [A *minha filha*]<sub>i</sub> ela<sub>i</sub> tava morando no Leme com esse namorado dela. (PB-C-3M)

b) Tópico e correferente com adjacência sintática

Neste caso, o tópico e o correferente encontram-se no interior de uma oração subordinada.

(43) Eu acho que [o *professor*]<sub>i</sub> ele<sub>i</sub> é mal pago. (PB-C-3-M)

c) Tópico e correferente sem adjacência sintática

Neste caso, o correferente está no interior da oração subordinada e o tópico na sentença matriz.

(44) [*Lá no posto seis por exemplo*]<sub>i</sub> a maior parte das pessoas que moram *lá*<sub>i</sub> já moram lá há cinquenta anos mais (PB-B-2-M)

**Grupo 7: estrutura gramatical do tópico**

Orsini (2003) verificou que, no PB, qualquer constituinte pode ocupar a posição de tópico, característica das línguas orientadas para o discurso. Dessa forma, com o presente grupo, pretende-se verificar se PB e PE têm comportamentos diferentes nesse aspecto a fim de contribuir para a discussão do *status* desses sistemas, segundo a tipologia proposta por Li e Thompson (*op. cit.*).

a) SN Simples

(45) [*As novelas brasileiras*]<sub>i</sub> eu adoro \_\_\_\_<sub>i</sub> (PE-B-2-M)

b) SN Complexo<sup>13</sup>

(46) [*O iphone que saiu em Portugal*]<sub>i</sub> aquilo<sub>i</sub> custa quinhentos euros. (PE-B-1-H)

---

<sup>13</sup> O rótulo “SN complexo” remete aos sintagmas nominais cujo núcleo é modificado por uma oração relativa.

## c) SP simples

(47) [*Na Dilma*]<sub>i</sub> eu não sei se eu voto \_\_\_\_<sub>i</sub> (PB-B-1-H)

d) SP complexo<sup>14</sup>

(48) E [*mesmo... mesmo com os colegas que não faziam parte da minha turma*]<sub>i</sub> brincava \_\_\_\_<sub>i</sub> também (PE-B-2-H)

## e) Pronome demonstrativo

(49) [*Isso (escrever coisas boas sobre pessoas)*]<sub>i</sub> agora eu faço \_\_\_\_<sub>i</sub> pra todas as pessoas. (PB-C-1-M)

## f) Pronome indefinido

(50) [*Tudo o que seja ligado ao desporto*]<sub>i</sub> gosto de fazer \_\_\_\_<sub>i</sub> (PE-B-2-H)

## g) Forma pronominal com função nominativa - primeira pessoa

(51) Olha [*eu*]<sub>i</sub>... eh como falta mais uns cinco anos pra mim me aposentar eu<sub>i</sub> gostaria de montar alguma coisa pra mim. (PB-B-3-H)

## h) Forma pronominal com função nominativa - segunda pessoa

(52) [*Você*]<sub>i</sub> se quiser sentar e ficar sentado na mesinha você<sub>i</sub> fica. (PB-B-3-H)

## i) Forma pronominal com função nominativa - terceira pessoa

(53) [*Ele*]<sub>i</sub> como teve esse problema de coração ele<sub>i</sub> tinha que se afastar. (PB-B-3-H)

## j) Advérbio

(54) [*Lá no posto seis por exemplo*]<sub>i</sub> a maior parte das pessoas que moram lá<sub>i</sub> já moram lá há cinquenta anos mais... entendeu? (PB-B-2-M)

---

<sup>14</sup> O rótulo "SP complexo" remete aos sintagmas cujo elemento nominal é modificado por uma oração relativa.

## k) Oracão

(55) Aqui dentro da minha casa [*quem falar mal dele* (o Lula)]<sub>i</sub> eu ponho \_\_\_<sub>i</sub> pra fora (PB-B-1-H)

**Grupo 8:** *constituição interna do SN tópico*

Este grupo foi incluído no intuito de refinar a caracterização estrutural dos sintagmas nominais que ocupam a posição de tópico. A análise da estrutura interna do sintagma nominal pauta-se na descrição de Mateus *et alii* (*op. cit.*).

## a) Sem margem preenchida

(56) [*Forró*]<sub>i</sub> eu não sei dançar \_\_\_<sub>i</sub> muito (PB-A-1-M)

## b) Preenchido à esquerda

(57) [*As coisas*]<sub>i</sub> elas<sub>i</sub> saíram do papel só pela metade. (PB-B-2-H)

## c) Preenchido à direita

(58) [*Peça de teatro*]<sub>i</sub> também gosto \_\_\_<sub>i</sub> (PB-C-1-H)

## d) Preenchido à esquerda e à direita

(59) [*A importância de conhecer Deus*]<sub>i</sub> isso<sub>i</sub> é a coisa mais certa do mundo (PB-C-1-M)

Os grupos 9 e 10 são exclusivos das construções de deslocamento à esquerda.

**Grupo 9:** *estrutura gramatical do correferente*

A relevância deste grupo reside no seu cruzamento com a natureza gramatical do tópico, já que intentamos descrever quais combinações são licenciadas pelo PB e pelo PE.

## a) SN

(60) Gente [*esse supermercado aqui*]<sub>i</sub> eu digo sempre que esse supermercado<sub>i</sub> é um roubo a mão desarmada né. (PB-B-1-H)



b) Forma pronominal tônica com função nominativa - primeira pessoa

(61) [*Eu*]<sub>i</sub> no dia do meu aniversário eu<sub>i</sub> fiquei recebendo os móveis nessa firma de consultoria. (PB-C-2-M)

c) Forma pronominal tônica com função nominativa - terceira pessoa

(62) [*Os cariocas*]<sub>i</sub> eles<sub>i</sub> ainda são muito pouco higiênicos. (PB-A-2-H)

d) Forma pronominal tônica de referência arbitrária

(63) [*Você*]<sub>i</sub> olhando o retrato você<sub>i</sub> conhece. (PB-C-3-H)

e) Pronome demonstrativo

(64) Ai [*a Chica*]<sub>i</sub>- ai essa<sub>i</sub> era uma macaca. (PE-C-2-M)

f) Pronome indefinido

(65) E além disso tenho um neto da América a estudar na Austrália e tenho um neto de Lisboa a estudar na Holanda portanto [*todos*]<sub>i</sub>- dá-me ideia que todos<sub>i</sub> querem é sair de cá e ninguém quer vir para cá. (PE-C-2-M)

g) Advérbio

(66) [*A Barra*]<sub>i</sub> eu acho interessante pra quem mora lá e trabalha lá<sub>i</sub> (PB-C-3-H)

h) Forma pronominal átona com função dativa

(67) [*Uma pessoa que não – gosta muito de ler*]<sub>i</sub> – pronto acho que – parece que – às vezes faltam-lhe<sub>i</sub> as palavras. (PE-A-2-M)

i) SP

(68) [*Sérgio Cabral*]<sub>i</sub> já esbarrei com ele<sub>i</sub> uma vez. (PB-A-3-H)

### **Grupo 10: *material interveniente***

Este grupo pretende testar a hipótese de que, do ponto de vista do processamento da informação, a presença de material interveniente favorece a ocorrência de deslocamentos à esquerda.

a) SO

(69) Então [*você*]<sub>i</sub> pra ir pra praia você<sub>i</sub> podia ir a pé. (PB-B-3-H)

b) SP

(70) [*ele*]<sub>i</sub> pelo um lado ele<sub>i</sub> tem a experiência do povo brasileiro... conhece as necessidades (PB-B-3-H)

c) Constituinte de valor adverbial<sup>15</sup>

(71) [*Eu*]<sub>i</sub> quanto a isso *eu*<sub>i</sub> não tenho nem o que me queixar deles. (PB-B-3-H)

d) Tópico

(72) [*Eu*]<sub>i</sub> responsabilidade eu<sub>i</sub> dei pros dois. (PB-B-3-H)

e) Marcador discursivo e hesitação.

(73) [*O status*]<sub>i</sub> eh: ele<sub>i</sub> não serve pra nada. (PB-B-3-M)

### **2.6.2 Fatores sociais**

Os fatores sociais observados nesta análise foram faixa etária, gênero dos informantes, grau de escolaridade e origem. Como já mencionado no início desta seção, os grupos grau de escolaridade e origem são fatores de controle, ou seja, as rodadas computacionais e, por

---

<sup>15</sup> Foram incluídos aqui os advérbios aspectuais, espaciais, intensificadores, modalizadores frásicos e SPs com valor circunstancial.

consequente, a análise foi desenvolvida a partir da distribuição dos dados segundo esta configuração.

A partir da divisão das células do *corpus* do Projeto Concordância, que divide os falantes em três *faixas etárias* - A (18-35), B (36-55) e C (mais de 55), objetiva-se fazer um estudo e tempo aparente. Embora, segundo Duarte e Paiva (2003), o estudo em tempo aparente deva ser conjugado ao estudo em tempo real, optou-se pelo estudo em tempo aparente por ainda não se dispor de um *corpus* nos mesmos moldes do que está sendo utilizado, já que estes são dados muito recentes.

O grupo *gênero dos informantes* busca verificar, em conformidade com outros estudos, se esse grupo continua não sendo relevante na distribuição percentual das construções de topicalização e de deslocamento à esquerda no PB e no PE.

Neste capítulo, apresentamos os pressupostos teórico-metodológicos que norteiam a análise desenvolvida. Quanto às teorias que sustentam este estudo, tratamos da Teoria da Mudança e da Teoria de Princípios e Parâmetros. Na seção metodologia, apresentamos os passos que orientam o estudo, descrevemos a amostra e os grupos de fatores selecionados para a caracterização das construções de topicalização e de deslocamento à esquerda no PB e no PE, segundo a variável grau de escolaridade.

No capítulo três, apresentaremos os resultados desta análise.

### 3. Os resultados

Os resultados obtidos na análise dos dados serão mostrados neste capítulo, tendo em vista os objetivos listados no capítulo 2. Em um primeiro momento, serão confrontados os resultados referentes às construções de topicalização no PB e no PE. Após isso, os resultados encontrados para os deslocamentos à esquerda nos dois sistemas serão expostos.

#### 3.1 As topicalizações

##### 3.1.1 Distribuição geral das ocorrências no PB e no PE

O gráfico 3.1 apresenta a distribuição das ocorrências da estratégia de topicalização no PB e no PE.

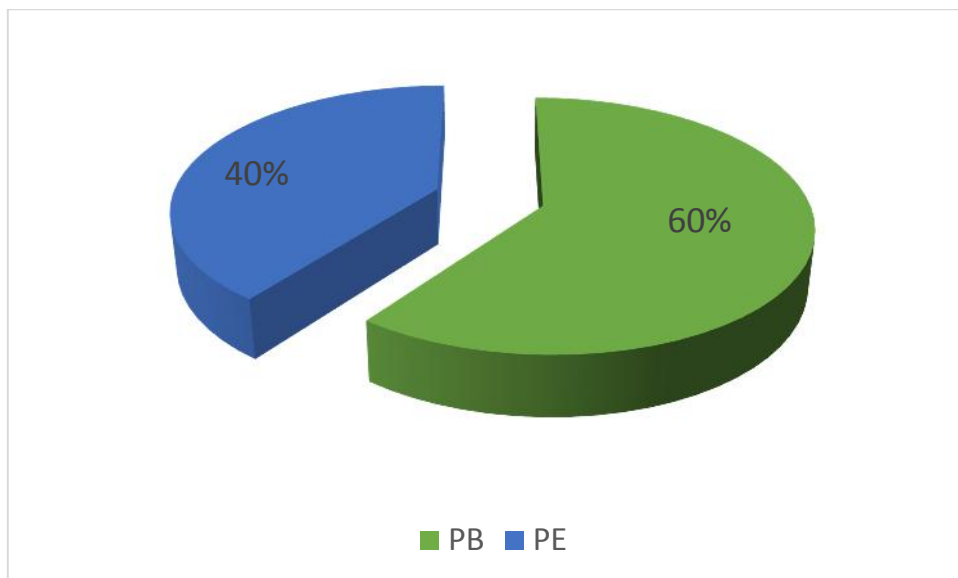


Gráfico 3.1: Distribuição das topicalizações no PB e no PE.

Conforme se observa no gráfico 3.1, do total de topicalizações encontradas na amostra, 60% ocorreram no PB, ao passo que 40%, no PE. A maior frequência de dados no PB decorre, provavelmente, do fato de essas construções não sofrerem restrições nesse sistema, diferentemente do que parece ocorrer no PE.

### 3.1.2 Caracterização estrutural das construções de topicalização segundo o grau de letramento

Conforme se observou no capítulo 2, PB e PE, neste estudo, são considerados sistemas diferentes. Por isso, na apresentação dos resultados dos grupos de fatores que se destacaram durante a análise, primeiramente, serão expostos os para o PB e, logo após, os para o PE. Vale lembrar também que a variável dependente escolhida foi o nível de escolaridade, que reflete o grau de letramento dos falantes: indivíduos que possuem nível superior completo estão no grupo [+letrado], já os falantes que não têm esse nível estão no grupo de falantes [-letrado].

#### 3.1.2.1 Função sintática a que o tópico está vinculado no comentário

O quadro 3.1 mostra a distribuição das ocorrências de topicalização por função sintática a que o tópico está vinculado no PB.

Função sintática	[-Letrado]		[+Letrado]	
	OCO	%	OCO	%
SUJ	10	19	11	25
OD	23	44	26	59
OBL	18	35	7	16
CN	1	2	-	-
Total	52	100	44	100

Quadro 3.1. Distribuição das topicalizações por função sintática no PB.

A análise do quadro 3.1 indica que, no PB, tanto entre falantes mais letrados quanto entre os menos letrados, as funções sintáticas mais recorrentes a que o tópico está vinculado são a de objeto direto, exemplificada em (1), seguida pela função de sujeito, ilustrada em (2). Entre os mais letrados, as ocorrências de TOP OD reúnem mais da metade do total de dados.

(1) [*Essa parte*]<sub>i</sub> você apaga \_\_\_\_<sub>i</sub> (PB-B-3-M)

(2) [*O que eu mais gostei de ler*]<sub>i</sub> eu acho que \_\_\_\_<sub>i</sub> foi mesmo o: o Crime e Castigo (PB-A-1-H)

As construções de topicalização de sujeito referem-se, neste trabalho, àquelas em que o sujeito tenha sido extraído do interior de uma oração subordinada, já que, em construções de contexto raiz, pode haver a interpretação da estrutura como sendo do tipo SUJEITO-PREDICADO. O exemplo (2) ilustra o tipo de estrutura que foi analisada como topicalização de sujeito, tendo em vista o fato de o tópico [*O que eu mais gostei de ler*] ter como correferente uma categoria vazia no interior da oração encaixada introduzida por *eu acho que*.

Quanto às topicalizações de oblíquo, construção ilustrada em (3), os falantes mais letrados produzem menos ocorrências que os menos letrados – diferença de 19 pontos percentuais, o que pode ser um indício de que essa estratégia seja avaliada negativamente por falantes com um grau de escolaridade maior. As topicalizações de oblíquo serão retomadas na seção 3.1.3 deste capítulo. Foi encontrado apenas um dado de tópico vinculado a um complemento de nome na fala de um indivíduo menos letrado, que está reproduzido em (4).

(3) [*Na Dilma*]<sub>i</sub> eu não sei se eu voto \_\_\_\_<sub>i</sub> (PB-B-1-H)

(4) [*Essas drogas sintéticas*]<sub>i</sub> o maior público consumidor \_\_\_\_<sub>i</sub> realmente é quem tem dinheiro realmente, né? (PB-A-2-H)

O quadro 3.2 mostra a distribuição das ocorrências de topicalização por função sintática a que o tópico está vinculado no PE.

Função sintática	[-Letrado]		[+Letrado]	
	OCO	%	OCO	%
SUJ	13	33	11	46
OD	19	49	9	37
OBL	6	15	4	17
CN	1	3	-	-
Total	39	100	24	100

Quadro 3.2. Distribuição das topicalizações por função sintática no PE.

No PE, como indica o quadro 3.2, a hierarquia na frequência das construções é a mesma que a encontrada para o PB apenas entre os menos letrados. Entre os mais letrados, a frequência das construções de TOP SUJ é superior a de TOP OD: 46% x 37%. Isso certamente é uma

consequência do alto número de construções cuja configuração sintática se caracteriza pela presença do modalizador “eu acho que”, como se verifica em (5), questão que será retomada mais adiante.

(5) [As crianças]<sub>i</sub> acho que \_\_\_<sub>i</sub> tão diferentes hoje em dia. (PE-B-3-M)

Em relação à frequência das construções de TOP OD, esperava-se um percentual mais baixo, uma vez que o PE é uma língua [- objeto nulo], preferindo preencher esta posição com um clítico. Contudo, o índice relativamente expressivo destas estruturas no sistema justifica-se pelo fato de as construções de topicalização de objeto configurarem-se num contexto favorecedor à ocorrência de objeto nulo (cf. KATO & RAPOSO, 2001 *apud* MARAFONI, 2010).

Contrariamente ao PB, não há diferença percentual significativa de topicalização de oblíquo entre os menos e os mais letrados (15% e 17%, respectivamente). Assim como no PB, houve somente um dado de topicalização de complemento nominal na fala de um indivíduo menos letrado. As frases (6) e (7) ilustram, respectivamente, as estratégias comentadas neste parágrafo.

(6) [Com os da parte da minha mãe]<sub>i</sub> não convivi \_\_\_<sub>i</sub>. (PE-C-1-M)

(7) [Isso]<sub>i</sub> eu já não tinha paciência \_\_\_<sub>i</sub>. (PE-A-2-M)

É curioso observar que nas duas ocorrências de topicalização de complemento de um nome há supressão da preposição. No exemplo (4), a preposição *de* foi suprimida, comportamento esperado já que a supressão de preposições esvaziadas de conteúdo semântico é recorrente no PB. O dado (7), por outro lado, produzido por um informante [- letrado] português causa estranheza, já que não é prevista a supressão no PE de uma preposição com mais conteúdo semântico. Por isso, acreditamos ser ambígua essa construção, do ponto de vista sintático. Além da interpretação de movimento do sintagma projetado por “paciência”, podemos interpretar que se trata de um tópico pendente, havendo apenas um elo semântico entre o tópico e o conteúdo do comentário, sendo permitida a paráfrase *quanto a isso, eu já não tinha paciência*.

### 3.1.2.2 Estrutura gramatical do tópico

Os quadros 3.3 e 3.4 mostram a natureza gramatical do tópico nas topicalizações no PB e no PE, respectivamente.

Natureza do tópico	[-Letrado]		[+Letrado]	
	OCO	%	OCO	%
SN	33	63,5	26	58
SP	8	15	4	9
Pron. demonstrativo	7	13,5	14	31
Pron. nominativo 1ª p.	2	4	-	-
Pron. nominativo 2ª p.	1	2	-	-
Oração	1	2	-	-
Total	52	100	44	100

Quadro 3.3. Natureza gramatical do tópico nas topicalizações no PB.

Natureza do tópico	[-Letrado]		[+Letrado]	
	OCO	%	OCO	%
SN	25	62,5	15	62
SP	3	7,5	4	17
Pron. demonstrativo	7	17,5	4	17
Pron. indefinido	3	10	-	-
Oração	2	2,5	1	4
Total	39	100	24	100

Quadro 3.4. Natureza gramatical do tópico nas topicalizações no PE.

Neles pode se observar que, tanto no PB quanto no PE, independentemente do grau de letramento, o tópico é preferencialmente um SN, seja ele um SN simples, como em (8), seja um



SN complexo, como em (9). Nas amostras utilizadas, não foram encontrados tópicos adjetivo ou advérbio.

(8) [*A minha primeira mulher*]<sub>i</sub> conheci \_\_\_\_<sub>i</sub> em Moscavide. (PE-C-1-H)

(9) [*Certas expressões que vocês utilizam*]<sub>i</sub> gosto muito \_\_\_\_<sub>i</sub>. (PE-A-2-M)

No PB, o segundo tipo de tópico mais recorrente entre os menos letrados é o SP (15%) (exemplo 10); enquanto, entre os mais letrados, o pronome demonstrativo é o segundo tipo mais utilizado (31%) (exemplo 11). O uso de tópicos constituídos por pronomes nominativos é pouco produtivo, tendo o pronome de 1ª pessoa, ilustrado em (12), apenas dois casos (4%), e o de 2ª, em (13), um caso (2%), ambos na fala dos menos letrados. O tópico constituído por uma oração também se mostrou pouco recorrente, uma vez que só foi encontrado um dado na fala dos menos letrados (exemplo 14).

(10) [*no Lula*]<sub>i</sub> eu votaria de novo \_\_\_\_<sub>i</sub>. (PB-B-1-H)

(11) [*isso*]<sub>i</sub> a gente sempre procurou se afasta \_\_\_\_<sub>i</sub> (PB-B-3-H)

(12) [*eu*]<sub>i</sub> quando \_\_\_\_<sub>i</sub> não tinha ela (filha) eu era muito bobona. (PB-A-1-M)

(13) [*você (documentador)*]<sub>i</sub> eu esqueci de onde \_\_\_\_<sub>i</sub> é. (PB-B-1-H)

(14) Aqui dentro da minha casa [*quem falar mal dele (o Lula)*]<sub>i</sub> eu ponho \_\_\_\_<sub>i</sub> pra fora. (PB-B-1-H)

No PE, por sua vez, o tópico constituído por pronome demonstrativo (exemplo 15) é a segunda estratégia preferida tanto pelos menos letrados quanto pelos mais letrados - 17,5% e 17%, respectivamente. Entre os mais letrados, a frequência de SP aumenta (exemplo 16), se comparada à frequência obtida para os menos letrados. Isso parece refletir a menor tolerância dos portugueses letrados em suprimir preposições na posição de tópico, conforme se verá na seção 3.1.4 deste capítulo. Foram encontrados ainda quatro casos de tópico constituído por pronome indefinido entre os menos letrados (exemplo 17); dois dados de tópico constituído por oração na fala dos menos letrados e um na fala dos mais letrados (exemplo 18). Porém, não houve nenhum caso de tópico constituído por pronome nominativo, o que é um reflexo do fato de o PE não licenciar pronomes nominativos na posição de complemento. Assim, quando o tópico é um pronome nominativo, espera-se que ele seja retomado por meio de um clítico se a

vinculação se estabelecer na função de objeto, caracterizando uma construção de deslocamento à esquerda e não de topicalização.

(15) *mas [isso]<sub>i</sub> há \_\_\_\_<sub>i</sub> em todo lado, não é?* (PE-C-1-M)

(16) *[com brasileiro]<sub>i</sub> falo \_\_\_\_<sub>i</sub> à brasileiro* (PE-A-3-M)

(17) *[tudo o que englobe desporto]<sub>i</sub> gosto de fazer \_\_\_\_<sub>i</sub>.* (PE-B-2-H)

(18) *[virem cá só para assinar para receber o dinheiro]<sub>i</sub> acho que \_\_\_\_<sub>i</sub> não vale a pena.* (PE-C-3-M)

Os resultados para o PB confirmam os da análise de Orsini (2003). Segundo a autora, a natureza morfológica ou sintagmática do tópico não é determinante, uma vez que qualquer constituinte pode ocupar a posição de tópico, característica que aproxima o sistema das línguas de tópico. Por outro lado, o PE não se comporta da mesma forma, revelando a presença de restrições.

Como a maior parte das ocorrências de topicalização tem como correferente uma categoria vazia vinculada às posições de sujeito e de objeto direto, em ambas as amostras, optou-se por estabelecer um cruzamento destas construções com a natureza gramatical do tópico. Assim, tanto no PB quanto no PE, na fala de brasileiros e portugueses com maior ou menor grau de letramento, nas topicalizações de objeto direto e de sujeito, o tópico é preferencialmente um SN, como se verifica nos exemplos (19) e (20), retirados, respectivamente, do PB e do PE.

(19) *[essa pergunta]<sub>i</sub> eu não te posso responder \_\_\_\_<sub>i</sub>* (PB-A-2-M)

(20) *[essas dificuldades]<sub>i</sub> ele sempre disse que iria ter \_\_\_\_<sub>i</sub>.* (PE-C-2-H)

No PB, entre os indivíduos menos letrados, houve ainda, nas construções de TOP OD, ocorrências de tópico demonstrativo, exemplificado em (21), e uma ocorrência de oração (22). Nas topicalizações de sujeito, foram detectados 2 dados (20%) de tópico constituído por uma forma pronominal nominativa de 1ª pessoa, como em (23), um caso de tópico demonstrativo (exemplo 24) e um caso de forma pronominal de 2ª pessoa (25).

(21) *[isso]<sub>i</sub> eu te garanto \_\_\_\_<sub>i</sub>* (PB-B-1-H)

(22) Aqui dentro da minha casa [*quem falar mal dele* (o Lula)]<sub>i</sub> eu ponho \_\_\_\_<sub>i</sub> pra fora. (PB-B-1-H)

(23) [*eu*]<sub>i</sub> quando \_\_\_\_<sub>i</sub> não tinha ela (a filha) eu era muito bobona. (PB-A-1-M)

(24) [*o que eu mais gostei de ler*]<sub>i</sub> eu acho que \_\_\_\_<sub>i</sub> foi mesmo o: o Crime e Castigo. (PB-A-1-H)

(25) [*você* (documentador)]<sub>i</sub> eu esqueci de onde é \_\_\_\_<sub>i</sub>. (PB A-1-H)

Na fala dos brasileiros mais letrados, nas topicalizações de objeto direto, além do tópico SN, foram detectados pronomes demonstrativos, como exemplificado em (26). Quando a topicalização era de um termo cujo correferente ocupava a função de sujeito, além do SN tópico, ocorreram também demonstrativos, como ilustrado em (27).

(26) [*isso*]<sub>i</sub> eu senti \_\_\_\_<sub>i</sub> na pele (PB-A-3-H)

(27) [*isso*]<sub>i</sub> eu acho que \_\_\_\_<sub>i</sub> também foi uma das coisas que me manteve esses anos todos. (PB-B-3-H)

No PE, na fala dos menos letrados, na topicalização de objeto direto ocorreram, além do SN tópico, o pronome demonstrativo (21%), o indefinido (11%) e um caso de oração (5%). As sentenças (28), (29) e (30) ilustram as demais possibilidades nas topicalizações de objeto direto no PE, na fala dos menos letrados. Nas topicalizações de sujeito, apesar da predominância do SN tópico, reunindo 72% dos dados, há também a realização do pronome demonstrativo, exemplificado em (31), e do indefinido (exemplo 32), com 14% cada. Em (32), o pronome indefinido, núcleo do SN, apresenta, à direita, uma oração relativa que funciona como um modificador restritivo.

(28) [*isso*]<sub>i</sub> já não acho \_\_\_\_<sub>i</sub> ah muito agradável (PE-B-2-M)

(29) [*tudo o que seja ligado ao desporto*]<sub>i</sub> gosto de fazer \_\_\_\_<sub>i</sub> (PE-B-2-H)

(30) [*o que se paga agora nos infantários*]<sub>i</sub> a gente não ganha para pagar \_\_\_\_<sub>i</sub> (PE-B-1-M).

(31) [*isso*]<sub>i</sub> acho \_\_\_\_<sub>i</sub> que nunca vai mudar (PE-A-2-H)

(32) [*tudo tudo aquilo que eu sou como pessoa tudo toda a minha a minha a minha maneira de estar na vida aquilo que que que considero ser correcto ou não*]<sub>i</sub> a- acho que \_\_\_\_<sub>i</sub>

advém dessa educação que eu tive que eu acho que é que é a base para qualquer para qualquer ser (PE-B-2-H)

Na fala dos portugueses mais letrados, o SN tópico ocorre 78% nas topicalizações de objeto direto, enquanto os outros demais casos são de tópico demonstrativo. Já nas topicalizações de sujeito, além do tópico SN e do demonstrativo, que alcançam os índices de 73% e 18%, respectivamente, há uma ocorrência de oração (9%), que está reproduzida em (33).

(33) [*virem cá só para assinar para receber o dinheiro*]<sub>i</sub> acho que \_\_\_\_<sub>i</sub> não vale a pena (PE C-3-M)

### 3.1.2.3 Configuração sintática

Os quadros 3.5 e 3.6 apresentam a distribuição das ocorrências de topicalização por configuração sintática.

Configuração sintática	[-Letrado]		[+Letrado]	
	OCO	%	OCO	%
Contexto raiz	32	62	32	73
Completiva de verbo	8	15	-	-
Completiva de nome	-	-	1	2
Relativa	1	2	1	2
Modalizador oracional "acho que"	9	17	9	21
Adverbial	2	4	1	2
Total	52	100	44	100

Quadro 3.5. Configuração sintática da estrutura em que ocorre o tópico nas construções de topicalização no PB.

Configuração sintática	[-Letrado]		[+Letrado]	
	OCO	%	OCO	%
Contexto raiz	21	54	13	54
Modalizador oracional "acho que"	10	26	9	38
Completiva de verbo	3	7,5	2	8
Adverbial	3	7,5	-	-
Contexto encaixado	1	2,5	-	-
Verbo de alçamento	1	2,5	-	-
Total	39	100	24	100

Quadro 3.6. Configuração sintática da estrutura em que ocorre o tópico nas construções de topicalização no PE.

Os quadros 3.5 e 3.6 mostram que, tanto no PB quanto no PE, as construções de topicalização ocorrem preferencialmente em contexto raiz, como se verifica em (34), independentemente do grau de letramento. No que se refere às construções de topicalização em contexto encaixado, ilustrado em (35), no qual tanto o tópico quanto a categoria vazia se encontram no interior de uma oração subordinada, observa-se que esse tipo de estrutura é pouco frequente, com apenas uma ocorrência no PE, encontrada na fala de um indivíduo menos letrado.

(34) [*a minha primeira mulher*]<sub>i</sub> conheci \_\_\_\_\_<sub>i</sub> em Moscavide. (PE-C-1-H)

(35) a minha família acho que [*com elas*]<sub>i</sub> sempre vou poder contar \_\_\_\_\_<sub>i</sub>. (PE-B-2-H)

A segunda configuração sintática mais produtiva nos dois sistemas foi aquela em que há uma completiva de verbo com o modalizador “*acho que*”, como em (36), que, devido à sua alta produtividade e ao seu papel discursivo (cf. capítulo 2), foi analisada separadamente das demais completivas de verbo. Entre os falantes brasileiros, essa estrutura teve uma distribuição percentual semelhante entre mais e menos letrados (20% e 17%, respectivamente). Em PE, essa estrutura ocorreu com uma frequência maior entre os mais letrados, com 38% contra 25% de ocorrências dos menos letrados. Esses resultados indicam que esse tipo de estrutura parece não ser avaliada negativamente pelos falantes da amostra aqui analisada.

(36) [*o transporte*]<sub>i</sub> acho que \_\_\_<sub>i</sub> é um dos pontos altos eu diria de Copacabana. (PB-B-3-M)

As demais completivas de verbo, tipo de estrutura exemplificado em (37), ocorreram em PB somente na fala dos menos letrados (13%), ao passo que em PE foram encontrados dados tanto entre os falantes menos letrados (10%) quanto entre os mais letrados (8%).

(37) [*essas dificuldades*]<sub>i</sub> ele sempre disse que iria ter \_\_\_\_\_<sub>i</sub> (PE-C-2-H)

Foram encontradas três construções na fala dos [- letrados] portugueses, em que o tópico se encontra fora de uma oração adverbial. A seguir, listamos as referidas construções.

(38) [*os meus netos*]<sub>i</sub> se pensarem \_\_\_<sub>i</sub> e se arranjam futuro noutra qualquer- acho que não devem olhar para trás. (PE-C-2-M)

(39) [*os meus netos*]<sub>i</sub> se pensarem e se arranjam \_\_\_<sub>i</sub> futuro noutra qualquer- acho que não devem olhar para trás. (PE-C-2-M)

(40) [*o que se paga agora nos infantários*]<sub>i</sub> a gente não ganha para pagar \_\_\_<sub>i</sub> (PE B-1-M)

Essas estruturas merecem comentário à parte. Observamos que, nos três dados, o constituinte tópico tem como referente o sujeito da oração subordinada. Como o PE é uma língua prototípica de sujeito, podemos interpretar que essas construções são básicas, estando a posição de sujeito vazia. Essa interpretação leva-nos a concluir que não houve movimento de constituinte, não caracterizando, portanto, uma topicalização. O fato de não termos exemplos com outras funções sintáticas reforça essa tese.

Confrontando as construções (38), (39) e (40) aos exemplos fornecidos por Raposo *et alii* (2013: 417-418), verificamos que a agramaticalidade das construções (41) e (42) decorre de o PE não licenciar a extração de um constituinte do interior de uma ilha sintática<sup>16</sup>, comportamento observado em nossa amostra.

(41) \*Piscina<sub>i</sub>, alguns amigos meus já foram à casa dela [que não tinha \_\_\_<sub>i</sub>].

<sup>16</sup> As ilhas sintáticas constituem impedimento ao estabelecimento de uma vinculação entre constituintes que ocorrem no interior da oração e elementos externos.

(42) \*Nesse político<sub>i</sub>, os meus amigos ficam doentes [quando as pessoas não votam \_\_\_\_<sub>i</sub>].

Ainda no PE, verificamos uma ocorrência de tópico extraído de uma estrutura com verbo de alçamento, a qual foi detectada na fala de um indivíduo menos letrado (exemplo 43). Nesta construção, o demonstrativo *isso* ocupa a posição externa à esquerda e, na posição sintática de sujeito, existe um expletivo nulo (cf. HENRIQUES, 2013).

(43) [*isso*]<sub>i</sub> parece que \_\_\_\_<sub>i</sub> não- dava-me um- sentido ah - moral e psicológico. (PE-C-2-H).

As completivas de nome (exemplo 44) e relativas (exemplo 45) ocorreram exclusivamente no PB. Embora tenham ocorrido em baixa frequência, o seu uso tanto por [-letrados] quanto por [+letrados] mostra que não existem restrições no PB, ao passo que a sua ausência no PE reforça a interpretação de que elas são agramaticais na fala de portugueses.

(44) [*várias outras coisas*]<sub>i</sub> eu tenho vontade assim de fazer\_\_<sub>i</sub> (PB-A-3-M)

(45) [*o sargento*]<sub>i</sub> a única arma que \_\_\_\_<sub>i</sub> tinha era submetralhadora. (PB-C-3H)

### 3.1.2.4 Referencialidade do SN tópico

Com este grupo, objetivamos delinear o perfil semântico-discursivo do SN tópico no PB e no PE, visto que estudos anteriores mostram que no PB não há restrições quanto ao elemento que ocupa a posição de tópico. Os quadros 3.7 e 3.8 apresentam a distribuição das ocorrências.

Referencialidade do SN	[-Letrado]		[+Letrado]	
	OCO	%	OCO	%
[+humano, +específico]	1	3	1	3,5
[+humano, -específico]	3	10	2	7
[-animado, +específico]	20	60	18	65
[-animado -específico]	9	27	7	29
Total	33	100	28	100

Quadro 3.7. Referencialidade do SN tópico nas construções de topicalização no PB.

Referencialidade do SN	[-Letrado]		[+Letrado]	
	OCO	%	OCO	%
[+humano, +específico]	6	21,5	1	6,5
[+humano, -específico]	4	14	3	20
[-animado, +específico]	12	43	10	67
[-animado, -específico]	6	21,5	1	6,5
Total	28	100	15	100

Quadro 3.8. Referencialidade do SN tópico nas construções de topicalização no PE.

No PB, independentemente do grau de letramento do falante, o SN tópico é preferencialmente [-animado], seja [+ específico], seja [-específico] (exemplos 46 e 47), respectivamente), alcançando o índice de 87% na fala dos menos letrados e de 94% nos mais letrados. O traço [+humano] alcançou o percentual de 13% (4 dados) entre os menos letrados e de 10,5% (3 dados) entre os mais letrados, havendo apenas duas ocorrências de [+humano +específico] (exemplo 48) e 7 de [+humano -específico], como em (49).

(46) [*esse menu para visitantes*]<sub>i</sub> você já não podia comer \_\_<sub>i</sub> (PB-C-3-H)

(47) [*qualquer coisa*]<sub>i</sub> eu faço \_\_<sub>i</sub> (PB-C-3-M)

(48) [*esse médico*]<sub>i</sub> mataram \_\_<sub>i</sub> lá em Maceió. (PB-B-2-M)

(49) [*advogado*]<sub>i</sub> eu não atendo \_\_<sub>i</sub> (PB-A-3-H)

No PE, por outro lado, embora o traço [-animado] também seja predominante, o índice percentual de SN tópico com traço [+humano] foi maior, com 35,5% das ocorrências entre os menos letrados e 26,5%, entre os mais letrados.

(50) [*o Bruno*]<sub>i</sub> eu conheci \_\_<sub>i</sub> através do Paulo. (PE-B-2-H)

(51) [*a maior parte deles*]<sub>i</sub> acho que \_\_<sub>i</sub> são um bocado desinteressados. (PE-C-3-H)

Esses resultados apontam que a hierarquia de referencialidade, proposta por Cyrino, Duarte e Kato (2000), atua tanto no PB quanto no PE, uma vez que, segundo ela, os referentes [- humanos] são apagados antes dos [+ humanos]. Assim, em ambos os sistemas a retomada por uma categoria vazia predomina entre os referentes [- animados].



Ao cruzarmos os grupos *constituição interna do SN tópico e referencialidade*, procedimento que permite investigar o grau de interferência do primeiro no segundo, especialmente no que se refere ao traço de *especificidade* nos referentes [- animado], observamos que, no PB, entre os referentes [-animados], há maior frequência de SNs [+ específicos] com margem preenchida. Entre os [-letrados], do total de SNs [-animados] com margem preenchida, 16 são [+específicos], o que equivale a 76% (exemplo 52). Entre os nomes nus, há uma frequência ligeiramente maior de SN [-específico] (57%) (exemplo 53).

(52) [*a Barra*]<sub>i</sub> eu acho \_\_\_\_<sub>i</sub> interessante pra quem mora lá e trabalha lá (PB-C-3-H)

(53) [*escola*]<sub>i</sub> acho que \_\_\_\_<sub>i</sub> é um instrumento poderosíssimo na formação do indivíduo (PB-A-2-H)

Para os mais letrados, em relação ao referente [-animado], o comportamento é semelhante: 75% dos SNs com margem preenchida são [+específico]. Entre os nomes nus, observa-se um equilíbrio. Esse resultado revela que a presença de margem preenchida favorece o traço [+específico] do referente inanimado já que, muitas vezes, o determinante é utilizado justamente com o objetivo de especificar/particularizar o referente. O interessante é observar que o nome nu pode ter caráter genérico ou específico, o que mostra que o traço especificidade não está restrito ao âmbito meramente estrutural, mas, pelo contrário, é determinado pelo contexto de produção, no PB.

No PE, por sua vez, os nomes nus são preferencialmente [-animado] e [+específico], comportamento relativamente distinto da fala brasileira. Os portugueses preferem nomes nus, sendo o traço *especificidade* determinado pelo contexto (exemplo 54). Por outro lado, margens preenchidas remetem preferencialmente a referentes [+ específicos] (exemplo 55), alcançando, entre os [-letrados], 70% e entre os [+letrados], 64%.

(54) [*motorista*]<sub>i</sub> acho que \_\_\_\_<sub>i</sub> não é vida para ninguém- aturar o público. (PE-A-1-H)

(55) pelo menos [*o décimo segundo (ano escolar)*]<sub>i</sub> queria fazer \_\_\_\_<sub>i</sub> (PE-A-1-H)

### 3.1.3 Topicalização de oblíquos

Nesta seção, serão analisados os casos de topicalização de oblíquo. Brito, Duarte e Matos (2003) e Raposo *et alii* (2013) afirmam que, no PE, a supressão de preposição é licenciada somente se esta for uma preposição com menos conteúdo semântico. Orsini e Vasco

(2007), por outro lado, mostram, a partir de resultados da análise das falas culta e popular do PB, que este sistema permite que qualquer tipo de preposição seja apagado.

O quadro 3.9 apresenta a distribuição das ocorrências de topicalização de oblíquo conforme a presença ou ausência de preposição com mais e com menos conteúdo semântico no PB.

Presença ou ausência da preposição <i>versus</i> natureza semântica da preposição	[-Letrado]		[+Letrado]	
	OCO	%	OCO	%
Preposição presente / - conteúdo sem.	8	44	2	29
Preposição presente / + conteúdo sem.	-	-	1	14
Preposição ausente / - conteúdo sem.	7	40	3	42
Preposição ausente / + conteúdo sem.	3	16	1	14
Total	18	100	7	100

Quadro 3.9. Presença ou ausência da preposição *versus* natureza semântica da preposição no PB.

O quadro 3.9 mostra que, no PB, do total de 25 casos de topicalização de oblíquo, 18 (72%) são realizados por falantes menos letrados, que, por sua vez, apresentam o índice percentual de supressão de preposição de 56%, sendo 40% de apagamento de preposição com menos conteúdo semântico e 16%, com mais conteúdo semântico. Entre os mais letrados, o percentual de preposição ausente também é de 56%, havendo, porém, apenas um caso de supressão de preposição com mais conteúdo semântico entre esses falantes.

O quadro 3.10 mostra a distribuição das preposições encontradas.

preposição <i>versus</i> conteúdo semântico			[-Letrado]		[+Letrado]	
			OCO	%	OCO	%
De	Presente	[+ conteúdo sem.]	-	-	1	14
		[- conteúdo sem.]	1	5,5	2	28
	Ausente	[+ conteúdo sem.]	2	11	-	-
		[- conteúdo sem.]	4	22	3	43
Em	Presente	[+ conteúdo sem.]	-	-	-	-
		[- conteúdo sem.]	8	44	-	-
	Ausente	[+ conteúdo sem.]	-	-	-	-
		[- conteúdo sem.]	1	5,5	-	-
A	Presente	[+ conteúdo sem.]	-	-	-	-
		[- conteúdo sem.]	-	-	-	-
	Ausente	[+ conteúdo sem.]	1	5,5	-	-
		[- conteúdo sem.]	-	-	-	-
Para	Presente	[+ conteúdo sem.]	-	-	-	-
		[- conteúdo sem.]	-	-	-	-
	Ausente	[+ conteúdo sem.]	1	5,5	-	-
		[- conteúdo sem.]	-	-	-	-
Com	Presente	[+ conteúdo sem.]	-	-	-	-
		[- conteúdo sem.]	-	-	-	-
	Ausente	[+ conteúdo sem.]	-	-	1	14
		[- conteúdo sem.]	-	-	-	-
Total			18	100	7	100

Quadro 3.10. Cruzamento preposição *versus* presença e ausência *versus* conteúdo semântico no PB.

Pela observação do quadro, percebe-se que, entre os menos letrados, há maior diversidade de preposições, sendo a preposição *em* a mais recorrente, sempre com menos conteúdo semântico<sup>17</sup> (exemplos 56 e 57) e, em geral, presente. A preposição *de* é a que tem o maior índice de ausência, mesmo quando possui mais conteúdo semântico, conforme ilustram os exemplos (58), em que a preposição se encontra esvaziada de conteúdo, e (59), em que a preposição *de* equivale a *acerca de*, *sobre*. Foram encontrados um caso de preposição *a* com mais conteúdo semântico ausente e um dado de preposição *para* com mais conteúdo semântico ausente (exemplos 60 e 61, respectivamente).

(56) [*determinados locais*]<sub>i</sub>; você não pode entrar \_\_\_<sub>i</sub> como prédios (PB-B-2-H)

(57) [*no Lula*] eu votaria \_\_\_<sub>i</sub> (PB-B-1-H)

(58) [*esses negócio* (filmes de violência)]<sub>i</sub>; não gosto \_\_\_<sub>i</sub> (PB-C-1-H)

(59) [*o Rio de Janeiro*]<sub>i</sub>; eu não tenho o que falar \_\_\_<sub>i</sub> (PB-A-1-M)

(60) [*cinema*]<sub>i</sub>; aqui também é muito comum as pessoas irem \_\_\_<sub>i</sub> (PB-A-2-H)<sup>18</sup>

(61) [*o hospital*]<sub>i</sub>; eu até poderia dar dez \_\_\_\_<sub>i</sub> (PB-A-2-M)

Entre os mais letrados, os dados são quase todos da preposição *de*, ora presente ora ausente. É interessante registrar que, entre os letrados, só houve uma ocorrência de preposição com mais conteúdo semântico ausente. Trata-se do dado transcrito em (62), em que há a supressão da preposição *com*.

(62) [*os projetos que nego tava desenvolvendo*]<sub>i</sub>; eu não concordava \_\_\_<sub>i</sub> (PB-B-3-H)

O quadro 3.11 ilustra a distribuição das ocorrências de topicalização de oblíquo conforme a presença ou ausência de preposição com mais e com menos conteúdo semântico no PE.

<sup>17</sup> Vale lembrar que optamos, nesta análise, por definir o grau de conteúdo semântico da preposição a partir da relação que ela estabelece com o verbo. A preposição *de*, por exemplo, associada a um verbo de movimento como *vir* carrega conteúdo semântico, diferentemente de sua ocorrência com o verbo *gostar*, em que se verifica um esvaziamento de conteúdo.

<sup>18</sup> Optamos por considerar, como prevê a tradição, a construção “ir a algum lugar”. Contudo, sabe-se que a regência comum na fala culta tem sido *ir em*, o que permite interpretar que houve a supressão da preposição *em*, ao invés da preposição *a*.

Presença ou ausência da preposição <i>versus</i> natureza semântica da preposição	[-Letrado]		[+Letrado]	
	OCO	%	OCO	%
Preposição presente / - conteúdo sem.	-	-	1	25
Preposição presente / + conteúdo sem.	3	50	3	75
Preposição ausente / - conteúdo sem.	2	34	-	-
Preposição ausente / + conteúdo sem.	1	16	-	-
Total	6	100	4	100

Quadro 3.11. Presença ou ausência da preposição *versus* natureza semântica da preposição no PE.

Apesar do baixo número de dados, no PE, conforme se observa no quadro 3.11, na fala de indivíduos portugueses menos letrados, se obteve o índice percentual de 50% de supressão, incluindo aqui uma ocorrência com mais conteúdo semântico. Em (63), há a supressão da preposição *de* com mais conteúdo semântico, já que nesse caso a interpretação que tivemos é a de que “se ouvia falar sobre poucos divórcios”; já em (64) e em (65), ocorre a supressão da preposição *de* com menos conteúdo semântico. A ocorrência desses dados indica que, entre esses falantes, a restrição à supressão de preposições com mais conteúdo semântico não atua da mesma forma como entre os letrados, já que, entre eles, não foi encontrado nenhum caso de supressão de preposição, independentemente do grau de conteúdo semântico.

(63) no meu tempo de miúda [*poucos divórcios*]<sub>i</sub> se ouviam falar \_\_\_<sub>i</sub> (PE-B-2-M)

(64) [*certas expressões que vocês utilizam*]<sub>i</sub> – gos gosto muito \_\_\_<sub>i</sub> (PE-A-2-M)

(65) [*a TV a cabo*]<sub>i</sub> eu gostava \_\_\_<sub>i</sub> que tem tem tem tem canais com muito interesse o histórico (PE-C-2-H)

Esses resultados indicam que, tanto no PB quanto no PE, na amostra analisada, o grau de letramento parece ser fator relevante para a supressão de preposição com mais conteúdo semântico, tornando-se interessante aumentar a amostra para confirmar esta expectativa.

### 3.1.4 Fatores sociais

#### 3.1.4.1 Faixa etária

Este estudo se caracteriza por ser uma análise em tempo aparente. Neste caso, a distribuição por faixa etária pode indicar uma possível mudança linguística no sistema ou, ao contrário, um comportamento estável. Embora o estudo em tempo real seja importante para responder às questões propostas por WLH (2008[1968]), as amostras do Projeto Concordância não possibilitam ainda esse tipo de análise, por serem muito recentes.

O gráfico 3.2 apresenta a distribuição percentual das ocorrências de topicalização por faixa etária no PB.

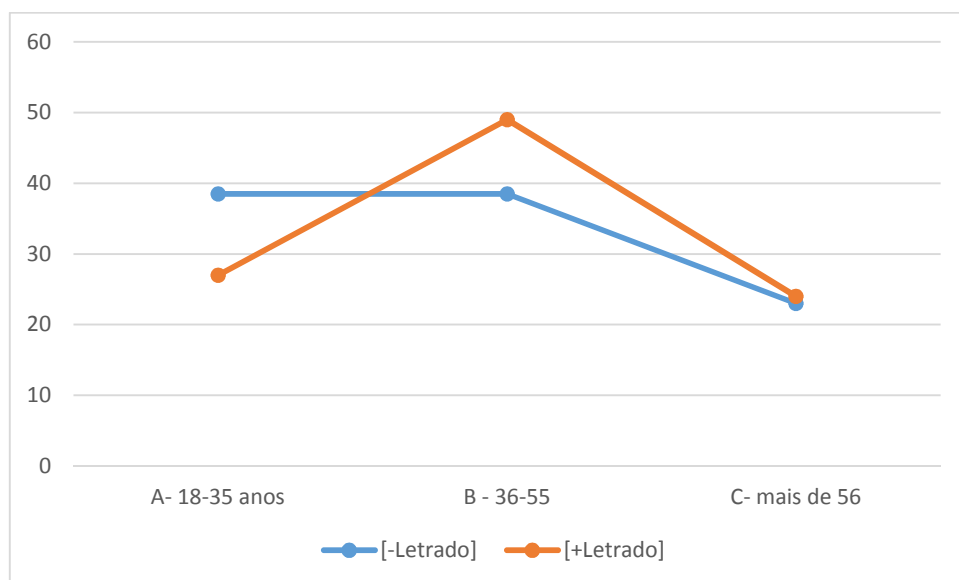


Gráfico 3.2. Distribuição das ocorrências de topicalização por faixa etária no PB.

O gráfico 3.2 mostra que, no PB, independentemente do nível de letramento, há um comportamento estável no que se refere à frequência das construções de topicalização. Isto indica que as construções já estão no sistema há bastante tempo.

O gráfico 3.3 apresenta a distribuição percentual das ocorrências de topicalização por faixa etária no PE.

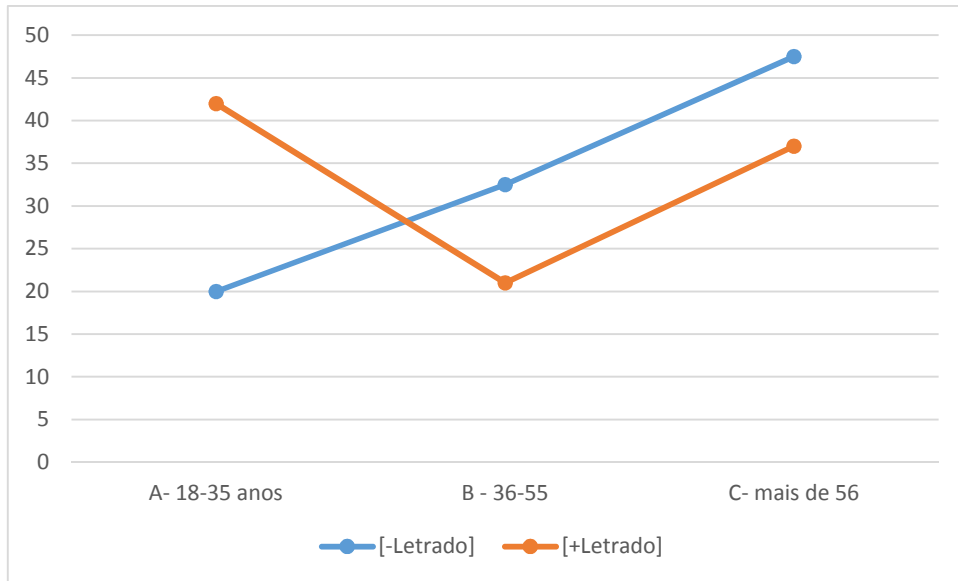


Gráfico 3.3. Distribuição das ocorrências de topicalização por faixa etária no PE.

Já entre os falantes portugueses letrados jovens, o gráfico 3.3 aponta um aumento da frequência de construções de topicalização: da faixa intermediária para a faixa jovem há uma diferença de 21 pontos percentuais, índice que deve ser levado em consideração. Porém, entre os menos letrados, não se verifica comportamento semelhante, sendo os mais velhos os que mais produzem.

Essa assimetria no comportamento de [+ letrados] e [- letrados] portugueses levou-nos a fazer o cruzamento dos grupos gênero e faixa etária dos informantes. Os percentuais obtidos para os indivíduos [+ letrados] encontram-se no quadro 3.12.

Cruzamento gênero X faixa etária [+Letrado]	Homem		Mulher	
	OCO	%	OCO	%
18-35 anos	3	50	7	39
36-55 anos	2	34	7	39
Mais de 56 anos	1	16	4	22
Total	6	100	18	100

Quadro 3.12. Cruzamento do grupo gênero e faixa etária nas topicalizações no PE [+letrado].

O quadro 3.12 mostra que o baixo número de dados entre os homens pode justificar a curva obtida para os indivíduos [+ letrados]. Num total de seis dados, a metade foi produzida por homens jovens, contribuindo para o aumento do percentual geral da faixa 1. Portanto, esta

análise não nos permite afirmar que o PE esteja apresentado um aumento das ocorrências de topicalização entre os indivíduos mais jovens.

No quadro 3.13, reúnem-se os percentuais obtidos para os falantes portugueses [-letrados]. Entre eles, o quadro mostra que os jovens menos letrados, independentemente do gênero, produzem menos topicalizações.

Cruzamento gênero X faixa etária [- Letrado]	Homem		Mulher	
	OCO	%	OCO	%
18-35 anos	5	26	3	14
36-55 anos	8	42	5	24
Mais de 56 anos	6	32	13	62
Total	19	100	21	100

Quadro 3.13. Cruzamento do grupo gênero e faixa etária nas topicalizações no PE [-letrado].

Os resultados permitem afirmar que, em se tratando de um estudo em tempo aparente, não verificamos uma tendência ao aumento da frequência das construções de topicalização entre os portugueses, independentemente do seu grau de letramento.

### 3.1.5 A topicalização no PB e no PE: generalizações

Comparando os resultados apresentados nas subseções anteriores, podemos afirmar que:

- (i) O aumento da frequência das construções de topicalização no PE, comparado aos resultados de Vasco (1999), para os falantes letrados, aponta para uma maior popularização destas construções entre os letrados portugueses.
- (ii) Quanto à configuração sintática da estrutura em que ocorre o tópico, o PB não apresenta restrições, comportamento já descrito em trabalhos anteriores; já no PE, os três dados encontrados entre os [-letrados] de categoria vazia no interior de uma oração adverbial não comprometem a interpretação de este ser uma língua de sujeito nulo.



- (iii) Em relação à posição sintática a que está vinculado o tópico no interior do comentário, notamos que, em ambas as línguas, as estratégias mais recorrentes são as topicalizações de objeto direto e as de sujeito. A topicalização de oblíquo é mais recorrente na fala dos menos letrados brasileiros, enquanto, no PE, há um equilíbrio na sua distribuição.
- (iv) No que tange à natureza gramatical do tópico, conforme já atestado, no PB, verificamos que qualquer elemento (SN, SP, pronome nominativo, pronome demonstrativo, pronome indefinido, sintagma oracional) pode ocupar a posição de tópico; já, no PE, não foram encontrados casos de topicalização em que o tópico seja constituído por um pronome nominativo.
- (v) No que se refere às topicalizações de oblíquos, no PB, o maior índice percentual foi encontrado na fala de [-letrados], que, por sua vez, é onde se verifica maior frequência de supressão de preposição, independentemente de seu grau de conteúdo semântico, embora também tenham sido detectados casos de supressão na fala de [+letrados]. No PE, por sua vez, só houve casos de supressão entre indivíduos [-letrados]. Esse resultado é uma evidência de que o grau de letramento interfere no condicionamento de determinadas estruturas no PE.
- (vi) O estudo de tempo aparente mostrou que, no PB, as ocorrências de topicalização encontram-se estáveis, independentemente do grau de letramento, resultado esperado já o sistema não apresenta restrições estruturais às construções. No PE, há um aumento da frequência entre jovens homens [+letrados]. Esse resultado precisa ser mais investigado, observando-se o comportamento das diferentes estruturas.

### 3.2 Deslocamentos à esquerda

Nesta seção, serão analisados os dados de deslocamento à esquerda. Conforme se viu no capítulo 1, há no PE o *DE clítico*, cujo tópico tem como correferente um clítico acusativo ou dativo com o qual compartilha traços de caso e de pessoa, e o *DE de tópico pendente*, em que não há uma total conectividade sintática entre o tópico e o seu correferente. Já no PB, em virtude do desaparecimento dos clíticos de terceira pessoa na fala de [+letrados] e de [-letrados] e a preferência por objetos nulos (FREIRE, 2000 e 2005), não verificamos, nos trabalhos sobre

o tema, uma subdivisão para as construções de deslocamento à esquerda, sendo, portanto, designadas apenas como construções de deslocamento à esquerda.

Do total de 163 casos de deslocamento à esquerda encontrados nos *corpora*, apenas três são de *DE clítico*, todos produzidos por falantes portugueses. Estes, listados a seguir, têm como correferente um clítico de primeira pessoa, em função dativa, o que evidencia o alto grau de sintatização dessas ocorrências. É interessante notar, ainda, que os dados foram extraídos tanto da fala de indivíduos menos letrados (dados (66) e (68)) quanto da fala dos mais letrados (dado (67)).

(66) [*a mim*]<sub>i</sub> o que me<sub>i</sub> tem valido é eu ser gênio. (PE-C-2-H)

(67) [*a mim*]<sub>i</sub> trabalhar não me<sub>i</sub> custa. (PE-A-3-H)

(68) [*a mim*]<sub>i</sub> não me<sub>i</sub> correu mal (os serviços de saúde). (PE-B-1-H)

Na próxima seção, serão analisados os casos em que o tópico é retomado por um epíteto ou um pronome, ou seja, aqueles denominados no PE de deslocamento à esquerda de tópico pendente.

### 3.2.1 Distribuição geral dos deslocamentos à esquerda no PB e no PE

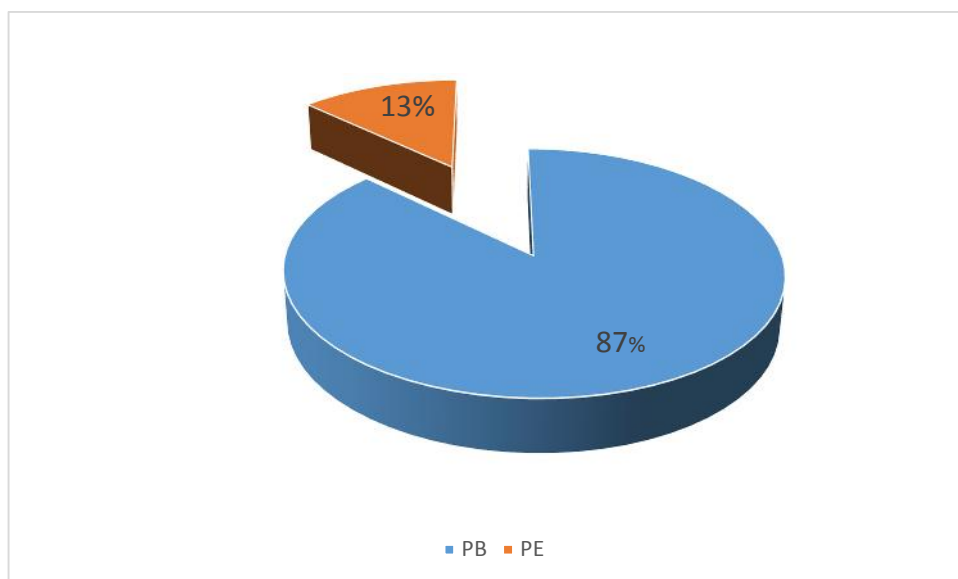


Gráfico 3.4. Distribuição geral de construções de deslocamento à esquerda no PB e no PE.

O gráfico 3.4 mostra que, do total de ocorrências de deslocamento à esquerda encontradas, 87% (136 dados) foram produzidos por falantes brasileiros, enquanto apenas 13%

(24 dados), por portugueses, o que revela ser esta construção muito mais recorrente entre brasileiros que portugueses.

### **3.2.2 Caracterização estrutural das construções de deslocamento à esquerda segundo o grau de letramento**

Para a análise dessas construções, foram considerados os seguintes fatores: função sintática do correferente a que o tópico está vinculado; presença *x* ausência de adjacência sintática entre o tópico e o correferente; estrutura do tópico; estrutura do correferente; natureza do material interveniente e, em relação ao SN tópico, referencialidade do SN e sua constituição interna.

#### **3.2.2.1.1 Função sintática do correferente a que o tópico está vinculado**

O quadro 3.14 revela que, em mais da metade dos deslocamentos à esquerda, o correferente ocupa a posição de sujeito, seja no PB, seja no PE. Em virtude desses percentuais e da sua importância para a caracterização de cada um dos sistemas em relação à tipologia das línguas proposta por Li & Thompson (1976), optamos por descrever, nesta seção, as características estruturais das ocorrências de DE em que o correferente desempenha as funções de OD, OI, complemento nominal e oblíquo para, em seção posterior, tratarmos somente das construções de deslocamento à esquerda de sujeito.

Função sintática	[-Letrado]		[+Letrado]	
	OCO	%	OCO	%
SUJ	77	95	48	87
OD	1	1	1	2
OI	-	-	1	2
CN	-	-	1	2
OBL	3	4	4	7
Total	81	100	55	100

Quadro 3.14. Distribuição das construções de deslocamento à esquerda segundo a função sintática do correferente a que o tópico está vinculado no PB.

No PB, entre os [- letrados], há apenas uma ocorrência de DE objeto direto (69), e três de DE oblíquo, exemplificado em (70). Na fala dos [+ letrados], há, além de casos de OD e de OBL, dados de objeto indireto (exemplo 71) e de complemento de nome (exemplo 72).

- (69) [*carro*]<sub>i</sub> você tem que ter ele<sub>i</sub> pra trabalhar né. (PB-C-1-H)<sup>19</sup>  
 (70) [*Realengo*]<sub>i</sub> eu me lembro de Realengo<sub>i</sub> cê sabe como? (PB-B-2-M)  
 (71) [*os dois*]<sub>i</sub> eu responsabilidade eu dei pros dois<sub>i</sub> (PB-B-3-H)  
 (72) [*o meu pai*]<sub>i</sub> eu tinha uma relação muito grande com meu pai<sub>i</sub> (PB-C-3-M)

Em (69), o tópico *o carro* é retomado no interior da sentença por *ele*, que funciona como objeto direto do verbo *ter*; em (70), o tópico *Realengo* possui como correferente o SP *de Realengo*, oblíquo nuclear projetado pelo verbo *lembrar*; em (71), o tópico *os dois* é retomado pelo SP *pros dois*, que é objeto indireto do verbo *dar*; em (72), o tópico *o meu pai* possui como correferente *com meu pai*, projetado pelo nome *relação*.

Chamam particular atenção as ocorrências (70) e (71) pelo fato de em ambas ter havido a supressão da preposição no tópico, ainda que as mesmas sejam dotadas de mais conteúdo semântico – *para* e *com*, respectivamente, não havendo, portanto, no PB, esse tipo de restrição.

O quadro 3.15 mostra a distribuição das ocorrências de deslocamento à esquerda por função sintática do correferente no PE.

<sup>19</sup> Vale aqui registrar a retomada por meio de um pronome nominativo em função acusativa, comportamento que será comentado mais adiante.

Função sintática	[-Letrado]		[+Letrado]	
	OCO	%	OCO	%
SUJ	12	70	2	33
OD	2	12	2	33
CN	1	6	-	-
OBL	1	6	-	-
OI	1	6	2	33
Total	17	100	6	100

Quadro 3.15. Distribuição das construções de deslocamento à esquerda segundo a função sintática do correferente a que o tópico está vinculado no PE.

Enquanto no PB há, na fala dos [+ letrados], construções de DE em que o tópico se encontra vinculado a diferentes funções sintáticas, no PE, os falantes [- letrados] são os que diversificam mais, uma vez que, foram encontrados casos de DE objeto indireto (exemplo 73), complemento nominal (exemplo 74), oblíquo (exemplo 75) e objeto direto (exemplo 76). Entre os [+ letrados], por sua vez, foram encontrados casos DE objeto direto (exemplo 77) e de objeto indireto (exemplo 78).

(73) [*uma pessoa que não – gosta muito de ler*]<sub>i</sub> – pronto acho que – parece que – às vezes faltam-lhe<sub>i</sub> as palavras. (PE-A-2-H)

(74) [*esta bagunça*]<sub>i</sub> é natural que haja mais países com esta bagunça<sub>i</sub>. (PE-C-1-H)

(75) [*Guimarães*]<sub>i</sub> gostei muito de Guimarães<sub>i</sub>. (PE-C-1-H)

(76) [*uma boa educação*]<sub>i</sub> isso<sub>i</sub> tive. (PE-C-1-M)

(77) [*inglês*]<sub>i</sub> falo inglês<sub>i</sub>. (PE-B-3-M)

(78) e depois aquilo começa a ser um esforço muito grande e [*o Tomás*]<sub>i</sub> até porque tinha problemas de nariz o cloro atacou-lhe<sub>i</sub>. (PE-C-3-M)

Em (73), o tópico *uma pessoa que não gosta muito de ler* é retomado no interior do comentário por meio do clítico dativo *lhe*, que funciona como objeto indireto do verbo *faltar*; em (74), o tópico *esta bagunça* tem como correferente o SP *com esta bagunça*, que complementa o nome *países*; *Guimarães*, em (75), é retomado na sentença comentário através

do SP, que é um oblíquo projetado pelo verbo *gostar*; em (76), o tópico *uma boa educação* possui como correferente o demonstrativo *isso*, argumento interno do verbo *ter*; o tópico *inglês* é retomado em (77) por meio do SN idêntico *inglês*; já em (78), *Tomás* tem como correferente o clítico *lhe*, embora o verbo atacar seja transitivo direto.

Vale lembrar que ocorrências em que o tópico é um SN retomado pelo clítico *lhe* não foram tratadas como DE clítico, visto que se estabelece menor grau de sintatização entre o tópico e seu correferente (cf. RAPOSO *et alii*, *op. cit.*).

### 3.2.2.1.2 Referencialidade do SN tópico

No PB, quando o tópico é constituído por um SN, há uma diferença entre os falantes mais e menos letrados. Na fala destes foram encontrados somente SNs com o traço [-animado], ilustrado em (70) e retomado em (79). Já entre os [+letrados], as ocorrências envolvem tanto um tópico [+humano] – exemplo (80), quanto um tópico [-animado] – exemplo (81).

(79) [*Realengo*]<sub>i</sub> eu me lembro de Realengo<sub>i</sub> cê sabe como? (PB-C-2-M)

(80) [*Sérgio Cabral*]<sub>i</sub> já esbarrei com ele<sub>i</sub> um vez. (PB-A-3-H)

(81) [*a Barra*]<sub>i</sub> eu acho interessante pra quem mora lá<sub>i</sub> e trabalha lá. (PB-C-3-H)

No PE, entre os [-letrados], encontramos um caso de SN com os traços [+humano, –específico], ilustrado em (73) e retomado em (82), e três de SN [-animado + específico], exemplificado em (75)<sup>20</sup> e repetido (83). Já na fala dos [+letrados], detectamos apenas dois SNs, um com o traço [+humano +específico] - (78, repetido em 84) - e outro com o traço [-animado + específico] – (77, repetido em 85).

(82) [*uma pessoa que não – gosta muito de ler*]<sub>i</sub> – pronto acho que – parece que – às vezes faltam-lhe<sub>i</sub> as palavras (PE-A-2-M)

(83) [*Guimarães*]<sub>i</sub> gostei muito de Guimarães<sub>i</sub>. (PE-C-1-H)

(84) [*o Tomás*]<sub>i</sub> até porque tinha problemas de nariz o cloro atacou-lhe<sub>i</sub>. (PE-C-3-M)

(85) [*Inglês*]<sub>i</sub> falo inglês<sub>i</sub>. (PE-B-3-M)

<sup>20</sup> Nesta ocorrência, o informante refere-se à cidade de Guimarães, em Portugal.

Quanto à referencialidade do SN nas construções de deslocamento à esquerda, excluídos os dados de DE sujeito, PB e PE se comportam de maneira relativamente diferente: no PE parece haver uma resistência do falante a produzir um SN tópico [- específico], restrição ausente do PB.

### 3.2.2.1.3 Constituição interna do SN tópico

Na fala dos [- letrados] brasileiros, encontramos somente dois casos de SN, ambos sem margem preenchida, como mostra o exemplo (69), repetido aqui como (86). Entre os [+ letrados], a configuração de SN mais recorrente foi a com margem esquerda preenchida, exemplificado em (81) e retomado em (87).

(86) [*carro*]<sub>i</sub> você tem que ter ele<sub>i</sub> pra trabalhar né. (PB-C-1-H)

(87) [*a Barra*]<sub>i</sub> eu acho interessante pra quem mora lá<sub>i</sub> e trabalha lá. (PB-C-3-H)

No PE, embora o número de dados tenha sido baixo, há uma leve preferência por SNs com a margem esquerda preenchida, conforme se observa no exemplo (76), que está aqui repetido em (88), tanto entre os menos quanto entre os mais letrados.

(88) [*Uma boa educação*]<sub>i</sub> sim isso<sub>i</sub> tive (PE-C-1-M)

### 3.2.2.1.4 Configuração sintática das construções de DE

O quadro 3.16 mostra a distribuição das ocorrências de DE no PB conforme a configuração sintática da estrutura em que aparecem o tópico e o correferente.

Configuração sintática PB	[-Letrado]		[+Letrado]	
	OCO	%	OCO	%
Contexto raiz	4	80	4	66
Tópico e correferente sem adjacência	1	20	2	33
Total	5	100	6	100

Quadro 3.16. Distribuição das ocorrências de DE no PB conforme a configuração sintática, excluídos os casos de DE sujeito.

No que diz respeito à configuração sintática da estrutura em que ocorrem o tópico e o correferente, o quadro 3.16 mostra que, entre os [- letrados], houve quatro casos de DE em contexto raiz, como o exemplo mostrado em (69) e repetido em (89), e um caso de tópico e correferente sem adjacência, exemplificado em (90). Na fala dos [+letrados], encontramos também quatro casos de DE em contexto raiz, conforme se observa em (91), e dois casos em que o tópico e o correferente não possuem adjacência sintática, que ocorreram em um único período, como o exemplo (81), renumerado como (92).

(89) [*carro*]<sub>i</sub> você tem que ter ele<sub>i</sub> pra trabalhar né (PB-C-1-H)

(90) [*lá no posto seis*]<sub>i</sub> por exemplo a maior parte das pessoas que moram lá<sub>i</sub> já moram lá há cinquenta anos. (PB-B-2-M)

(91) [*isso tudo*]<sub>i</sub> antigamente você não tinha isso<sub>i</sub> (PB-B-3-H)

(92) [*a Barra*]<sub>i</sub> eu acho interessante pra quem mora lá<sub>i</sub> e trabalha lá (PB-C-3-H)

A ausência de adjacência sintática se caracteriza pelo fato de o tópico estar fora de uma oração subordinada, como verificamos em (90) e (92), em que os correferentes estão respectivamente em uma oração subordinada relativa restritiva e em uma oração subordinada relativa sem antecedente expresso.

Ao cruzarmos os grupos função sintática e configuração sintática, observamos que, no PB, tanto entre os [- letrados] quanto entre os [+ letrados], a ausência de adjacência sintática ocorreu apenas em dados de DE oblíquo, ilustrado em (90) e repetido como (93).



(93) [*lá no posto seis*]<sub>i</sub> por exemplo... a maior parte das pessoas que moram lá<sub>i</sub> já moram lá há cinquenta anos mais... entendeu? (PB-B-2-M)

O quadro 3.17 apresenta a distribuição das ocorrências de DE conforme a configuração sintática no PE.

Configuração sintática	[-Letrado]		[+Letrado]	
	OCO	%	OCO	%
Contexto raiz	4	80	4	100
Tópico e referente sem adjacência	1	20	-	-
Total	5	100	4	100

Quadro 3.17. Distribuição das ocorrências de DE no PE conforme a configuração sintática, excluídos os casos de DE sujeito.

No PE, como mostra o quadro 3.17, encontramos, na fala dos [- letrados], três casos de DE em que tanto o tópico quanto o correferente estão em contexto raiz como em (74), repetido em (94), e dois dados em que tópico e correferente não possuem adjacência sintática, observado em (73) e renumerado como (95). Na fala dos [+ letrados] foram encontrados apenas casos de DEs em contexto raiz, como (77), que está repetido em (96).

(94) [*esta bagunça*]<sub>i</sub> é natural que haja mais países com esta bagunça<sub>i</sub> (PE-C-1-H)

(95) [*uma pessoa que não – gosta muito de ler*]<sub>i</sub> – pronto acho que – parece que – às vezes faltam-lhe<sub>i</sub> as palavras (PE-A-2-M)

(96) [*inglês*]<sub>i</sub> falo inglês<sub>i</sub> (PE-B-3-M)

Ao cruzarmos os grupos função sintática e configuração sintática, observamos, no PE, que houve apenas um dado sem adjacência sintática entre os [- letrados]. Trata-se de uma ocorrência de DE objeto indireto, explicitado em (73), que segue como (97), em que o tópico está na oração matriz e o correferente está no interior de uma oração subordinada completiva de verbo.

(97) [*uma pessoa que não gosta muito de ler*]<sub>i</sub> pronto acho que parece que às vezes faltam-lhe<sub>i</sub> as palavras (PE-A-2-M)

### 3.2.2.1.6 Cruzamento dos grupos natureza gramatical do tópico e do correferente

O quadro 3.18 mostra o resultado para o cruzamento dos grupos natureza gramatical do tópico e do correferente no PB.

	[-Letrado]				[+Letrado]						
	Tópico SN		Tópico advérbio		Tópico SN		Tópico SN pronome demons.		Tópico SP		
	OCO	%	OCO	%	OCO	%	OCO	%	OCO	%	
Pronome nominativo – terceira pessoa	1	50	-	-	-	-	-	-	-	-	-
SP	1	50	-	-	2	50	1	50	1	100	
Advérbio	-	-	2	100	2	50	-	-	-	-	
Demons.	-	-	-	-	-	-	1	50	-	-	
Total	2	100	2	100	4	100	2	100	1	100	

Quadro 3.18. Cruzamento dos grupos natureza gramatical do tópico e natureza gramatical do correferente nos casos de DE, excluídos os casos de DE sujeito, no PB.

O cruzamento dos grupos natureza gramatical do tópico e do correferente revelou que, no PB, entre os [- letrados], o tópico SN é retomado por SP (exemplo 70, renumerado como 102) ou por pronome nominativo em função acusativa (exemplo 69, retomado em 103) e, quando o tópico é um SP, o correferente é um advérbio (exemplo 90, que está a seguir como 104). Já entre os [+ letrados], além do tópico SP e SN, foram encontrados demonstrativos retomados ora por outro demonstrativo (exemplo 91, repetido como 105) ora por um SP, ilustrado em (106).

(102) [*Realengo*]<sub>i</sub> eu me lembro de Realengo<sub>i</sub> cê sabe como? (PB-B-2-M)

(103) [*carro*]<sub>i</sub> você tem que ter ele<sub>i</sub> pra trabalhar né (PB-C-1-H)

(104) [*lá no posto seis*]<sub>i</sub> por exemplo... a maior parte das pessoas que moram lá<sub>i</sub> já moram lá há cinquenta anos mais... entendeu? (PB-B-2-M)

(105) [*isso tudo*]<sub>i</sub> antigamente você não tinha isso<sub>i</sub> (PB-B-3-H)

(106) [*isso*]<sub>i</sub> eu não tinha pensado nisso<sub>i</sub> (PB-A-3-H) D SP

O quadro 3.19 apresenta o resultado para o cruzamento dos grupos natureza gramatical do tópico e do correferente no PE.

	[-Letrados]				[+Letrados]	
	Tópico SN		Tópico demonstrativo		Tópico SN	
	OCO	%	OCO	%	OCO	%
SP	2	50	-	-	-	-
Demonstrativo	2	50	1	100	-	-
SN	-	-	-	-	1	100
Total	4	100	1	100	1	100

Quadro 3. 19. Cruzamento dos grupos natureza gramatical do tópico e natureza gramatical do correferente nos casos de DE, excluídos os casos de DE sujeito, no PE.

No PE, entre os [- letrados] foram encontrados dois casos de tópico SN retomado por SP, um caso de tópico demonstrativo que tem como correferente um demonstrativo, um SN retomado por um demonstrativo, exemplificado em (77) e renumerado como (107), e um caso de SN retomado por um clítico de terceira pessoa, ilustrado em (74) e repetido em (108). Na fala dos mais letrados, encontramos dois casos de pronome nominativo de primeira pessoa na posição de tópico retomado por um clítico dativo de primeira pessoa, estratégia exemplificada em (109), um dado de SN tópico que possui como correferente um clítico de terceira pessoa e um de SN tópico retomado por SN idêntico, conforme se observa em (78), que se repete a seguir como (110).

(107) [*uma boa educação*]<sub>i</sub> sim isso<sub>i</sub> tive (PE-C-1-M)

(108) [*uma pessoa que não gosta muito de ler*]<sub>i</sub> pronto acho que parece que às vezes faltam-lhe<sub>i</sub> as palavras (PE-A-2-M)

(109) [*eu*]<sub>i</sub> dá-me<sub>i</sub> ideia que eles são curiosos percebes? (PE-C-3-M)

(110) [*inglês*]<sub>i</sub> falo inglês<sub>i</sub> (PE-B-3-M)

### 3.2.3 Fatores sociais

A análise de cada grupo de fator social isoladamente não nos permitiu chegar a nenhuma observação significativa, tendo em vista o número reduzido de ocorrências tanto em PB quanto em PE. Dessa forma, optamos por fazer alguns cruzamentos, o que forneceu resultados mais consistentes.

#### 3.2.3.1 Cruzamento dos grupos gênero e faixa etária

O quadro 3.20 mostra o cruzamento dos grupos *gênero* e *faixa etária* no PB.

Gênero x Faixa- etária	[-Letrado]				[+Letrado]			
	Homem		Mulher		Homem		Mulher	
	OCO	%	OCO	%	OCO	%	OCO	%
A	-	-	-	-	2	33	-	-
B	-	-	3	100	2	33	-	-
C	1	100	-	-	2	33	1	100
Total	1	100	3	100	6	100	1	100

Quadro 3.20. Cruzamento dos grupos *gênero* e *faixa etária* no PB nos casos de DE, excluídos os de DE sujeito.

Observamos que, entre os [- letrados], no PB, a maior parte das ocorrências de DE, excluídos os casos de DE sujeito, foi produzida por informantes do gênero feminino, na faixa etária de 35 a 55 anos, enquanto, na fala dos [+ letrados], há uma predominância de dados nas entrevistas de homens, distribuídos igualmente por todas as faixas etárias.

O baixo número de dados bem como sua distribuição percentual permitem-nos afirmar que estas construções revelam um comportamento de estabilidade no sistema, tendo em vista o estudo em tempo aparente aqui desenvolvido, resultado por nós esperado.

O quadro 3.21 apresenta o cruzamento dos grupos *gênero* e *faixa etária* no PE.

Gênero x Faixa etária	[-Letrado]				[+Letrado]			
	Homem		Mulher		Homem		Mulher	
	OCO	%	OCO	%	OCO	%	OCO	%
A	-	-	1	50	-	-	-	-
B	-	-	1	50	-	-	1	25
C	3	100	-	-	-	-	3	75
Total	3	100	2	100	-	-	4	100

Quadro 3.21. Cruzamento dos grupos *gênero* e *faixa etária* no PE nos casos de DE, excluídos os de DE sujeito.

Na fala dos [- letrados], no PE, há um equilíbrio na distribuição das ocorrências por gênero dos informantes, porém, os homens que produziram os dados, como podemos observar no quadro 3.21, estão na terceira faixa etária, que reúne informantes com mais de 55 anos. Entre os [+ letrados], todas os dados foram coletados de entrevistas de informantes do gênero feminino, sendo um na fala de uma informante na faixa dos 35-55 anos e os outros na fala de informantes na faixa de 55 anos ou mais. Embora o número de dados seja bem pequeno no PE, observamos que estes se concentram na fala de mulheres, fato que merece ser destacado.

### 3.2.4 As construções de DE sujeito no PB

Conforme vimos no início da seção 3.2.2, na maior parte dos deslocamentos à esquerda, tanto no PB quanto no PE, o tópico possui como correferente um elemento que ocupa a função de sujeito na sentença-comentário. No entanto, no PE, como mostramos no quadro 3.14, houve um número pequeno de ocorrências dessa estrutura, se comparado ao PB. Por isso, faremos, nesta seção, uma análise sociolinguística do comportamento dessas construções no PB para, na seção seguinte, analisarmos apenas qualitativamente essas estruturas no PE.

Nesse estudo, levamos em conta os seguintes fatores: referencialidade do SN tópico, configuração sintática da estrutura em que ocorrem tópico e correferente, constituição interna do SN tópico, material interveniente, natureza do tópico *x* natureza do correferente e, quanto aos fatores sociais, gênero e faixa etária.

### 3.2.4.1 Referencialidade do SN tópico

O quadro 3.22 apresenta a referencialidade do SN tópico no PB.

Referencialidade do SN	[-Letrado]		[+Letrado]	
	OCO	%	OCO	%
[+humano][+específico]	20	36	14	42
[+humano][-específico]	17	31	5	15
[-humano][-específico]	-	-	1	3
[-animado][+específico]	17	31	13	40
Total	55	100	33	100

Quadro 3.22. Referencialidade do SN tópico nos Deslocamentos à esquerda de sujeito no PB.

Na fala dos [- letrados], o SN tópico é preferencialmente [+ humano], totalizando 67% dos dados. Quanto ao traço *especificidade*, verificamos uma distribuição bem equilibrada, podendo o referente ser [+ específico] (exemplo 111) ou [- específico] (exemplo 112). Por outro lado, entre os [+ letrados], aumenta a frequência dos dados em que o referente é [- animado ou - humano] (exemplo 113), chegando a 43%.

(111) [*a faxineira daqui*]<sub>i</sub> ela<sub>i</sub> mora na favela (PB-B-1-H)

(112) [*o professor particular*]<sub>i</sub> ele<sub>i</sub> tem recurso (PB-B-2-H)

(113) [*a segurança*]<sub>i</sub> ela<sub>i</sub> é melhor que vários lugares (PB-B-3-M)

A distribuição percentual encontrada para os [- letrados] aproxima-se da obtida por Paula (2012), que constatou, nos dois períodos estudados por ela, uma predominância de SN com o traço [+humano].

Este comportamento reflete a proposta de hierarquia de referencialidade (cf. Cyrino, Kato e Duarte, *op. cit.*), uma vez que referentes definidos favorecem o preenchimento do sujeito. Desta forma, sendo as construções de deslocamento à esquerda de sujeito um efeito colateral do fato de o brasileiro preencher sujeitos de referência definida, é esperado que as

construções de DE sujeito sejam muito frequentes com referentes [+ humano], não havendo, porém, impedimento para a retomada de um referente [- animado].

### 3.2.4.2 Configuração sintática da estrutura em que ocorrem tópico e correferente

A distribuição das ocorrências de DE sujeito conforme a configuração sintática da estrutura em que aparecem tópico e correferente está apresentada no quadro 3.23.

Configuração sintática	[-Letrado]		[+Letrado]	
	OCO	%	OCO	%
Tópico e correferente com adjacência	72	93,5	46	96
Tópico e correferente sem adjacência	5	6,5	2	4
Total	77	100	48	100

Quadro 3.23. Configuração sintática DE sujeito – PB.

No que diz respeito à configuração sintática da estrutura em que ocorrem o tópico e seu correferente no PB, encontramos, tanto na fala dos [- letrados] quanto na fala dos [+ letrados], tópico e correferente com adjacência sintática, seja em contexto raiz (exemplo 114), seja no interior de uma oração subordinada (exemplo 115). Essa similaridade na distribuição percentual indica que o grau de letramento não é relevante para a configuração sintática da estrutura de DE sujeito.

(114) [*a maioria das minhas amigas*]<sub>i</sub> assim elas<sub>i</sub> eram da barreira do Vasco (PB-A-2-M)

(115) acho que [*a demanda*]<sub>i</sub> ela<sub>i</sub> é/era muito grande (PB-B-2-H)

### 3.2.4.3 Constituição interna do SN tópico

O quadro 3.24 mostra a distribuição das construções de DE sujeito cujo tópico é um SN, segundo a sua constituição interna.

Constituição interna do SN	[-Letrado]		[+Letrado]	
	OCO	%	OCO	%
Sem margem preenchida	1	2	-	-
Margem esquerda preenchida	32	62	14	50
Margens direita e esquerda preenchidas	18	36	14	50
Total	51	100	28	100

Quando 3.24. Constituição interna do SN tópico nos deslocamentos à esquerda de sujeito no PB.

Coletamos, na fala dos [- letrados], 98% de SN tópico com margem preenchida e apenas 2% (1 dado) em que não há margem preenchida, ilustrado em (116). Entre os [+ letrados], não encontramos nenhum caso de SN sem margem preenchida, estando os dados distribuídos igualmente entre margem esquerda preenchida, exemplificado em (117), e ambas as margens preenchidas, como no exemplo (118).

(116) [*César Maia*]<sub>i</sub> por exemplo ele<sub>i</sub> saneou: né... muita favela (PB-B-1-H)

(117) [*o flanboyant*]<sub>i</sub> ele<sub>i</sub> avançava na varanda que tinha no apartamento (PB-C-3-M)

(118) [*as pessoas mais jovens*]<sub>i</sub> ai que horror... elas<sub>i</sub> tão ficando com uma linguagem muito SMS (PB-B-3-M)

### 3.2.4.4 Material interveniente

No PB, entre os menos letrados, o índice percentual de dados de DE sujeito em que existe, entre o tópico e o correferente, algum material interveniente foi de 39%, enquanto entre os mais letrados, o índice foi de 41%, o que indica que o grau de letramento não é um fator



relevante para a ocorrência de material. A distribuição desses dados é apresentada no quadro 3.25.

Material interveniente	[-Letrado]		[+Letrado]	
	OCO	%	OCO	%
Expressão adverbial	16	53	8	40
Marcador discursivo	-	-	2	10
Oração	14	47	8	40
SP	-	-	1	5
Tópico	-	-	1	5
Total	30	100	20	100

Quadro 3.25. Material interveniente entre tópico e correferente nos casos de DE sujeito no PB.

O quadro 3.25 mostra que, entre os menos letrados, apenas dois tipos de material interveniente foram encontrados: expressão adverbial, como no exemplo (119), com 53% e oração, conforme o exemplo (120), com 47%. Na fala dos mais letrados, além de expressões adverbiais e orações, com 40% cada, encontramos dois casos (10%) de marcadores discursivos, tipo exemplificado em (121), um de sintagma preposicional, ilustrado em (122), e um de tópico, mostrado em (123).

(119) [*a maioria das minhas amigas*]<sub>i</sub>; assim elas<sub>i</sub> eram da barreira do Vasco 326 (PB-A-2-M)

(120) [*minha mãe*]<sub>i</sub>; quando eu era pequena ela<sub>i</sub> não trabalhava (PB-A-2-M)

(121) [*o status*]<sub>i</sub>; eh: ele<sub>i</sub> não serve pra nada (PB-B-3-M)<sup>21</sup>

<sup>21</sup> Incluímos, conforme exposto no capítulo 2, hesitação e marcador discursivo no mesmo rol.

(122) olha o Lula eu acredito que ele tenha sido bom porque [*ele*]<sub>i</sub> pelo um lado ele<sub>i</sub> tem a experiência do povo brasileiro (PB-B-3-H)

(123) os dois [*eu*]<sub>i</sub> responsabilidade eu<sub>i</sub> dei pros dois (PB-B-3-H)

### 3.2.4.5 Natureza do tópicos *x* natureza do correferente

Nos quadros 3.26 e 3.27, mostramos os resultados do cruzamento dos grupos natureza do tópicos e do correferente.

	[-Letrado]							
	Tópico SN		Tópico pronome lexical – primeira pessoa		Tópico pronome lexical – segunda pessoa		Tópico pronome lexical – terceira pessoa	
	OCO	%	OCO	%	OCO	%	OCO	%
SN	5	10	-	-	-	-	-	-
Pronome nominativo – primeira pessoa	-	-	19	100	-	-	-	-
Pronome nominativo – terceira pessoa	45	88	-	-	-	-	4	100
Pronome nominativo – referência arbitrária	-	-	-	-	3	100	-	-
Demonstrativo	1	2	-	-	-	-	-	-
Total	51	100	19	100	3	100	4	100

Quadro 3.26. Cruzamento dos grupos natureza do tópicos e natureza do correferente nos casos de DE sujeito no PB – [-letrados].

	[+Letrado]							
	Tópico SN		Tópico pronome lexical – primeira pessoa		Tópico pronome lexical – segunda pessoa		Tópico pronome lexical – terceira pessoa	
	OCO	%	OCO	%	OCO	%	OCO	%
SN	2	8	-	-	-	-	-	-
Pronome nominativo – primeira pessoa	-	-	8	100	-	-	-	-
Pronome nominativo – terceira pessoa	26	92	-	-	-	-	5	100
Pronome nominativo – referência arbitrária	-	-	-	-	7	100	-	-
Total	28	100	8	100	7	100	5	100

Quadro 3.27. Cruzamento dos grupos natureza do tópico e natureza do correferente nos casos de DE sujeito no PB – [+letrados].

Entre os [-letrados], quando o tópico é constituído por um SN, o correferente que aparece com mais frequência é o pronome nominativo de 3ª pessoa (exemplo 124), com 88% dos casos, seguido do correferente SN, como em (125), com 10%; também encontramos um caso de SN retomado por demonstrativo, ilustrado em (126). Quando o tópico é um tópico pronome, seja pronome nominativo, de 1ª e de 3ª pessoas, seja pronome de 3ª pessoa com referência arbitrária, a retomada ocorre por elementos idênticos, como exemplificado em (127).

Na fala dos [+letrados], assim como nos [-letrados], nos casos em que o tópico é um SN, o correferente é preferencialmente um pronome nominativo de 3ª pessoa, com o índice percentual de 92%, havendo apenas dois dados (8%) em que o tópico SN é retomado por um SN; já quando o tópico é um pronome, da mesma forma que na fala dos [-letrados], encontramos tópicos pronomes nominativos de 1º, de 3º pessoa e de referência arbitrária, sempre retomados por correferente idêntico (exemplos 128 e 129); não foi encontrada nenhuma ocorrência de tópico SN retomado por pronome demonstrativo na fala dos mais letrados.

(124) [*o colégio particular*]<sub>i</sub> ele<sub>i</sub> tem coisas boas (PB-B-2-H)

(125) [*a UPP*]<sub>i</sub> a UPP<sub>i</sub> é uma fachada (PB-B-1-H)

(126) [*a importância de conhecer Deus*]<sub>i</sub> isso<sub>i</sub> é a coisa mais certa do mundo (PB-C-1-M)

(127) [*eu*]<sub>i</sub> quando não tinha ela (a filha) eu<sub>i</sub> era muito bobona (PB-A-1-M)

(128) eu acho que [*ele*]<sub>i</sub>...como político ele<sub>i</sub> não não é bem/ um bom político (PB-B-3-H)

(129) [ *você que trabalha em sistemas grandes*]<sub>i</sub> você<sub>i</sub> não tem esse tempo disponível (PB-B-3-H)

### 3.2.4.6 Fatores sociais

Assim como nos deslocamentos à esquerda cujo correferente não ocupava a oposição de sujeito, nos casos de DE sujeitos, não analisamos os grupos de fatores sociais isoladamente, uma vez que houve um comportamento estável dos falantes no que se refere ao grupo faixa etária, e a diferença percentual de ocorrências entre homens e mulheres foi pequena. Desta forma, ao cruzamos os grupos gênero e faixa etária obtivemos os resultados apresentados nos gráficos 3.5 e 3.6.

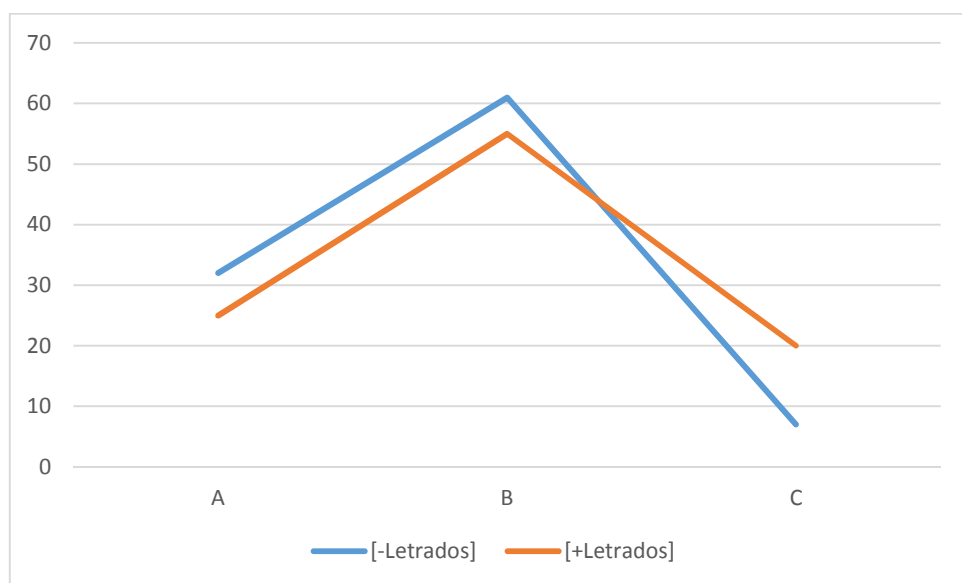


Gráfico 3.5. Distribuição das ocorrências de DE sujeito na fala dos homens por faixa etária no PB.

O gráfico 3.5 indica que, entre os homens, independentemente do grau de letramento, há uma estabilidade na distribuição das ocorrências de DE sujeito por faixa etária, sendo a maior parte dos dados encontrados na fala dos mais jovens.

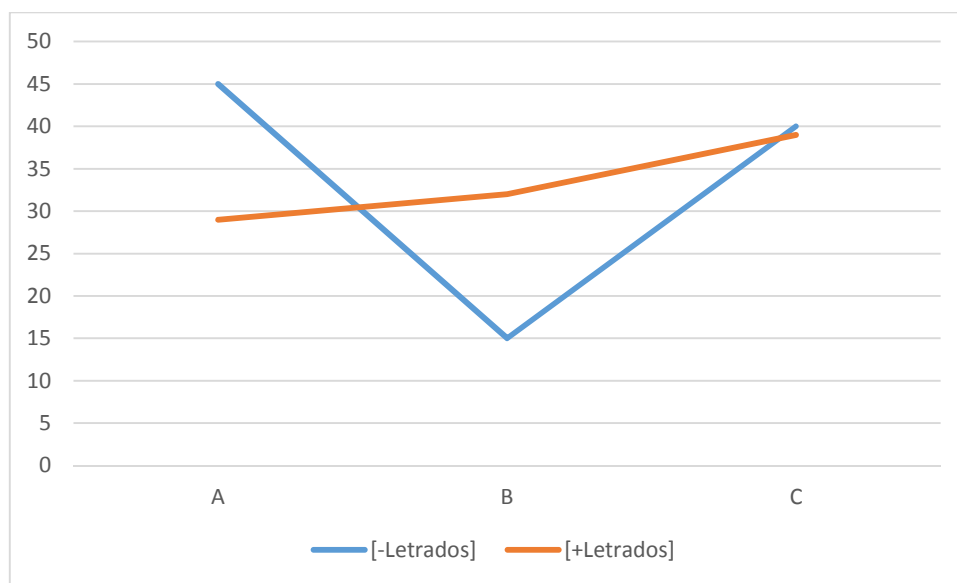


Gráfico 3.6. Distribuição das ocorrências de DE sujeito na fala das mulheres por faixa etária no PB.

O comportamento das mulheres, por sua vez, como mostra o gráfico 3.6, difere do dos homens. Enquanto na fala das menos letradas, a maior parte das ocorrências foi extraída da fala das mais jovens, na fala das mulheres mais letradas, embora haja equilíbrio na distribuição dos dados, encontramos mais casos nas entrevistas das mais velhas. Isso pode indicar um certo conservadorismo das mulheres em relação aos homens, já que esta estrutura é avaliada negativamente pela escola e pela mídia.

### 3.2.5 As construções de DE sujeito no PE

Como já afirmamos em 3.2.1, as construções de DE sujeito no PE não são produtivas na amostra analisada, tendo em vista que encontramos somente 14 casos, que estão listados a seguir, sendo 12 na fala dos menos letrados e 2 na dos mais letrados.

(130) [*eles*]<sub>i</sub> agora depois eles<sub>i</sub> vêm que ele é uma criança (PE-A-1-H)

(131) [*eu*]<sub>i</sub> eu<sub>i</sub> não sei quer dizer isto é uma opinião pessoal (PE-C-1-M)

(132) [*eu*]<sub>i</sub> eu<sub>i</sub> sou assim também não é? (PE-C-1-M)

(133) [*o meu pai*]<sub>i</sub> nunca me lembro de ele<sub>i</sub> me bater (PE-C-1-M)

(134) [*eu*]<sub>i</sub> eu<sub>i</sub> faria assim (PE-C-1-M)

(135) [*eu*] eu<sub>i</sub> sei o que existe aqui (PE-C-1-H)

(136) pelo menos [*a minha mãe*] gostava que ela<sub>i</sub> abrisse um restaurante- e depois o resto- logo se via (PE-A-2-H)

(137) ai [*a Chica*]<sub>i</sub>- ai essa<sub>i</sub> era uma macaca (PE-C-2-M)

(138) e além disso tenho um um neto da América a estudar na Austrália e tenho um neto de Lisboa estudar na Holanda portanto [*todos*]<sub>i</sub>- dá-me ideia que todos<sub>i</sub> querem é sair de cá e ninguém quer vir para cá (PE-C-2-M)

(139) [*eu*] a hora de levantar eu<sub>i</sub> sou um bocadinho preguiçosa (PE-C-2-M)

(140) só que [*eu*] depois eu<sub>i</sub> questiono-me se o nosso está em sétimo lugar como é que estarão os outros (PE-B-1-H)

(141) [*o iphone que saiu em Portugal*]<sub>i</sub> aquilo<sub>i</sub> custa quinhentos euros (PE-B-1-H)

(142) eu ficava furiosa porque [*eu*]<sub>i</sub> eu<sub>i</sub> gostava de ir mas não aguentava (PE-C-3-M)

(143) quer dizer [*nós*]<sub>i</sub> nós<sub>i</sub> somos excepção não é? (PE-C-3-M)

Os exemplos arrolados acima mostram que, no que tange à referencialidade do SN tópico<sup>22</sup>, o tópico é predominantemente [+humano, + específico] na fala dos menos letrados, como podemos observar nos exemplos (133), (136) e (137). Não houve nenhum caso de SN tópico ou de pronome anafórico de terceira pessoa entre os mais letrados.

Nesses exemplos de tópico SN, vimos que este sempre possui a margem esquerda preenchida, ocorrendo em um desses casos preenchimento da margem direita também (exemplo 141).

Verificamos ainda que a configuração sintática mais recorrente, seja entre os mais seja entre os menos letrados, é a de tópico e correfente em contexto raiz. Além dessa configuração,

---

<sup>22</sup> Vale lembrar que incluímos, entre os casos de SN tópico, ocorrências em que o tópico é um pronome referencial de 3° pessoa.

encontramos também casos em que não há adjacência entre tópico e correferente (exemplos 133 e 136).

Do total de casos de DE sujeito no PE, 28% (4 dados extraídos da fala de menos letrados) apresentam, entre tópico e SN, algum tipo de material interveniente, que geralmente é uma expressão adverbial, como ilustram os exemplos (130) e (140).

Entre os menos letrados, a combinação de tópico e correferente mais recorrente foi a de tópico pronome nominativo de primeira pessoa retomado por elemento idêntico<sup>23</sup>, como se pode observar em (134). Nos dois casos de DE sujeito encontrados na fala dos mais letrados, o tópico pronome nominativo de primeira pessoa é retomado por um pronome idêntico.

### 3.2.5.1 Fatores sociais

Para que seja possível comparar os resultados obtidos para o PB, analisamos os grupos gênero e faixa etária conjuntamente também nos dados coletados do PE. Os resultados encontram-se nos gráficos 3.7 e 3.8.

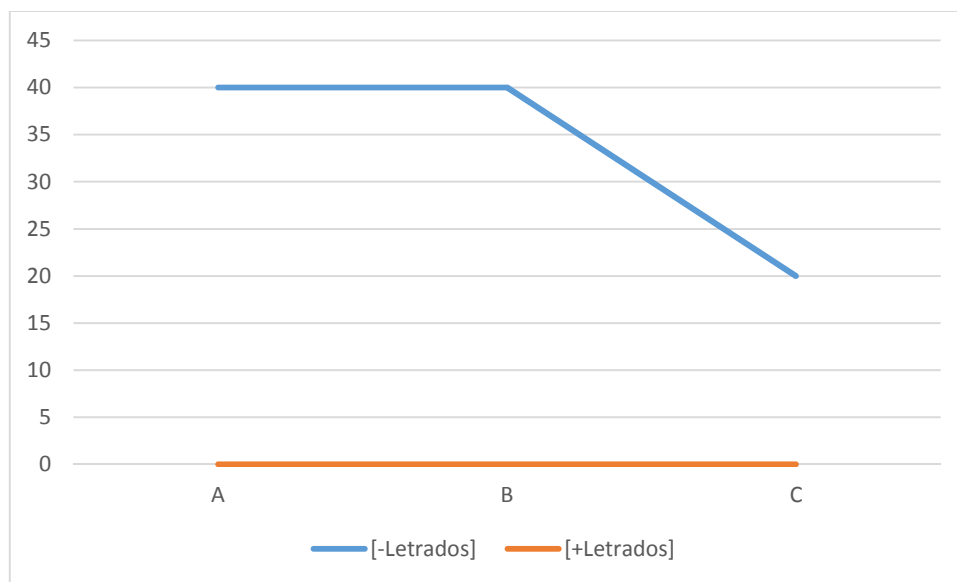


Gráfico 3.7. Distribuição das ocorrências de DE sujeito na fala dos homens por faixa etária no PE.

<sup>23</sup> Dos casos em que há uma retomada por pronome idêntico sem material interveniente, foram considerados como DE apenas aqueles em que não verificamos se tratar de uma hesitação do falante, havendo ou pausa entre pronome forte e pronome fraco ou ênfase.

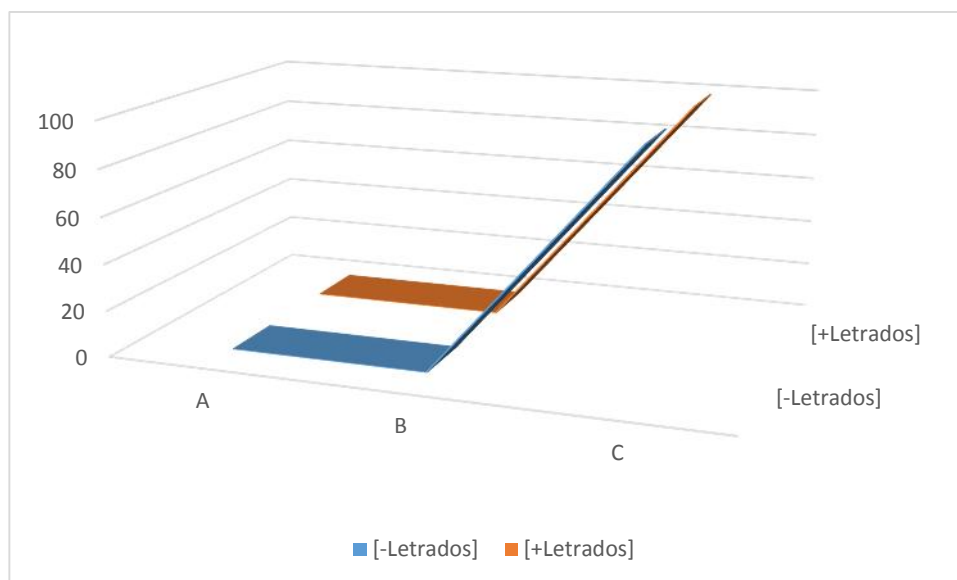


Gráfico 3.8. Distribuição das ocorrências de DE sujeito na fala das mulheres por faixa etária no PE.

O gráfico 3.7 mostra que, entre os homens mais letrados, não encontramos nenhuma ocorrência de DE sujeito, ao passo que, na fala dos menos letrados, o índice percentual encontrado nas duas faixas etárias mais jovens chega a 80%. Isso, no entanto, não indica que esteja acontecendo uma mudança no PE, pois o número de dados encontrados foi baixo; pode apenas evidenciar que, entre os homens, o grau de letramento influencia o uso da estratégia de DE sujeito.

Já o comportamento das mulheres mostra que o grau de letramento não tem influência sobre o uso de DE sujeito, uma vez que, tanto na fala das menos letradas quanto na das mais letradas, encontramos somente dados na fala das mais velhas. Esse comportamento permite afirmar que, entre as mulheres, também não há nenhum indício de mudança no PE.

### 3.2.5.2 DE sujeito no PB e no PE: generalizações

Comparando os resultados apresentados nas subseções anteriores, podemos afirmar que:

- (i) A baixíssima frequência de DE sujeito no PE indica que essa estratégia sofre restrições decorrentes do fato de ser esse sistema uma língua marcada positivamente para o Parâmetro do Sujeito Nulo; por outro lado, a alta frequência de ocorrências no PB é um efeito colateral da tendência de o sujeito de referente definido ser preenchido.



(ii) No que diz respeito à referencialidade do SN tópico, o PB apresenta maior liberdade do que o PE, tendo em vista o fato de neste só ocorrer SN cujos traços são [+humano, +específico], já naquele há a possibilidade de SN com os traços [-humano, -específico] e [-animado, +específico].

(iii) No PB, encontramos SN tópico e correferente tanto com adjacência sintática quanto sem adjacência sintática, ao passo que no PE predomina as estruturas com adjacência sintática, havendo apenas dois dados de SN tópico e correferente com adjacência sintática (exemplos 137 e 141). Isso ocorre por haver no PE uma restrição por retomada por nominativo com adjacência sintática. Esta só ocorre quando o pronome nominativo é sujeito em uma oração subordinada, como ocorre em (136).

(iv) Em relação ao material interveniente entre tópico e correferente, encontramos no PB uma variedade de constituintes, já no PE coletamos somente casos em que havia uma expressão adverbial ou um marcador discursivo / hesitação.

(v) O cruzamento dos grupos estrutura do tópico e estrutura do correferente diferencia substancialmente PB de PE. Neste, entre os poucos dados de DE sujeito encontrados, houve uma preferência por tópico pronome retomado por elemento idêntico, havendo apenas um caso de SN retomado por demonstrativo, um caso em que um pronome indefinido foi retomado por elemento idêntico e dois casos de SN retomado por pronome. No PB, por sua vez, há várias possibilidades de combinação, sendo a mais recorrente, tanto entre menos quanto entre mais letrados, SN tópico retomado por pronome nominativo de terceira pessoa.

(vi) No que se refere ao cruzamento dos grupos gênero e faixa etária, percebemos que, no PB, não há diferenças substanciais, enquanto no PE, entre os homens, não houve nenhum dado retirado da fala de mais letrados e, na fala dos menos letrados, há uma distribuição regular por faixa etária, ao passo que, independentemente do grau de letramento, todas as ocorrências foram extraídas da fala de mulheres com mais de 55 anos.

#### 4. Considerações finais

Esta pesquisa teve o objetivo de, numa perspectiva interlinguística, analisar o comportamento das construções de topicalização e de deslocamento à esquerda no PB e no PE por meio de um estudo em tempo aparente.

Os resultados apresentados corroboram os resultados de estudos anteriores, já que não encontramos mudanças significativas no comportamento do uso dessas construções em ambos os sistemas, havendo apenas um leve aumento percentual na frequência de uso das construções de topicalização na fala dos portugueses mais letrados se comparado ao resultado obtido por Vasco (1999).

A distribuição das ocorrências das duas estratégias pesquisadas mostrou que a complementaridade entre deslocamento à esquerda e topicalização no PB, já observada em diversas análises, também está presente na amostra analisada. Dessa forma, enquanto a maior parte dos DE possui como correferente um elemento que ocupa a posição de sujeito, a maioria das topicalizações tem uma categoria vazia correferente com a função de objeto direto. Essa complementaridade está relacionada aos processos de mudança pelos quais o PB passa desde o último século, que resultaram na preferência por sujeitos expressos e objetos nulos, seguindo a escala de referencialidade proposta por Cyrino, Duarte e Kato (2000). Embora os resultados para o PE também indiquem uma possível complementaridade entre as duas estratégias, devemos ressaltar o fato de, no caso das topicalizações, o estudo de Marafoni (2010) já ter indicado que essa construção é um dos contextos favorecedores do objeto nulo e, no caso dos DE sujeito, sua frequência de ocorrências ser extremamente baixa.

Os resultados mostram que o uso das estratégias não sofre qualquer restrição no PB, ao passo que no PE, há diversas restrições estruturais atuando. Quanto à *configuração sintática* da estrutura em que ocorre o tópico nas topicalizações, o PB não apresenta restrições, comportamento já descrito em trabalhos anteriores; já no PE, as barreiras sintáticas continuam atuando. Nos deslocamentos à esquerda, no PB, encontramos maior equilíbrio na distribuição dos dados em que havia adjacência entre tópico e correferente e em que não havia; já no PE, a baixa frequência de não adjacência sintática pode estar relacionada à restrição de nominativos retomando SN tópico quando há adjacência sintática.

Nas topicalizações, no que diz respeito à *natureza gramatical do tópico*, no PB, verificamos que qualquer elemento pode ocupar a posição de tópico; já, no PE, não foram

encontrados casos de topicalização em que o tópico seja constituído por um pronome nominativo.

No estudo de DE sujeito, o cruzamento dos grupos *estrutura do tópico e estrutura do correferente* mostra que há diferenças significativas entre PB e PE. Neste, entre os poucos dados de DE sujeito encontrados, houve uma preferência por tópico pronome retomado por elemento idêntico. No PB, por sua vez, há várias possibilidades de combinação, sendo a mais recorrente, tanto entre menos quanto entre mais letrados, SN tópico retomado por pronome nominativo de terceira pessoa.

No que se refere às topicalizações de oblíquos, no PB, o maior índice percentual foi encontrado na fala de [-letrados], que, por sua vez, é onde se verifica maior frequência de *supressão de preposição*, independentemente de seu grau de conteúdo semântico, embora também tenham sido detectados casos de supressão na fala de [+letrados]. No PE, por sua vez, só houve casos de supressão entre indivíduos [-letrados]. Esse resultado é uma evidência de que o grau de letramento interfere no condicionamento de determinadas estruturas no PE.

No que diz respeito à *referencialidade do SN tópico*, nos deslocamentos à esquerda, o PB apresenta maior liberdade do que o PE, tendo em vista o fato de neste ocorrer SN cujos traços são predominantemente [+humano, +específico]; observamos, porém, uma maior liberdade de ocorrência de SNs nas topicalizações no PE.

O estudo de *tempo aparente* mostrou que, no PB, as ocorrências de topicalização encontram-se estáveis. No PE, há um aumento da frequência entre jovens homens [+letrados]. Esse resultado precisa ser mais bem investigado em outras análises. Quanto aos deslocamentos à esquerda, fizemos o cruzamento dos grupos *gênero e faixa etária*, e percebemos que, no PB, não há diferenças significativas, enquanto no PE, entre os homens, não houve nenhum dado retirado da fala de mais letrados e, na fala dos menos letrados, há uma distribuição regular por faixa etária, ao passo que, independentemente do grau de letramento, todas as ocorrências foram de mulheres com mais de 55 anos.

Esperamos, com este trabalho, ter contribuído para os estudos de sintaxe comparativa entre PB e PE no que tange ao fenômeno das construções de tópico marcado, já que este encontra-se intimamente relacionado ao comportamento de cada gramática em relação à marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo.

## 5. Referências Bibliográficas

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BELFORD, Eliaine. *Topicalização de objetos e deslocamento de sujeitos na fala carioca: um estudo sociolinguístico*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2006.

BERLINCK, Rosane; DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia & OLIVEIRA, Marilza de. Predicação. In: KATO, Mary. & NASCIMENTO, Milton do. *Gramática do português culto falado no Brasil – a construção da sentença*. Campinas, Ed. da Unicamp, 2009.

BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês. & MATOS, Gabriela. Estrutura das frases simples e tipos de frases. In: Mateus et alii (orgs.). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho Editorial, 2003, p.433-506.

CALLOU, Dinah; MORAES, João & LEITE, Yonne. A topicalização no português do Brasil: sintaxe e prosódia. In: *Anais do II Congresso da ASSEL-RJ*. Faculdade de Letras, UFRJ, p.89-97, 1993.

CASTILHO, Ataliba de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CAVALCANTE, Silvia Regina de Oliveira & MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. Novo olhar sobre as construções com se: para além da questão da concordância. In: DUARTE, M. E. L. (org) *O sujeito em peças de teatro: estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola, 2012, p. 143-160.

CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

COSTA, João. PB e PE: orientação para o discurso importa? In: *Revista Estudos da língua(gem)*, Vitória da Conquista: V. 8 N° 1, 2010, p. 123-143.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon, 5º Ed., 2008.

CYRINO, Sônia, DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia & KATO, Mary. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: Kato, M. e Negrão, Esmeralda V. (eds.). *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt-Madrid: Vervuert-Iberoamericana, 2000, p. 55-73.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. Construções de tópico em português: uma abordagem diacrônica a luz do encaixamento no sistema pronominal. In: TARALLO, Fernando (org.). *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas, SP: Pontes, 1989.

DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I. & KATO, M. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora Unicamp, 1993, p. 107-128.

\_\_\_\_ & KATO, Mary. A mudança paramétrica e orientação para o discurso. Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Universidade do Minho, Braga, 2008.

\_\_\_\_ & PAIVA, Maria Conceição. Introdução: a mudança linguística em curso. In: M. da Conceição Paiva; M. Eugenia L. Duarte. (Org.). *Mudança Lingüística em Tempo Real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003, p. 13-30.

\_\_\_\_, Apresentação. In: \_\_\_\_ (org) *O sujeito em peças de teatro: estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola, 2012.

FREIRE, Gilson Costa. *Os clíticos de terceira pessoa e as estratégias para sua substituição na fala culta brasileira e lusitana*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2000.

\_\_\_\_. *A realização do acusativo e do dativo anafóricos de terceira pessoa na escrita brasileira e lusitana*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2005.

GALVES, Charlotte. A gramática do português Brasileiro. In: *Línguas e Instrumentos Lingüísticos*, . Campinas: Pontes, 1998, p.79-96.

HENRIQUES, Fernando Pimentel. *Construções com verbo de alçamento que selecionam um complemento oracional: uma análise comparativa do PB e PE*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2013.

KATO, Mary; DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia; CYRINO, Sônia & BERLINCK, Rosane. Português brasileiro no fim do século XIX e na virada do milênio. In: CARDOSO, S. MOTA, J. e MATTOS E SILVA, R. V. (org). *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: Empresa gráfica da Bahia/Funcultura/Governo da Bahia, 2006, p. 413-438.

\_\_\_\_\_ & MIOTO, Carlos. A arquitetura da gramática. In: KATO, Mary & NASCIMENTO, Milton. do. (orgs) *Gramática do Português culto falado no Brasil*. V,3. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

\_\_\_\_\_ & DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia. Restrições na distribuição de sujeitos nulos no português brasileiro. *Veredas* (UFJF. Online), v. 18, 2014, p. 1-22.

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

\_\_\_\_\_ *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford, Blackwell, 1994.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah; MORAES, João. & RODRIGUES, Violeta *et alii*. Tópicos e adjuntos. In: CASTILHO, Ataliba & BASÍLIO, Margarida. *Gramática do português falado*. vol 4, UNICAMP/FAPESP, 1996, 99-104.

LI, Charles. & THOMPSON, Sandra. Subject and topic: a new typology of language. In: Li, Charles (ed). *Subject and Topic*. New York: Academic Press, 1976, p.457-489.

MARAFONI, Renata. *A distribuição do objeto nulo no português europeu e no português brasileiro*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2010.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina & VASCONCELOS, Ruth Elizabeth. *Novo Manual de Sintaxe*. Florianópolis: Insular, 3º ed., 2007.

MATEUS, Maria Helena Mira. *et alii*. Gramática da Língua Portuguesa. Lisboa: Caminho Editorial, 2003.

MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza. (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. SP: Contexto, 2003.

ORSINI, Mônica Tavares. *As construções de tópico no português do Brasil: uma análise sintático-discursiva e prosódica*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/ UFRJ, 2003.

\_\_\_\_\_. & PAULA, Mayara Nicolau de. Sujeitos deslocados à esquerda e mudança paramétrica no PB. In: *Revista do GELNE – Revista do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste/UFPB*, vol. 13, nº 2, 2011.

\_\_\_\_\_. & VASCO, Sergio Leitão. Português do Brasil: língua de tópico e de sujeito. In: *Diadorim - Revista de Estudos Linguísticos e Literários da Pós Graduação da UFRJ*, Rio de Janeiro: UFRJ, Vol.2, p.83-98, 2007.

\_\_\_\_\_. As construções de tópico marcado em peças teatrais brasileiras dos séculos XIX e XX. In: DUARTE, M. E. L. (org) *O sujeito em peças de teatro: estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola, 2012.

PAULA, Mayara Nicolau de. *As construções de deslocamento à esquerda de sujeito no PB: um estudo em tempo real de curta duração*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2012.

PERINI, Mário. *Para uma nova gramática do português*. 8.ed. Sao Paulo: Atica, 1995.

PONTES, Eunice. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

RAPOSO, Eduardo. *et alii. Gramática do Português*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, V.2, 2013.

RAMOS, Jânia. “Sociolinguística Paramétrica” ou “Variação Paramétrica?”. In: HORA, Dermeval da & CHRISTIANO, Elizabeth (orgs.). *Estudos linguísticos: realidade brasileira*. João Pessoa: Ideia. p. 83-94, 1999.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da língua portuguesa*. 46ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

SOARES DA SILVA, Humberto. Evidências da mudança paramétrica em dados da língua-E: o sujeito pronominal no português e no espanhol. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2011.

TARALLO, Fernando. e KATO, Mary. Harmonia trans-sistêmica: variação intra e interlinguística. In: *Diadorim - Revista de Estudos Lingüísticos e Literários da Pós Graduação da UFRJ*, Rio de Janeiro: UFRJ, Vol.2, pp.13-42, 2007.

VAREJÃO, Filomena de Oliveira Azevedo. *Variação em estruturas de concordância verbal e em estratégias de relativização no português europeu popular*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 2006.

VASCO, Sergio. Leitão. *Construções de tópico no Português: as falas brasileira e portuguesa*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras / UFRJ, 1999.

\_\_\_\_\_. *Construções de tópico na fala popular*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2006.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William & HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Tradução de Marcos Bagno. Revisão Técnica de Carlos Alberto Faraco. Posfácio de Maria da Conceição e Maria Eugênia Lamoglia Duarte. São Paulo: Parábola Editorial. A Symposium (em 1966) editado por LEHMANN, W.P. & MALKIEL, Y. Directions for Historical Linguistics. Austin-London: University of Texas Press, p. 95-195, 2006 [1968].